

No mundo de Chico Xavier — Entrevistas — Chico Xavier e Elias Barbosa

Por quê?

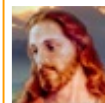
Por que um livro relacionando informações do médium Francisco Cândido Xavier, se ele já foi instrumento dos Bons Espíritos para o lançamento de quase uma centena de volumes diversos, em quarenta anos consecutivos de mediunidade?

Semelhante pergunta, decerto, repontará aqui e além, diante do nosso trabalho, entretanto, responderemos com uma série de contra-perguntas, convidando o leitor amigo à reflexão e ao estudo em torno dos problemas da imortalidade.

Rezam as tradições que Moisés peregrinou durante **quarenta anos**, através do deserto, orientando o povo israelita para a libertação do cativeiro do Egito.

Admiramo-nos dessa pertinácia e muitos estudiosos existem que relegam o feito para o domínio das narrativas lendárias.

Com Xavier, porém, temos uma criatura que há precisamente **oito lustros** iniciou longa excursão no terreno do intercâmbio



com o Mundo Espiritual. Não será isso o fato digno de menção? Como terá vivido, nesses **quatro decênios** de trabalho ininterrupto? Que terá sentido, visto, ouvido? que experiências acumulou? que opiniões formula hoje do seu longo contato com a Espiritualidade? que notícias nos dá de suas próprias impressões na psicografia dos livros que são lidos por milhares e milhares de pessoas espíritas e não espíritas? como se comportou diante das incompreensões dos caminhos percorridos? como se sente no avançado marco de tempo, na sua viagem medianímica? que diz para os iniciantes da mesma estrada? se apenas alcançou nesta encarnação os rudimentos da escola primária, recebeu dos amigos desencarnados instruções subsequentes, à feição de cursos supletivos?

Não somos daqueles que encontram nos médiuns pessoas diferentes da Humanidade, portadores de milagres e carismas e conquanto estimemos em Chico Xavier um excelente amigo, sabemo-lo alma humana, com as qualidades felizes ou menos felizes que nos caracterizam a todos, os filhos da Terra. Mas justamente por aceitá-lo assim, qual se mostra na simplicidade e sinceridade de suas próprias declarações, é que voltamos ao nosso inquérito. Por que outras criaturas, com as mesmas características de humanidade, entre as lutas e as vicissitudes inerentes à nossa vida planetária não fazem o mesmo,

recolhendo-se à mediunidade para servir e auxiliar os irmãos do caminho?

E se Chico Xavier fosse alguém com virtudes particulares e excepcionais — conquanto lhe respeitemos as qualidades de amigo, para quem se volta a nossa estima sincera, — que vantagem haveria em servir de instrumento dos Espíritos Benfeitores, em meio de nós outros, homens igualmente carregados pelos empecos morais, que nos assinalam as experiências terrestres? por que todos os médiuns que se iniciam no trabalho espiritual não persistem através do tempo, reconhecido o fato de que muitos esmorecem no ardor doutrinário, quando as responsabilidades da obra começam a lhes pesar mais intensivamente nos ombros? Se o próprio Xavier não se afirma obreiro de virtudes especiais, por que se mantém leal à Espiritualidade, há **quarenta anos** sucessivos, de vez que também não se sente credor de auxílios especiais? Há quem diga que Chico possui cultura vastíssima, entretanto, sabemos que ele se empregou aos onze anos de idade em 1921 e trabalhou sem pausa, no setor profissional, até 1961, quando se aposentou, na condição de Escriurário ao Ministério da Agricultura; não ignoramos ainda que Xavier é portador de grave moléstia ocular que perdura há mais de trinta anos; com o trabalho intenso da vida material e com os cuidados incessantes na preservação da possível saúde orgânica, não tem tido

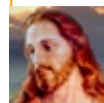
tempo e recursos físicos nos últimos quarenta anos para ser um devorador de livros; mas, concedendo-se-lhe, ainda, elevada posição entre os autodidatas, uma pergunta nos surge imperiosa, espontânea... Se foi o estudo o responsável por mais de noventa volumes, todos eles respeitáveis, na vida de Xavier, por que razão, nós outros, os que estamos premiados pelos títulos acadêmicos, e que, por força da profissão, estamos intimados ao convívio incessante com os livros, não produzimos bagagem literária do mesmo teor? Se as obras trazidas ao mundo pelas mãos de Xavier são fruto de osmose imaginária da cultura com a inteligência, como não exigir das pessoas cultas que façam o mesmo? Por outro lado, dispondo de elementos tão vastos para senhorear o campo das letras, com inequívocas possibilidades de extrair dele os mais ricos filões da fortuna material, por que permaneceria Xavier na mesma vida simples, sem aceitar quaisquer proventos dos livros de que é, aliás, co-autor, na condição de médium, quando poderia faturar milhares de cruzeiros, anualmente, por direitos autorais?

Estas são as perguntas das muitas que o caso Chico Xavier nos suscita ao raciocínio, mas fiquemos por aqui e entreguemos nosso despretenso volume aos leitores interessados na vida eterna de nossos Espíritos eternos. Eles como nós, sabem que Xavier é médium

da Doutrina Espírita e que em lhe
coleccionando **nestas páginas mais de
trezentas questões** que lhe foram
endereçadas, tentamos agradecer-lhe a
dedicação à Causa do Cristo e da
Humanidade, no Espiritismo, dispondo-
os, todos nós — ele conosco e nós outros
com ele, — a estudar, sentir, aprender,
trabalhar e viver com a Doutrina Espírita,
em nossas vidas, agora, sempre e cada
vez mais.

.Elias Barbosa

Uberaba, 3 de outubro de 1967.
(Quadragesimo ano das atividades
mediúnicas de Chico Xavier).



1

Chico Xavier — Psicografia de 1927 a 1931



De quando a quando, líamos aqui e ali, anotações de escritores e jornalistas desfavoráveis ao Espiritismo, apresentando o nosso amigo e médium Francisco Cândido Xavier à feição de pastichador, simplesmente porque a imprensa do Brasil e de Portugal lhe lançara o nome — F. Xavier — ao mundo das letras, em algumas páginas de prosa e poesia, entre 1929 e 1931, quando o médium de Emmanuel mal chegava aos vinte de idade.

Perguntávamos a nós mesmos a razão de semelhantes acusações quando Chico Xavier, desde a publicação de “*Parnaso de Além-Túmulo*”, em 1932, nunca mais compareceu nos jornais e revistas da língua portuguesa, na condição de autor de qualquer trabalho literário.

Entendendo-se que a produção extensa e preciosa que lhe assinala a bagagem mediúnica, perdura, ininterrupta, no largo tempo de sete lustros consecutivos, não seria justo considerar as páginas de sua primeira juventude como ensaios dos próprios poetas desencarnados a lhe exercitarem as faculdades, através da inspiração? Por que as diatribes dos inimigos do Espiritismo contra o médium, nesse sentido, se trinta e cinco anos de ação medianímica, segura e construtiva, pesam sobre apenas dois anos de experimentos?

Tais perguntas vagavam em nossa mente, quando “Reformador” de julho de 1967 nos ofereceu o notável artigo do Professor Ismael Gomes Braga — “Chico Xavier em 40 anos” —, explicando como se verificou a publicação das páginas primitivas da psicografia de Chico Xavier. Entusiasmado com os esclarecimentos trazidos à luz e honrando-nos hoje com a amizade e a confiança do médium que reside, ao nosso lado, em Uberaba, e de cujas faculdades mediúnicas temos tido provas exuberantes, resolvemos ouvi-lo sobre aquele recuado período de suas atividades. De nossa conversação, que clareia ainda mais os informes do nosso caro Professor Ismael Gomes Braga, surgiu a presente entrevista que tomamos a liberdade de oferecer aos leitores amigos e confrades espíritas, isso com vistas não só a observações valiosas do presente como também aos estudos que o futuro nos exija realizar, em torno do trabalho

genuíno de nossos instrutores espirituais, através das obras medianímicas de nosso companheiro, a quem justamente felicitamos pelos seus quarenta anos de mediunidade bem vivida, no Espiritismo com Jesus.

Passemos, pois, ao nosso inquérito afetivo, cujas respostas recolhemos corretamente, atentos que estamos ao seu alto valor.

1. — Chico, estimaríamos ouvir você com respeito às informações prestadas pelo nosso caro Professor Ismael Gomes Braga, em artigo lançado pelo “Reformador” de julho último. É verdade que você, a princípio, em seus trabalhos psicográficos, recebeu muitas páginas mediúnicas, sem assinatura dos Espíritos que as elaboravam?

— Sim. O nosso querido confrade Ismael Gomes Braga está muito bem informado. Tivemos nós ambos muitos contatos pessoais, quando me achava ainda em Pedro Leopoldo e tive a oportunidade de narrar a ele muitos fatos curiosos do tempo em que me via com a mediunidade começante sob os princípios espíritas cristãos.

2. — Poderá dizer-nos como acontecia a recepção dessas páginas?

— A pergunta me obriga a recordar os meus tempos de escola primária. Desde muito cedo, na atual reencarnação, achei-me diante dos amigos desencarnados. Muitas vezes em aula, quando criança, ouvia vozes dos Espíritos ou sentia mãos sobre as minhas, mãos que eu sentia vivas, guiando meus movimentos de escrita, sem

que os outros as vissem. Isso me criava muitos constrangimentos. Lembrarei um episódio curioso. Em 1922, eu contava doze anos de idade e frequentava o quarto ano do Grupo Escolar São José, em Pedro Leopoldo. Era o ano de muitas comemorações do primeiro centenário da independência do nosso País. O Governo do Estado de Minas Gerais instituiu prêmios para os alunos de todas as classes de quarto ano das escolas primárias, que apresentassem as melhores páginas sobre a História do Brasil. Era um concurso a que todos nós, as crianças de quarto ano, em Minas, devíamos comparecer. Nossa professora, D. Rosária Laranjeira, abnegada educadora mineira, profundamente respeitada, nos círculos do magistério em nosso Estado, desencarnada, há alguns anos, em Belo Horizonte, e que lecionava, nesse tempo, em Pedro Leopoldo, marcou data para a referida prova. Abertos os trabalhos no dia indicado, quando começamos os preparativos para a escrita, vi um homem, ao meu lado, ditando como eu deveria escrever. Assustei-me porque perguntei ao meu companheiro de banco, Alencar de Assis, se ele estava vendo essa pessoa. Ele me disse não ver ninguém, e acrescentou que eu estava com medo da prova e que era preciso sossegar-me. O homem, contudo, me disse o primeiro trecho que eu deveria escrever. Tendo ouvido claramente, pedi licença para levantar me e fui ao estrado sobre o qual a professora estava sentada. Então, disse a ela, em voz

baixa: “Dona Rosária, perto de mim, na carteira, eu vejo um homem ditando o que devo escrever.” Apesar de ser ainda muito jovem, naquele tempo, era ela uma criatura de imensa bondade e de profunda compreensão que sempre me ouvia com grande paciência. Depois de escutar-me, perguntou igualmente, em voz baixa: “O que é que esse homem está mandando você escrever?” Eu repeti o que ouvira do Espírito, explicando: “Ele me disse que eu devo começar a prova, contando assim: “O Brasil, descoberto por Pedro Alvares Cabral, pode ser comparado ao mais precioso diamante do mundo que logo passou a ser engastado na Coroa Portuguesa...” Ela mostrou admiração no semblante, mas me falou em voz mais baixa ainda: “Volte, meu filho, para a sua carteira e escreva a sua prova. A sala está repleta de pessoas que nos observam e agora não é o momento de você ver pessoas que ninguém vê. Não acredite que esteja escutando estranhos. Você está ouvindo é você mesmo. Dê atenção ao seu pensamento. Cuide de sua obrigação e não fale mais nisso.” Voltei e escrevi o que o Espírito ditava, porque ou eu escrevia ou desobedecia a ela, a quem respeitava e amava muito. Nossas provas foram reunidas às outras de todo o Estado, na Secretaria da Educação, em Belo Horizonte. Passados alguns dias, o nosso Grupo em Pedro Leopoldo recebeu a notícia de que as autoridades na capital mineira me haviam distinguido entre os alunos classificados com Menção

Honrosa, o que era demais para mim. Dona Rosária Laranjeira ficou muito satisfeita, mas, de minha parte, sabia que as páginas não eram minhas. Amigos de Pedro Leopoldo tomaram conhecimento do assunto e houve quem dissesse que eu havia copiado o trabalho de algum livro de história. Dona Rosária acreditava em minha sinceridade, mas a nossa turma no Grupo ficou dividida. Alguns colegas admitiam que eu falava a verdade, outros me consideraram mentiroso. Muito me desgostavam as acusações que passei a sofrer na vida escolar, até que, um dia, em aula, um colega afirmou que se eu vira um homem do outro mundo, ditando prova, pela qual fora premiado, era natural que eu visse esse homem, outra vez, ali mesmo e naquela hora, ao lado de todos, para escrever sobre algum assunto que a própria classe viesse a apresentar. Nesse justo instante, tornei a ver o homem que os outros não viam e comuniquei à professora que ele me dizia estar pronto para escrever. Dona Rosária Laranjeira hesitou em aceitar o oferecimento, entretanto, os meus colegas pediram em voz alta para que eu atendesse. A professora, então, me permitiu ir ao quadro negro, a fim de escrever à vista de todos. “Qual é o tema para Chico”, perguntou um dos meninos. Uma nossa colega de nome Ocarlina Leroy lembrou: “Gostaria que o tema fosse areia, porque tenho carregado muita areia para auxiliar uma pequena construção de meu pai”. Todos os meninos presentes riram-se da

lembrança e acharam que areia era uma coisa desprezível. Alguns fizeram piadas, mas o pedido de Ocarlina foi sustentado. Eu devia escrever uma composição usando giz no quadro negro, sobre areia. Lembrome de que o Espírito amigo ali, ao meu lado, começou ditando: “Meus filhos, ninguém escarneça da Criação. O grão de areia é quase nada, mas parece uma estrela pequenina, refletindo o sol de Deus...” A composição foi escrita com muitas ideias que eu seria incapaz de conceber nos meus doze anos de idade. Os meninos ficaram em silêncio, por alguns instantes, e quando voltaram a conversar, a nossa professora determinou o encerramento do assunto. Daí em diante, Dona Rosária proibiu qualquer comentário na classe sobre pessoas invisíveis. Nem eu podia dar notícias de cousas estranhas que eu visse e nem os meus colegas deveriam me perguntar qualquer coisa fora de nossos estudos.

Como é fácil de verificar, desde a infância, estou no meio de quem acredita e de quem não acredita no Mundo Espiritual e as mensagens do Mundo Espiritual vão surgindo comigo, dando-me, cada vez mais, o conforto da fé na vida além da morte...

3. – Dona Rosária Laranjeira, a professora, não procurou ouvir você, em particular, sobre as suas observações na classe?

— Sim, ela me ouvia sempre com muita bondade, mas orientou meu coração para a atitude religiosa, dizendo que eu precisava

de muita confiança em Deus para viver. Muitas vezes, ela conversou a meu respeito com o padre Scarzelli que me confessava, frequentemente, pedindo a ele para me ajudar.

4. – Dona Rosária era católica?

— Era católica fervorosa.

5. – Como dirigia você para a atitude religiosa?

— Dava-me escritos católicos para ler, me infundia profundo respeito aos ofícios da religião, me arguía sobre o catecismo e me ensinava a orar. Um dia perguntei a ela: “Dona Rosária, para quem devo rezar mais? Para Jesus ou para Nossa Senhora?” Ele se compadeceu de minha confiança infantil e me respondeu: “Chico, nós todos precisamos rogar a proteção de Jesus, mas você ficou sem mãe muito cedo. Reze todas as noites, pedindo a Nossa Mãe Santíssima para que te guarde e te proteja.”

6. – Dona Rosária Laranjeira teve muita influência em sua infância?

— Muita. Ela era imensamente generosa. Um dia propôs a meu pai levar-me com ela para Belo Horizonte, onde se encarregaria de minha educação, mas meu pai não pôde consentir, porque eu já trabalhava na Fábrica de Tecidos, em Pedro Leopoldo.

7. – Quer dizer que quando você começou a receber páginas mediúnicas sem assinatura, entre 1927 e 1931 já estava familiarizado com dúvidas e discussões?

— Sim.

8. — Como é que muitas dessas produções foram parar na imprensa não espírita?

— Meu irmão José Cândido Xavier e alguns amigos de Pedro Leopoldo, como, por exemplo, Ataliba Ribeiro Vianna, achavam que as páginas deviam ser publicadas com meu nome, já que não traziam assinatura e essas publicações começaram no jornal espírita “Aurora”, do Rio de Janeiro, que era dirigido, nessa época, pelo nosso confrade Ignacio Bittencourt, a quem Ataliba escreveu perguntando se havia algum inconveniente em lançar as citadas páginas com meu nome. Ignacio Bittencourt respondeu que não via inconveniente algum, desde que as produções escritas por minhas mãos não trouxessem assinatura. Ninguém poderia afirmar se eram minhas ou não e que ele as publicaria, não por meu nome, mas pelas ideias espíritas que elas continham. Aí começaram nossos amigos de Pedro Leopoldo a enviar essas produções para diversos setores, obedecendo ao entusiasmo pelos trabalhos nascentes da Doutrina Espírita, em nossa terra.

9. — Lembra-se de publicações não espíritas que divulgaram seus trabalhos mediúnicos?

— O “Jornal das Moças”, do Rio, o “Almanaque de Lembranças”, de Portugal, o Suplemento Literário de “O Jornal”, foram dos órgãos não espíritas que publicaram muitas dessas páginas entre 1927 e 1931.

10. — Tem no seu arquivo particular algumas delas?

— Não tenho. A mediunidade com a Doutrina Espírita absorveu-me todas as atenções desde o aparecimento de Emmanuel, em meu caminho, no ano de 1931, e perdi o contato com os frutos de minhas atividades iniciais.

11. — Recorda, de modo particular, alguma produção que ficasse inesquecível em sua memória?

— Sim, recordo-me de um soneto intitulado “Nossa Senhora da Amargura”, que, se não me engano quanto à data, foi publicado pelo Almanaque de Lembranças, de Lisboa, na sua edição de 1931. Eu estava em oração, certa noite, quando se aproximou de mim, o Espírito de uma jovem, irradiando intensa luz. Pediu papel e lápis e escreveu o soneto a que me referi. Chorou tanto ao escreve-lo que eu também comecei a chorar de emoção, sem saber, naqueles momentos, se meus olhos eram os dela ou se os olhos dela eram os meus. Mais tarde, soube, por nosso caro Emmanuel, que se tratava de Auta de Souza, a admirável poetisa do Rio Grande do Norte, desencarnada em 1900. O soneto foi enviado a Portugal por meu irmão José, em meu nome, tendo sido a página publicada e tendo eu recebido de Lisboa uma carta de um dos colaboradores da formação do citado Almanaque, com muitos elogios ao trabalho que não me pertencia.

12. — Como passou a sua mediunidade psicográfica dessa fase de indecisão para a segurança precisa?

— Isso aconteceu em 1931, quando o Espírito de Emmanuel assumiu o comando de minhas modestas faculdades. Desde aí, tudo ficou mais claro, mais firme. Ele apareceu em minha vida mediúnica assim como alguém que viesse completar a minha visão real da vida. Tenho a ideia de que até a chegada de Emmanuel, minha tarefa mediúnica era semelhante a uma cerâmica em fase de experiências, sem um técnico eficiente na direção. Depois dele, veio a orientação precisa, com o discernimento e a segurança de que eu necessitava e de que, aliás, todos nós precisávamos em Pedro Leopoldo.

13. — Chico, você não julga que essas produções esparsas, psicografadas por você, entre 1927 e 1931, devem ser reunidas num volume para nossos estudos espíritas?

— Muitas vezes, penso nisso, mas o nosso abnegado Emmanuel afirma que aquela fase de trabalho era de experimentação necessária e que devemos trabalhar sempre e caminhar para diante. E nessa base do “trabalhar sempre e caminhar para diante”, estou procurando acompanhar o nosso querido orientador espiritual, há trinta e seis anos. Desde 1931, Emmanuel me tolera e me utiliza para escrever, quase que diariamente, e isso não me permite ocasião de voltar à retaguarda para reexaminar as páginas mediúnicas do princípio.

14. — Sabe você que os adversários do Espiritismo se valem das produções lançadas, em seu nome, entre 1927 e 1931, tentando desacreditar os seus trabalhos psicográficos?

— Sei disso. A princípio me afligi com essas críticas, mas o nosso Emmanuel acalmou-me dizendo que dar muita resposta sobre o caso, desde muito superado, seria perder tempo. E acentuou que todos os inimigos do Espiritismo, quando sinceros, mudam de opinião depois de desencarnados. Isso tem acontecido nestes meus pobres quarenta anos de mediunidade. Muitos inimigos gratuitos de nossa Doutrina, que tantas vezes nos ridicularizaram, me visitam atualmente em Espírito e me encorajam a servir na obra de Emmanuel, fazendo-me, muitas vezes, chorar de reconhecimento e emoção.

15. — Como acredita você devemos proceder com os escritores e jornalistas que nos perseguem?

— Diz-nos Emmanuel, que devemos ter paciência e bondade para com todos eles, explicando sempre que eles não nos injuriam porque sejam maus e sim por inexperiência, ante os assuntos da Vida Espiritual.

16. — Você, nestes quarenta anos de mediunidade, foi procurado por muitos escritores interessados na sobrevivência do Espírito?

— Sim, por alguns.

17. — Pode dizer-nos algo de suas recordações junto deles?

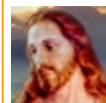
— Sim, mas pediria para que as minhas lembranças sobre escritores não espíritas fossem deixadas para outra ocasião porque a hora está avançada.

.Francisco Cândido Xavier

.Emmanuel

Consultamos o relógio e concordamos. Vinte minutos depois de zero hora. Despedimo-nos de Chico Xavier e fixamos as presentes anotações para lembrar, estudar, raciocinar e discernir.

.Elias Barbosa



2

Chico Xavier em 47 respostas **QUARENTA ANOS DE MEDIUNIDADE**



Ante os quarenta anos de trabalho mediúnico, somados em 1967, fomos ao encontro do médium amigo, Chico Xavier, em sua residência de Uberaba, a fim de entrevistá-lo sobre o acontecimento. Como teria começado a obra com os Espíritos Instrutores em 1927? em que circunstâncias — com quem? cientes de que o médium provém de família que fora integralmente católica até 1927, como se dera a sua transferência da Igreja Católica para o Templo Espírita? que sensações experimentaria o conhecido companheiro, hoje veterano da Causa Espírita e da mediunidade, após quarenta anos de serviço e de luta?

Formulamos, de escantilhão, quarenta e sete perguntas que o médium respondeu e que alinhamos aqui com a fidelidade dos

ouvidos de que dispomos. Cada resposta é constituída por palavras do próprio Chico Xavier. Não tivemos o mínimo impulso de alterá-las.

Certamente, estimaríamos haver perguntado mais e mais, tantos são os assuntos da mediunidade para nós, os espíritas, mas não convinha estender-nos para não cansar nem ao médium e nem aos nossos leitores, motivo pelo qual adiamos numerosas questões para alguma nova oportunidade de futuro.

Passamos, pois, às nossas perguntas e às respostas respectivas, sem preâmbulo maior, para seguirmos no rumo direto de nossas observações e de nossos estudos.

1. — Chico, cientes através do prefácio de “Parnaso de Além-Túmulo”, o primeiro livro de sua mediunidade psicográfica, que o exercício de suas faculdades começou em 1927, precisamente há quarenta anos, em que dia do ano isso aconteceu?

— 8 de julho de 1927.

2. — Podemos saber em que dia da semana?

— Era uma noite de sexta-feira, em sessão pública do Centro Espírita Luiz Gonzaga, em Pedro Leopoldo.

3. — O Centro já estava fundado há muito tempo? E possuía sede própria?

— O “Luiz Gonzaga” havia sido fundado no mês anterior, isto é, em 21 de junho de 1927. Então, o grupo não dispunha de sede própria. Reunimos na residência da Sra. D. Josepha Barbosa Chaves, que nos havia emprestado um salão de sua casa, à rua

São Sebastião, em Pedro Leopoldo.

4. – Lembra-se de alguns dos companheiros presentes à reunião de 8 de julho de 1927?

— Sim. Posso mencionar muitos deles como sejam Ataliba Ribeiro Vianna, o primeiro presidente do “Centro Espírita Luiz Gonzaga”, José Felizardo Sobrinho, José Cândido Xavier, José Hermínio Perácio, D. Carmen Pena Perácio, Antônio Barbosa Chaves, Agripino de Paula, D. Ornélia Gomes de Paula, Jacy Pena, Maria Xavier, Zina Xavier, Nelson Pena e muitos outros.

5. – Dos companheiros citados, muitos ainda estão conosco na Terra?

— Sim. Temos Antônio Barbosa Chaves, residente em Pedro Leopoldo, D. Carmen Pena Perácio, Zina Xavier e Nelson Pena, em Belo Horizonte, Jacy Pena e Maria Xavier em Sabará, Minas.

6. – Diz você no prefácio do “Parnaso de Além-Túmulo” que você e sua família, então católicos até 1927, se voltaram para a Doutrina Espírita por motivo de cura de uma das suas irmãs que sofrera um processo obsessivo. Podemos saber qual delas e que notícias conseguiríamos saber a seu respeito?

— Perfeitamente. É minha irmã Maria Xavier Pena, casada com o Sr. Jacy Pena, ambos residentes em Sabará, hoje com vários descendentes.

7. – Ela, depois de curada, e o esposo, aceitaram a tarefa espírita e continuam trabalhando?

— Sim, são ambos devotados seareiros do Espiritismo, na cidade em que residem.

8. — Lembra-se de sua primeira participação na primeira atividade a que assistiu e qual foi essa atividade?

— Recordo-me. Minha primeira tarefa espírita foi a prece que se fez em torno de minha irmã doente, no próprio quarto em que ela se achava.

9. — Pode mencionar a data?

— 7 de maio de 1927, pela manhã.

10. — Quem tomara a iniciativa dessa reunião de cura?

— Nosso amigo Sr. José Hermínio Perácio, que veio de Maquiné, localidade próxima da cidade de Curvelo, em Mirras, mais de cem quilômetros distantes de Pedro Leopoldo, atendendo ao pedido de meu pai que o conhecia por amigo e espírita cristão, a fim de socorrer minha irmã, então em estado grave.

11. — E sua irmã curou-se imediatamente?

— Desde a primeira reunião de preces e passes, na manhã de 7 de maio de 1927, ela se restabeleceu e, até hoje, é uma valorosa companheira na Seara Espírita Evangélica.

12. — Quais os primeiros espíritas que você conheceu?

— Nossos irmãos José Hermínio Perácio e sua esposa D. Carmen Pena Perácio, com os quais me iniciei no conhecimento da Doutrina Espírita e na mediunidade e diante de quem sou um Espírito eternamente devedor pelo bem que me fizeram.

13. – Onde está presentemente nosso irmão José Hermínio Perácio?

— Ele desencarnou em Belo Horizonte, em janeiro deste ano, 1967, mas a esposa que lhe sobrevive, D. Carmen Pena Perácio, reside com as filhas, na capital mineira.

14. – De que modo, o casal Perácio iniciou você no Espiritismo?

— Explicando-me o que eu sentia, em matéria de mediunidade, desde a infância, quando fiquei órfão de mãe, aos cinco anos de idade, amparando-me em minhas necessidades espirituais, ensinando-me a orar e presenteando-me com “O Evangelho, segundo o Espiritismo” e “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec, os dois livros que me deram os alicerces de minha fé espírita-cristã e me orientaram para aceitar a mediunidade e respeitar os Bons Espíritos.

15. – Disse você que sentia fenômenos mediúnicos desde criança. Poderá especificá-los agora após quarenta anos de mediunidade ativa?

— Sim. No quintal da casa em que eu morava, via frequentemente minha mãe desencarnada em 1915 e outros Espíritos, mas as pessoas que me cercavam então não conseguiam compreender minhas visões e notícias e acreditavam francamente que eu estivesse mentindo ou que estivesse sob perturbação mental. Como experimentasse minha incompreensão, cresci debaixo de muitos conflitos íntimos, porque de um lado

estavam as pessoas grandes que me repreendiam ou castigavam supondo que eu criava mentiras e do outro lado estavam as entidades espirituais que perseveravam comigo sempre. Disso resultou muita dificuldade mental para mim, porque eu amava os Espíritos que me apareciam, mas não queria vê-los para não sofrer punições da parte das pessoas encarnadas com quem eu precisava viver.

16. – De família católica e praticando o catolicismo, você via os Espíritos também na igreja?

— Sim.

17. – Você via bons e maus?

— Sim.

18. – E nada disso contava a algum padre?

— Contava na confissão.

19. – Podemos saber quem era esse sacerdote e de que maneira ele ouvia as suas descrições?

— Era ele, o Padre Sebastião Scarzelli, que residia em Matosinhos, cidade muito próxima de Pedro Leopoldo. Durante anos, até 1927, ele me ouvia paternalmente em confissão de dois em dois meses. Devo dizer que ele me ouvia admirado e compadecido. Não sei se ele acreditava em tudo o que eu narrava para ele, no que se referia ao que enxergava e escutava nos horários dos ofícios religiosos, mas posso declarar que ele sempre me tratou com a bondade de um pai. Ensinava-me a orar e a confiar em Deus, a respeitar a escola e cultivar o

trabalho, a fazer novenas pelo descanso dos mortos e a esquecer as más palavras dos Espíritos infelizes quando eu as escutava.

20. — O padre nunca emitiu uma opinião clara sobre os fatos que você observava?

— Ele me ouvia na confissão e ficava muito pensativo... Só pedia para que eu orasse muito. Lembro-me de que uma vez, debaixo da perseguição de um Espírito sofredor, quando eu ia completar quinze anos, chorei muito na confissão, rogando a ele para livrar-me... Ele interrompeu as minhas palavras e mandou que eu esperasse. Quando terminou o trabalho em que estava, veio a mim e me disse que eu não devia chorar ou desesperar-me com as visões e vozes que me procuravam e acrescentou que se elas viessem da parte de Deus, que Deus me abençoaria e me daria forças para fazer o que devia ser feito. Em seguida, caminhou comigo e vendo que eu estava descalço me perguntou se eu gostaria de ter um par de sapatos. Eu disse que sim e ele me levou a uma loja, a loja do Sr. Armando Belisário Filho, em Pedro Leopoldo, e comprou um par de sapatos para mim. Conto isso porque notei que ele queria me ver alegre, esquecendo o estado de angústia em que me achava.

21. — Você dedicou muito amor a esse sacerdote?

— Sim, ele era sempre bom e paciente.

22. — Quando você depois de conhecer a Doutrina Espírita, em 1927, ainda se avistou com ele? Teria havido uma despedida entre ambos?

— Sim, houve essa despedida. Logo após os meus primeiros contatos com o Espiritismo, voltei à igreja de Pedro Leopoldo, ainda uma vez, para dar-lhe notícias de minha nova situação. Só podia vê-lo, nesse dia, no confessionário. Para lá me dirigi. Ajoelhei-me, como sempre fazia, e contei-lhe tudo o que se passara, a cura de minha irmã, minha emoção ao conhecer as ideias espíritas, os livros de Allan Kardec que eu estava lendo, as melhoras de meu estado íntimo... Ele não me condenou, disse apenas que não lera até aquela ocasião qualquer obra do Espiritismo e por isso nada podia dizer... Disse-me que a Igreja não aprovava o Espiritismo e que eu ainda era muito jovem para assumir compromissos e tomar decisões. Eu respondi a ele que apesar de respeitá-lo muito, ia estudar o Espiritismo e dedicar-me à mediunidade. Ele permaneceu calado. Então, disse a ele que eu não queria separar-me dele, que fora sempre tão bondoso para comigo, deixando-o contrariado. Pedi a ele que me desse a mão, e ele me estendeu a mão direita. Depois de beijá-la, pedi a ele que me abençoasse. Ele, então, me disse: “Seja feliz, meu filho. Eu rogarei à nossa Mãe Santíssima para que te abençoe e te proteja...” Levantei-me e saí, mas sabendo que havia tomado a decisão de praticar a mediunidade, quando cheguei à porta de saída, voltei-me para vê-lo, ainda uma vez e notei que ele, mesmo de longe me acompanhava com o olhar e me sorria.

23. – Esse padre ainda existe?

— Há tempos, soube em Pedro Leopoldo, que ele, já velhinho, reside atualmente no Estado de Santa Catarina, o que não posso confirmar, porquanto depois de nosso último encontro, em 1927, não mais tornei a vê-lo.

24. – Além desse sacerdote, não teria você na escola algum professor ou professora a quem se dirigisse, rogando explicações?

— Sim, dentre as minhas professoras na infância, uma delas estimava me ouvir sobre o que eu sentia, perante o Mundo Espiritual, dedicando-me grande atenção.

25. – Como se chama?

— Chamava-se na Terra, Dona Rosária Laranjeira, pois desencarnou em Belo Horizonte, creio que por volta de 1956. Ela em católica de profunda compreensão cristã, e embora não pudesse ou não soubesse dar-me esclarecimentos espíritas, quando me achava perto dela só via e ouvia Espíritos amigos e nobres, com abençoados ensinamentos e consolações para mim.

26. – Em que condições, você recebeu a primeira mensagem psicográfica?

— Estávamos em reunião pública e depois da evangelização, D. Carmen Perácio, médium de muitas faculdades, transmitiu a recomendação de um benfeitor espiritual para que eu tomasse o lápis e experimentasse a psicografia. Obedeci e minha mão de pronto escreveu dezessete páginas sobre deveres espíritas... Senti

alegria e susto ao mesmo tempo. Tremia muito quando terminei.

27. – Qual era o Espírito comunicante?

— Não se identificou. Apenas assinou “um Espírito amigo”.

28. – Essa mensagem ainda existe, poderíamos lê-la?

— Temos um grande arquivo de mensagens psicográficas em Pedro Leopoldo, mas não creio possa ser encontrada. De 1927 a 1931 recebi centenas de mensagens que foram inutilizadas, depois, a pedido do Espírito de Emmanuel, que passou a dirigir-nos de 1931 para cá. Disse ele que essas mensagens apenas se destinavam aos nossos exercícios de psicografia.

29. – Antes de Emmanuel, dos Espíritos amigos que amparavam você, qual o mais assíduo?

— Minha mãe Maria João de Deus.

30. – Sendo o “Parnaso de Além-Túmulo”, o primeiro livro de sua mediunidade, editado em 1932, será possível conhecer o nome dos espíritas que receberam para a imprensa as primeiras mensagens em prosa e verso psicografadas por suas mãos?

— Foram eles, Manoel Quintão e Ignacio Bittencourt, ambos do Rio.

31. – Desde 1932, você está trabalhando mediunicamente nos livros dos instrutores espirituais?

— Sim.

32. – Sempre sob a supervisão de Emmanuel?

— Sim.

33. — Que nos diz sobre as suas próprias impressões na formação dos livros mediúnicos, por seu intermédio?

— Poderia, talvez, relacionar muitos assuntos e fazer muitas narrativas, mas peço para que isso fique para uma outra oportunidade, de vez que isso exigiria muito tempo.

34. — Como se sente você, no quadragésimo ano de trabalho psicográfico incessante?

— Como quem está viajando através da mediunidade, há quarenta anos, aprendendo sempre.

35. — Durante esse tempo, foi você vítima de mistificação alguma vez?

— Muitas.

36. — E até hoje isso acontece ou pode acontecer?

— Sim.

37. — Por que sucede isso a você, que já psicografou quase cem livros?

— Decerto que o Mundo Espiritual permite que eu passe por essas provações para mostrar-me que receber livros dos Instrutores Espirituais não me cria privilégio algum, que estou apenas cumprindo um dever e que sou um médium tão falível quanto qualquer outro, com necessidade constante de oração e trabalho, boa vontade e vigilância.

38. — Está você satisfeito com os seus quarenta anos de serviço mediúnico?

— Sinto a satisfação do dever cumprido, mas sabendo que não cumpri minhas

obrigações tão bem como deveria. Não posso esquecer que outros médiuns, muito mais diligentes e mais dedicados à Causa Espírita do que eu, têm trabalhado muito mais tempo, sem que nós nos lembremos deles.

39. — E os livros recebidos por você?

— Os livros que passaram por minhas mãos pertencem aos Espíritos Instrutores e Benfeitores e não a mim.

40. — Ignorará você a popularidade que os livros mediúnicos lhe trouxeram?

— Sei que eles me trouxeram muita responsabilidade. Quanto ao caso da popularidade, sei que cada amigo faz de nós um retrato para uso próprio e cada inimigo faz outro. Mas diante do Mundo Espiritual não somos aquilo que os outros imaginam e sim o que somos verdadeiramente. Desse modo, sei que sou um Espírito imperfeito, e muito endividado, com necessidade constante de aprender, trabalhar, dominar-me e burilar-me, perante as leis de Deus.

41. — Durante os seus quarenta anos de trabalho mediúnico, você recebeu a cooperação de muitos companheiros?

— Sim, Emmanuel sempre me ensina que um médium é parte de uma equipe.

42. — Esses companheiros têm sido sempre os mesmos?

— Nem sempre.

43. — Alguns têm deixado a seara espírita, depois

de atuarem ao seu lado?

— Deixaram de atuar ao meu lado, mas ainda não vi companheiro algum que abandonasse a seara espírita. O campo do Senhor é infinito.

44. — Qual a sua impressão quando um amigo se despede da tarefa em que você se encontra?

— Naturalmente que, como acontece a qualquer pessoa, sinto a falta do companheiro que se retira. Emmanuel, porém, afirma-me sempre que devemos respeitar as resoluções dos entes amados e estimá-los com o mesmo apreço, seja de perto ou seja de longe. Acrescenta, ainda, o nosso Instrutor Espiritual que temos comunhão mais íntima uns com os outros, onde e tanto quanto o Senhor no-lo permite e que se o Senhor nos coloca num lugar de trabalho, isso não é razão para que outros sejam situados indefinidamente junto de nós e que o Senhor tanto pode afastar-nos para outros setores de serviço, como apartar de nós aqueles que nos servem de apoio e de estímulo, até que pelos desígnios dele mesmo, nosso Divino Mestre, venhamos a nos reunir todos, de novo, em nível mais alto da vida. Desse modo, aprendi com Emmanuel e outros Bons Espíritos que o Senhor nos mantém onde possam haver melhores oportunidades de trabalho e aperfeiçoamento para nós. Cada um de nós, dessa maneira, segundo creio, está no lugar e na posição em que possa ser mais útil à obra de Deus e a si mesmo. José Xavier, meu irmão, desencarnado em

1939, que foi espírita dedicado à nossa causa e até hoje, quando possível, convive espiritualmente comigo, costuma dizer-me nas horas difíceis: “Chico, você pode estar certo de que Jesus não dá mancada...”

45. – Chico, este entendimento vai longo e precisamos encerrá-lo. Na próxima encarnação, você gostaria de ser médium?

— Se Jesus quiser...

46. – E se Jesus quiser?

— Então, pediria a Ele, Nosso Divino Mestre, a felicidade de recomeçar a tarefa, tal qual tenho tido o meu pequenino setor de ação, nas mesmas experiências e nas mesmas circunstâncias, porque quanto mais avanço na idade física, mais amigos e mais bênçãos vou encontrando...

47. – Desejaria você algo de especial na data dos seus quarenta anos mediúnicos?

— Sim, peço a todos os meus amigos e aos possíveis adversários, que eu tenha sem saber, a esmola de uma prece a Nosso Senhor Jesus-Cristo, em meu favor, para que eu possa acertar mais e errar menos.

.Francisco Cândido Xavier

.Emmanuel



3

Chico Xavier no mundo dos escritores



Atentos aos quatro decênios de atividades mediúnicas de Chico Xavier, recordamos de que ele teria tido contato com escritores e poetas vários, da década de 1930 para cá e veio-nos à ideia o desejo de ouvi-lo sobre isso.

Desde muito jovem, nas lides spiritistas, líamos e escutávamos comentários acerca do encontro de Xavier com Agrippino Grieco, por exemplo, e aguçou-se-nos a curiosidade quanto a recolher as impressões dele mesmo, diante dessas memórias.

Conhecíamos entrevistas do Sr. Agrippino Grieco e notícias da imprensa sobre o assunto; no entanto, não deveríamos nós, companheiros em serviço na Terceira Revelação, assinalar as informações do

próprio médium? E, além do contato com o renomado e respeitado crítico brasileiro, não teria Chico Xavier, outras notas a relacionar?

Dessas cogitações, nasceu o entendimento entre nós e o médium de Emmanuel, nesta nova entrevista, que oferecemos aos leitores amigos, em forma de perguntas e respostas, enfeixando explicações e notas de Xavier, que reputamos de muita importância para os médiuns de quaisquer procedências, tanto quanto para nós mesmos, os que militamos nas fileiras do Espiritismo Cristão, no Brasil.

1. — Chico, em seus quarenta anos de mediunidade conheceu você muitos escritores não espíritas do Brasil?

R — Tenho conhecido alguns.

2. — Lembra-se de quando esteve com o escritor Agrippino Grieco em sessão?

R — Sim.

3. — Sessão pública ou privativa?

R — Sessão Pública na União Espírita Mineira, em Belo Horizonte.

4. — Lembra a data?

R — Creio que sim. Se não me engano esse encontro se deu na noite de um domingo, dia 30 de julho de 1939.

5. — O escritor foi a você ou você foi ao escritor?

R — Achava-me em casa do Professor Cícero Pereira, à rua Bonfim, 360, em Belo Horizonte, de visita a esse nosso

caro amigo já desencarnado, quando o nosso estimado Bady Curi, que, mais tarde, presidiu a União Espírita Mineira, apareceu à minha procura, em companhia do nosso confrade, o farmacêutico Rodrigo Agnelo Antunes. Disseram que Agrippino Grieco estava à minha espera e desejava ver-me em serviço psicográfico. Fiz-lhes ver que não devíamos forçar ninguém a crer nos fenômenos mediúnicos, mas instaram, em nome da amizade, e acompanhei-os... Com surpresa, não encontrei o Sr. Agrippino Grieco no recinto. Ele só chegou, depois de vários minutos de espera, acompanhado de alguns amigos. Mais tarde; lendo entrevistas, desse escritor sobre nosso encontro, cheguei à conclusão de que ele também fora à União por insistência de amigos que desejavam vê-lo em contato com alguma ocorrência mediúnica.

6. — Ele ficou ao seu lado, durante a reunião?

R — Sim. O Professor Cícero, muito escrupuloso na defesa de nossa Doutrina, pediu a ele rubricasse o papel em branco, sobre a mesa, para o caso de se dar autenticidade a qualquer mensagem que, porventura, eu recebesse. O Sr. Grieco atendeu e, logo depois, o Espírito de Humberto de Campos e o Espírito de Augusto dos Anjos tomaram minha mão e escreveram.

7. — O Sr. Agrippino Grieco aceitou a veracidade das comunicações?

R — Depois de lidas as mensagens em voz alta para o grande público à nossa frente, ele pronunciou palavras comoventes que muito nos confortaram. Falou sobre a inspiração e os grandes vultos da Humanidade e muito nos encorajou ao trabalho de espiritualização sem dizer-se espírita. Foi generoso para comigo, deu-me muita atenção na referida noite, despediu-se de mim com um abraço e não mais o vi.

8. — Acha que ele admitiria fosse você o autor das mensagens?

R — Não creio. Sei que ele, sincero como é, numa entrevista que concedeu ao “Diário da Noite”, do Rio, sobre o assunto, naquele mesmo ano de 1939, afirmou que eu não dei a ele a impressão de uma inteligência incomum.

9. — Julga que ele se convenceu de que eram realmente Humberto de Campos e Augusto dos Anjos, já desencarnados, que escreviam, por seu intermédio?

R — Isso não sei.

10. — Recorda algum escritor que estivesse em companhia dele, na noite dessa reunião?

R — Ele se fazia acompanhar de muitos amigos, mas só um deles me ficou na memória — o poeta José Bortolota. Era ele um jovem de maneiras muito finas, e que se interessou profundamente pelas mensagens havidas. Quis conhecer-me. Abraçou-me. Releu comigo, página por página, as comunicações psicografadas, enquanto vários grupos conversavam

animadamente junto de nós. Perguntei a ele porque se interessava tanto pelas mensagens e ele me respondeu que acreditava em Deus e na vida espiritual e acrescentou que quando contemplava as estrelas, tinha a convicção de que elas são mundos suspensos no Céu, e que o homem, fosse qual fosse, era sempre um viajante, pisando na Terra a caminho de outra vida no firmamento... Impressionei-me ao ouvi-lo e guardei-o na lembrança, com gratidão e simpatia. Depois de algum tempo, vim a saber em Pedro Leopoldo que ele desencarnara em plena juventude...

11. — Você se refere tão afetuosamente a José Bortolota, que estimaria saber se você o vê, frequentes vezes, depois de desencarnado.

R — Sim, já o vi algumas vezes e dele tenho recebido mediunicamente versos que considero de grande beleza, nos quais ele me faz recordar as palavras de entusiasmo e esperança que pronunciou em nosso primeiro encontro.

12. — É verdade que você conheceu, direta e indiretamente, muitos escritores em 1944, quando veio à baila o processo Humberto de Campos, em que a família do citado escritor, pedia a intervenção da justiça, levando você e a Federação Espírita Brasileira aos tribunais para esclarecimento, quanto à identificação do grande cronista?

R — Sim, recebi muitas manifestações de simpatia e outras de crítica. Muita documentação nesse sentido consta do livro do Dr. Miguel Timponi, que se fez

advogado da nossa causa no Rio, o livro “A Psicografia ante os Tribunais”.

13. — Lembra-se de algum escritor de renome que tivesse levado solidariedade a você, entre aqueles a que o livro do Dr. Timponi não se refere?

R — Recordo-me do poeta Olegário Mariano. Eu estava trabalhando em uma das Exposições Pecuárias da cidade de Leopoldina, na Zona da Mata, quando ele foi ver-me na mesa de serviço em que me encontrava. Expressou simpatia para com a minha situação de médium e me disse saber como eu me encontrara pela primeira vez com o Espírito de Humberto de Campos, em 1935, através da leitura de uma carta que escrevi a Manoel Quintão sobre o assunto e que foi publicada em “Reformador” órgão da FEB., se não me engano de abril ou maio do ano aludido [reproduzida abaixo]. Muito me admirei de que Olegário Mariano guardasse a notícia de memória e fiquei devendo a ele sincero agradecimento pelo respeito com que se referiu ao Espiritismo e à mediunidade.

Carta de Chico Xavier a Manoel Quintão ^N

“Pedro Leopoldo, 30-3-1935.

Bondoso amigo Sr. M. Quintão

Saudações, com os meus votos de paz.

Não sei se o amigo recebeu a minha última carta, mas mesmo sem saber se o estou aborrecendo, envio-lhe outra, acompanhada de duas produções

mediúnicas recebidas por mim nesta semana. Peço-lhe a sua opinião muito franca sobre elas, desejando que me escreva em breves dias. Há mais de um mês tive um sonho engraçado. Sonhei que uma pessoa me apresentou Humberto de Campos, num lugar de céu muito azul e brilhante e no chão havia uma espécie de vegetações que não me deixava ver a Terra. Não vi casa alguma. O que me impressionou mais é que as pessoas que eu via estavam sob uma árvore muito grande e tão branca que, quando o sol batia nas suas frondes de folhas muito delgadas, parecia uma grande árvore de cristal. Ele veio então ao meu lado e me estendeu a mão com bondade, dizendo “Você é o menino do Parnaso?” Disse-me mais coisas das quais não posso me recordar.

Que diz o amigo de tudo isto? Seria a minha imaginação? Não sei. Em todo o caso, mando estas páginas para o senhor ler. Estão certas as citações?

Sem mais, esperando carta sua, espera as suas desculpas o amigo e menor criado às ordens

.Francisco Cândido Xavier.”

14. — Houve um escritor no Brasil que não lhe poupou críticas, e que, afinal, segundo soubemos, se encontrou com você numa sessão pública, em Pedro Leopoldo, o Sr. Osório Borba. Lembra-se dele?

R — Sim.

15. — Que impressão foi a sua ao encontrá-lo?

R — A de que via e ouvia um homem muito sábio e profundamente honesto.

16. — Ele comunicou a você, previamente, que compareceria ao Centro Espírita?

R — Não. Achava-me numa de nossas reuniões públicas do “Centro Espírita Luiz Gonzaga”, em Pedro Leopoldo, quando um amigo de Belo Horizonte, me apresentou a ele, depois de terminadas as tarefas da noite.

17. — Ele forneceu alguma impressão dos trabalhos mediúnicos presenciados?

R — Falou-me com bondade que continuava não acreditando que os Espíritos escrevessem por mim e que toda a produção que eu alegava receber do Mundo Espiritual era coisa minha mesmo. Mas me disse que acreditava em minha sinceridade e que eu não enganava os outros porque desejasse, mas sim porque eu era vítima de fenômenos ainda pouco estudados. Não concordei com ele, mas fiquei alegre pelo fato dele reconhecer a minha fé sincera e viva nos mensageiros do Mundo Espiritual.

18. — Que você diz agora a tudo o que ele afirmou?

R — Emmanuel, há muito tempo, já me ensinou que cada um de nós tem o direito de crer ou de não crer nisso ou naquilo. O Sr. Osório Borba tinha o direito de não acreditar em mim, como eu também, segundo creio, tenho o direito de acreditar nos Espíritos que se comunicam por meu

intermédio.

19. — É verdade que você conheceu pessoalmente a Edgard Cavalheiro?

R — Sim.

20. — Qual a sua impressão dele?

R — A de que era um homem de imensa cultura e de grande bondade.

21. — Era espírita?

R — Não chegou a dizer-me.

22. — Você quer falar dos escritores brasileiros, ainda encarnados que conhece?

R — Prefiro não fazê-lo. Acho-me em campo francamente espírita e não desejo que escritores e jornalistas amigos venham a pensar que lhes cito os nomes para colocá-los em nosso movimento doutrinário. Todos os que já me concederam atenção, fizeram isso por bondade, sem qualquer merecimento de minha parte.

23. — Recorda algum acontecimento interessante, em sua vida de médium, no contato com escritores em nosso país?

R — Sim. Peço permissão para lembrar um dos episódios do passado, nesse sentido. Em janeiro de 1933, alguns meses depois de haver sido lançado o “Parnaso de Além-Túmulo” e quando eu ainda trabalhava na condição de caixeiro do pequeno armazém do Sr. José Felizardo Sobrinho, em Pedro Leopoldo, tivemos nossa casa visitada pelo Dr. José Álvaro Santos, que, então, residia em Belo Horizonte.

Distinto poeta e escritor, lera o livro dos poetas desencarnados e queria conhecê-los.

Morávamos então, — família numerosa que éramos, — numa casa pequenina e prestes a cair, enquanto que, de minha parte, trabalhava de sete da manhã às oito horas da noite, fosse atendendo ao balcão, ou entregando mercadorias a domicílio, com o salário de quarenta cruzeiros (naquele tempo quarenta mil réis) mensais.

O Sr. José Álvaro Santos comoveu-se com a nossa situação e disse a meu pai que estimaria obter-me um emprego conveniente na capital mineira, mas, para isso considerava necessário que eu o acompanhasse, a fim de colocar-me em contato com amigos belorizontinos. Deveria segui-lo para o tentame, permanecendo, ao seu lado, pelo menos três meses. Meu pai, certa manhã, conversou comigo, falando das melhoras materiais em perspectiva. Nossa família lutava com dificuldades, enquanto que eu aos vinte e um anos de idade me fizera maior podia alcançar ordenado mais rendoso.

Nada respondi e, mais tarde, à noite, no momento preciso de minhas orações, pedi a Emmanuel alguma opinião, a respeito do assunto. Nosso benfeitor espiritual esclareceu-me que o plano era impróprio e que me cabia o dever de continuar empregado onde me achava, pois, o amparo de que precisávamos viria do Alto no momento oportuno.

Firmei a resolução de não me afastar da família, entretanto, no dia seguinte, meu pai insistiu. Não era justo que me negasse à melhora de nível. Contava comigo. As possibilidades em Belo Horizonte eram grandes.

Sentindo de perto as lutas materiais de meu pai, sensibilizei-me e voltei à oração, rogando a Emmanuel novo conselho.

O nosso grande amigo espiritual fez-se visível para mim e falou francamente: “A tentativa é inoportuna e desaconselhável, mas não desejamos que contraries teu pai. Já que a situação se mostra assim tão difícil, podes perfeitamente seguir para Belo Horizonte, onde ganharás conhecimentos e experiências de que muito necessitas. Não abandones a prática da oração. Estaremos contigo, através da prece.”

Desde esse aviso, a medida precipitou-se.

Meu pai conseguiu três meses de licença no armazém, em que eu servia e rumei com o Sr. José Álvaro Santos para a capital mineira que, até então, não conhecia. Ele me hospedou numa chácara, pertencente a conhecido médico de Belo Horizonte, que cedera a vivenda ao estimado escritor e à sua família, para descanso, por algum tempo.

Ignoro se essa vivenda ainda existe na feição em que a conheci. Lembro-me de que ela se situava, em 1933, a mais ou menos, dois a três quilômetros do Bairro da Gameleira e de que dentre as muitas árvores frutíferas que a enriqueciam,

gostava de ver, um tanto à distância, a construção de um sanatório que se erguera nas cercanias.

O escritor que tanto desejou proteger-me se aproximou não só da família dele, à qual me liguei por laços de grande estima, como também de alguns intelectuais da capital de Minas.

Achei-me de improviso num ambiente que eu não conhecia. Muitos livros e elevadas conversações literárias. O meu protetor me apresentava na condição de médium do “Parnaso de Além-Túmulo” e as visitas, segundo creio, julgavam que eu fosse pessoa de muita cultura. Eu, naturalmente, ouvia as conversações em silêncio ou respondia a essa ou aquela pergunta por monossílabos. Não sabia eu, então, coisa alguma sobre os autores principalmente europeus, que eram citados nas palestras. Lembro-me que falavam muitas vezes sobre trabalhos de Crookes e Richet quando se referiam a investigadores da mediunidade e comentavam poesias e trabalhos de Baudelaire, Musset e outros poetas cujos nomes não guardei na lembrança, além de vários poetas brasileiros como Bilac, Alberto de Oliveira, Augusto dos Anjos e Cruz e Souza.

Pelo tom das palestras eu percebi que a maior parte dos visitantes me supunham o autor do “Parnaso”.

Como eu receava cometer disparates em meio de amigos tão cultos, permanecia quase que em absoluto silêncio.

24. — No ambiente do Sr. José Álvaro Santos, você não via e nem ouvia os Espíritos?

R — Via e ouvia muitas pessoas desencarnadas. E à noite, quando orava, enxergava e escutava Emmanuel ou minha mãe, Maria João de Deus, que me falavam sobre a prudência e o respeito que me cabia adotar para com todos. Nessas ocasiões, Emmanuel aproveitava as palestras que ainda estavam em minha imaginação, depois de ouvidas, para desenvolvê-las em meu favor, explicando-me o que eu não havia compreendido. Desse modo, sempre que o nosso benfeitor espiritual viesse ver-me à noite, eu recebia lições e tirava grande proveito das conversações elevadas que os amigos entretinham. Foi assim que soube, por Emmanuel que Paul Reboux e Alberto Sorel eram autores que haviam escrito por imitação.

25. — Você não conhecia, em 1933, os autores estrangeiros citados nas conversas?

R — Não. Somente, a pouco e pouco, por Emmanuel, vim a conhecê-los, através de informações dele, Emmanuel, ou de indicações desse caro benfeitor espiritual sobre esse ou aquele livro em português onde pudesse me instruir, como me fosse possível.

A esse respeito, lembro-me de um fato que até hoje muito me entenece. Edson Macedo (Dr. Paulo Edson Macedo dos Santos), hoje o grande advogado, poeta e compositor musical que tanto admiramos,

em nosso País, filho do Sr. José Álvaro Santos, devia ter seus oito a nove anos, quando o pai me hospedou generosamente.

Menino de coração bondoso e sensível afeiçãoou-se a mim e chamava-me “tio Chico”, durante os dias em que estivemos juntos. Certa noite, depois que o pai e os amigos haviam conversado brilhantemente sobre Paul Reboux e Victor Hugo, vendo-me calado, o pequeno Edson, após o nosso afastamento da sala, pôs em mim os olhos muito brilhantes, e perguntou:

— Tio Chico, quem são esses homens de que os amigos de papai falaram tanto?

Respondi:

— São grandes autores franceses. Por que você pergunta?

— Porque o senhor ficou calado o tempo todo.

— Fiquei calado, Edson, porque eu não sei francês e nunca li nada deles.

O menino que era de ilimitada bondade para comigo, considerou:

— Bem, então é preciso saber se são homens bons ou maus, porque se o senhor acha que eles são maus, vou pedir a papai para ninguém ficar falando neles assim toda noite.

Era nesse clima de carinho que esperei, em vão, pelo suspirado emprego em Belo Horizonte.

Por mais procurasse auxiliar-me, através de várias apresentações aos amigos, o meu benfeitor não conseguiu colocar-me no

tempo previsto.

De minha parte, não poderia ficar esperando por mais de três meses.

Refiro-me, porém, ao caso, não com o intuito de fazer biografia.

Narro o acontecimento para considerar a luta dos médiuns, principalmente dos médiuns iniciantes.

Em março de 1933, quase findo o prazo de minha esperança de achar trabalho na capital de Minas, acompanhei o Sr. José Álvaro Santos para a sua residência em Lagoa Santa, onde me despediria dele para o regresso a Pedro Leopoldo.

O meu benfeitor partiu, realmente, para o Rio, enquanto me demorei na referida cidade, mais algumas horas aguardando condução para Vespasiano, de onde seguiria para minha terra, num comboio da Central do Brasil.

Enquanto aguardava, dois amigos me procuraram. Antes de tudo, perguntaram pelo meu protetor, verificando-lhe a ausência. Um deles me disse, então, que um emprego para mim, em Belo Horizonte, estava sendo obtido. Não só o emprego, mas também os recursos para que eu me instrísse convenientemente. Além disso, outras vantagens surgiriam beneficiando todo o meu grupo familiar. Lembrei-me de meu pai, contando comigo, e senti imensa alegria. Sim, iria trabalhar e depressa. Mas quando mostrei meu grande contentamento, o portador do comunicado me disse que havia condições. Para obter a colocação, eu

deveria renunciar ao Espiritismo e dizer que o livro “Parnaso de Além-Túmulo” era meu mesmo e não dos Espíritos.

Neguei-me a concordar. Expliquei de que modo os Espíritos haviam escrito o livro por minhas mãos.

O proponente sorriu e me disse:

— Chico, você conhece um passarinho chamado sofrê? Disse que não, ao que ele acentuou:

— O sofrê é um pássaro que imita os outros. Você nasceu com a vocação desse passarinho entre os poetas. Não acredite em Espíritos. Esses poemas que você julga psicografar são seus, somente seus.

Muito triste e desencantado com o que ouvia, pensei em Emmanuel e como se eu ligasse uma tomada nos ouvidos para a voz dele, escutei-o, ao meu lado:

— Sim, volte a Pedro Leopoldo e procuremos trabalhar. Você não é um sofrê, mas precisa sofrer para aprender.

Assim ficou encerrada a experiência. Regressei ao armazém do Sr. José Felizardo Sobrinho, de onde, aliás, me afastei pouco tempo depois para colocarme no Ministério da Agricultura. Conforme afirmava Emmanuel, nunca nos faltou o amparo da Providência Divina e conto o fato porque naturalmente outros médiuns enfrentarão situações semelhantes e o que se passou comigo foi para mim abençoada lição.

26. — O Sr. José Álvaro Santos era espírita?

R — Não era espírita. Conheci-o na

condição de católico de coração excelente.

27. – Ele soube da proposta que você recebeu?

R — Não de minha parte. Emmanuel julgou que eu devia encerrar o assunto, sem criar problemas entre ele e os amigos, de vez que o Sr. José Álvaro Santos pretendeu auxiliar-me na obtenção de trabalho honesto, com a sinceridade de um amigo fiel.

28. – Depois disso, Emmanuel examinou o assunto com alguma consideração digna de nota?

R — Nosso benfeitor espiritual ponderou, como sempre, que todo médium tem seus testes como todo aluno tem exames na escola, e que eu não poderia escapar. Ainda hoje, devo sofrer para aprender, como me dizia ele em 1933 e creio sinceramente que ainda nada sofri para compensar as alegrias que ele, Emmanuel, na Doutrina Espírita, me tem dado.

.Francisco Cândido Xavier

.Emmanuel

Nesse ponto, encerrei a entrevista, conquanto os assuntos novos que se mostravam, palpantes e vivos.

O horário, porém, não mais comportava a palestra e, de minha parte, sentia a necessidade de tudo anotar para minha própria meditação.

.Elias Barbosa

[1] Ver coleção de “**Reformador**” do ano de 1935, pág. 162.



4

Literatos que voltaram



Informados de que Chico Xavier teve algumas vezes contatos espirituais com literatos que lhe prometeram mensagens para depois da desencarnação, e conhecendo a importância do assunto para os estudiosos do Espiritismo, animamo-nos a endereçar-lhe algumas indagações para documentar as nossas observações nesse sentido.

Para isso, enfileiramos algumas perguntas às quais, através da palestra natural, algumas outras apareceram, oportunas e espontâneas.

E, dessa forma, surgiu a presente entrevista, de que saltam as informações do médium, com a naturalidade que lhe conhecemos na palavra sincera e que oferecemos aos nossos leitores dentro da fidelidade de que somos capazes, atentos ao nosso

interesse comum na pesquisa das realidades que nos aguardam, além da morte.

1. — Chico, recorda-se de escritores e poetas que hajam prometido pessoalmente a você regressarem do Além, a fim de algo escreverem por suas mãos?

R — Lembro-me de alguns.

2. — Pode citar alguns prosadores de sua lista?

R — Maria Lacerda de Moura e Romeu do Amaral Camargo, por exemplo.

3. — Será possível a nós outros saber como se deram as promessas de volta e a volta em si mesma?

R — Conheci pessoalmente Dona Maria Lacerda de Moura em 1937. Nesse tempo, ela estudava com imenso interesse os fenômenos mediúnicos, num grupo consagrado a diversos orientadores desencarnados do mundo indiano. As reuniões obedeciam às instruções deles e apresentavam resultados admiráveis do ponto de vista medianímico. Ela convidou-nos, ao Dr. Rômulo Joviano, que era então meu chefe no serviço, e a mim, para assistirmos a algumas reuniões. Com a permissão de Emmanuel, compareci, por algumas vezes, às tarefas do grupo mencionado, e pude ver, através da clarividência, as entidades que operavam, todas elas dignas do maior respeito, pelo sentido altamente religioso que davam às próprias manifestações. Dona Maria Lacerda de Moura, com quem troquei impressões sobre o intercâmbio em andamento, declarou-me

estar convencida, quanto à sobrevivência da alma, depois da morte. E, por várias vezes, me disse que se partisse para o Mundo Espiritual, antes de mim, viria, se pudesse, ao meu encontro para escrever o que lhe fosse possível. Desencarnada em 1945, voltou a ver-me em Espírito e grafou, por minhas mãos, a mensagem que consta do livro “**FALANDO À TERRA**”.^N

4. — Teria ela conversado com você, em torno de assuntos que não estejam na mensagem citada?

R — Sim.

5. — Ser-nos-á lícito saber de que tratou, se não for indiscrição?

R — Dona Maria que teve uma fase de livros combativos, em sua existência de escritora e mentora da mocidade, me disse que o azedume não constrói e que eu pedisse à Providência Divina para que inteligências desencarnadas com a vocação da censura violenta não viessem escrever por meu intermédio, criando problemas na seara de amor que o Espiritismo Cristão a todos nos oferece. Nesse sentido, falou comigo que eu desse graças a Deus por me achar sob as orientações do Espírito de Emmanuel que se impusera a si próprio rígidas disciplinas, a fim de servir ao Evangelho de Jesus.

6. — Depois disso, ela tornou a falar com você?

R — Muito raramente.

7. — Já que ela se referiu, de maneira assim confortadora, ao Espírito de Emmanuel, estaria, no Além, na condição de colaboradora desse nosso benfeitor espiritual?

R — Não. Dona Maria informou-me que prosseguia, no Mundo Espiritual, ao lado de vários amigos indus, estudando mentalismo, com vistas aos planos de trabalho espiritual que formulara para o futuro.

8. — Contou de que modo realizava ela esses estudos?

R — Não me deu detalhes, mas deduzi, pelo que ela me disse, que se trata de tarefas muito importantes sobre renovação espiritual.

9. — E quanto ao nosso caro escritor espírita Romeu do Amaral Camargo? Podemos saber algo?

R — Nosso amigo escrevia-me, às vezes, e numa das cartas últimas que me dirigiu para Pedro Leopoldo, afirmava com bondade e otimismo que, se lhe fosse possível, escreveria, por mim, na hipótese de anteceder-me na desencarnação. Pouco tempo depois de deixar-nos, cumpriu a promessa e deu-nos as páginas que se encontram igualmente no livro “**FALANDO À TERRA**”, já mencionado. ^N

10. — Disse ele, algo mais, além da conhecida mensagem?

R — Afirmou-me que prosseguia trabalhando ativamente em organizações espíritas-cristãs do Plano Superior e que, nós, os espíritas, carregamos enormes

responsabilidades nos ombros, porque recebemos o conhecimento libertador de que as leis de Deus funcionam na consciência de cada um. Acrescentou que somos tão beneficiados no Plano físico pelos princípios espíritas evangélicos e por isso mesmo tão agraciados pela Misericórdia de Deus que, até à época em que conversara comigo, pela primeira vez, não havia visto, dentre os companheiros já desencarnados com os quais convivia, um só que não se queixasse de condições deficitárias para com a Doutrina Espírita. Tão grandes eram as bênçãos recolhidas, que todos admitiam terem saído da experiência física reconhecendo-se endividados para com o Espiritismo Cristão, pelo qual, segundo a opinião deles mesmos, deviam ter trabalhado mais.

11. — Nosso amigo Romeu do Amaral Camargo ainda vem conversar, em Espírito, com você?

R — Algumas vezes.

12. — Chico, acerca dos poetas amigos que teriam regressado da Vida Espiritual, depois de entendimento com você, lembra-se de alguns?

R — De imediato, recordo-me de quatro amigos muito queridos, Honório Armond, Cornélio Pires, Maria Dolores e Jésus Gonçalves.

13. — Você conheceu Honório Armond? Era ele espírita?

R — Ao que sei, não era ele espírita, mas um grande poeta e um grande homem,

pela cultura e pela bondade. Encontrei-me com ele, algumas vezes, em grande cidade mineira, para onde me deslocava, a serviço de exposições pecuárias. Fui apresentado a ele pelo Dr. Durval Nascimento, grande professor barbacenense e, logo depois das primeiras palavras, disse-me haver lido o “Parnaso de Além-Túmulo”, comentando com respeito e simpatia os poemas psicografados. Desde então, quando nos víamos declarava-me, mais por bom humor do que por outra cousa, que se desencarnasse antes de mim, voltaria a escrever por meus dedos. E voltou mesmo. Ao lado daquilo que compõe, por nosso intermédio, costuma dizer-me que vem se adaptando à Vida Maior e que não dispõe de palavras para escrever o que sente agora, perante o Universo.

Das páginas que Xavier psicografou de Honório Armond, destacamos este soneto que fala significativamente de suas novas inspirações no Plano Espiritual.

ALCOÓLATRAS
Quadro pungente



Alcoólatra vampiro alça a boca
debalde,
Ébrio desencarnado, a hedionda
sede aguça.

Híspidos lábios lambe e escancara a
dentuça
Tateia o vidro, em vão, do frasco
verde e jalde.

Rápido, caça alguém no remoto
arrabalde.
Alcoólatra encarnado encontra e lhe
refuça
A goela que se inflama, enrubesce e
empapuça,
Como a sacar de si mais sede que a
rescalde.

Agarra-se o vampiro ao bêbado por
entre
As vértebras do peito e as vísceras
do ventre,
Toma-lhe o braço e o corpo...
Estala a língua
[bronca!

A dupla bebe, bebe... E, às tontas
na calçada
Cai de borco no chão, estira-se
largada,
Delira, geme, dorme, espolinha-se e
ronca...

.Honório Armond

14. – Que se pode saber quanto a Cornélio Pires?

R — O grande poeta humorista visitou-nos em diversas ocasiões, em Pedro Leopoldo, e habitualmente profetizava que me daria notícias depois da morte.

Quando o vi, pela derradeira vez, neste mundo, em 1945, estava abatido, fatigado... Informou-me que não se sentia longe da desencarnação e que eu lhe aguardasse o Espírito... Depois de desencarnado, lembrava-me habitualmente dele, em minhas orações. Anos passaram. Em 1956, quando me achava numa reunião pública de Espiritismo, na cidade de Sacramento, no Lar de Eurípedes, ele surgiu diante de mim e escreveu o primeiro dos seus sonetos mediúnicos por meu intermédio. Desde então, tornou-se um excelente amigo de nossas atividades mediúnicas na Comunhão Espírita Cristã de Uberaba, onde aparece, frequentemente, trazendo-nos enorme alegria e reconforto com as suas páginas.

15. — Cornélio Pires, desencarnado, terá, porventura, algum programa determinado de ação?

R — Não posso saber, mas vejo que ele é um obreiro dedicadíssimo da divulgação dos princípios espíritas. A respeito da pergunta, desejo narrar uma pequena passagem de minhas relações mediúnicas com o nosso amigo Cornélio Pires. Numa tarde do ano passado de 1966, sem que me lembre agora o dia exato, desejava sair à noite para ver alguns companheiros que se achavam num hotel, quando Cornélio me apareceu e disse assim:

Escuta-me, Chico amigo,
Pede a Deus para que eu possa,

Escrever hoje contigo
Alguma cousa da roça.

Inspiração não se atrasa,
Quero falar do sertão,
Não saia agora de casa,
Preciso de sua mão.

.Cornélio Pires

Achei muito curiosos os versos que eu ouvia dele e anotei-os para não esquecer. O resultado é que não me ausentei do lar e ele, à noite, escreveu algumas páginas que desejava grafar. Como vemos, nosso amigo desencarnado deve ter um programa determinado de serviço que, de imediato, não sabemos qual seja. ^N

16. – Que nos diz da poetisa Maria Dolores?

R — Era ela uma poetisa notável e obreira dedicada do Espiritismo no Brasil. Nasceu na Bahia e militou na seara espírita em Salvador. Foi, algumas vezes, a Pedro Leopoldo, e não só cultivávamos confortadora amizade que foi sempre uma honra para mim, como também mantivemos correspondência por vários anos. Maria Dolores às vezes, com a bondade que lhe marcava o trato fraterno, dizia que, se lhe fosse possível, tomaria minha mão para escrever, quando não mais estivesse no Plano físico. Ríamo-nos ambos, quando o assunto vinha de novo, à baila, em nossas conversações. Por mais reafirmasse a promessa, nunca admiti que

isso viesse a acontecer, porquanto, era ela, entre nós, uma senhora relativamente moça, desfrutando boa saúde. Entretanto, os vaticínios da estimada amiga se realizaram. Ela partiu para a Vida Espiritual, em 1959, e decorridos alguns anos, apareceu-me em Espírito, bem disposta e otimista, tendo escrito, até agora, por minhas mãos, vários poemas que realmente muito me reconfortam pelas ideias e sentimentos sublimes que encerram.

17. — Maria Dolores algo disse a você, com respeito às novas atividades que abraçou no Além?

R — Informou-me que prossegue interessada no serviço às crianças menos felizes, pelas quais já havia trabalhado carinhosamente na Terra e que atualmente se empenha a essa tarefa, de alma e coração, enquanto aguarda alguns dos seres queridos que deixou no mundo e dos quais deseja estar mais próxima. Acrescentou que, servindo às crianças necessitadas, pode manter-se nas vizinhanças dos corações que mais ama e aos quais se propôs servir com toda a dedicação de que é capaz.

CONFRONTOS



Tristeza oculta no peito
Tem a mania do cupim

Que, quando surge na casa,
O telhado está no fim.

Ciúme (Deus me perdoe)
Parece em qualquer feição,
Com jararaca enroscada
Por dentro do coração.

Orgulho lembra o coqueiro
Que mais alto põe o cacho,
Um dia, o raio aparece
E o coqueiro vem abaixo.

Vaidade recorda a rã
Que não vê a própria face,
E pensa que o mundo inteiro
É a lagoa onde ela nasce.

Mentira é igual ao macaco
Que come no pé de amora,
Corpo escondido na rama,
Deitando a cauda de fora.

Melindre parece a larva
Que cresce sem reboição
E acaba matando a rosa,
Sem que a rosa dê por isso.

Maledicência relembra
Um papagaio invulgar,
Que vive tanto mais preso
Quanto mais sabe falar.

Apego desenfreado
É igual à hera em ação
Que, aos poucos, abraça o muro

E atira o muro no chão.

Cobiça, se bem comparo,
É assim como poço fundo
Que cabe, de ponta a ponta,
Toda a miséria do mundo.

.Maria Dolores

18. — Que nos diz do nosso irmão Jéus Gonçalves?

R — Não cheguei a conhecer Jéus pessoalmente, mas tivemos uma correspondência regular por dois anos consecutivos. Achava-se ele, em tratamento em Pirapitingui, quando passou a se comunicar comigo, através da bondade de nossas irmãs D. Zaira Junqueira Pitti e Julinha Kohleisen, ambas residentes em São Paulo. Ele me escreveu um bilhete amigo e respondi. Desde então, habituei-me a receber o conforto que as palavras dele me traziam. Edificavam-me ao receber-lhe as observações otimistas. Conquanto vítima de moléstia pertinaz, ele era um exemplo de coragem e resignação, tranquilidade e fé viva. Dava-me tantas lições de paciência e compreensão que, muitas vezes, os recados e missivas dele para mim representavam mensagens da Vida Superior. Em muitos dos pequenos avisos que me enviava dizia que, ao partir da Terra, pretendia ir ver-me em Espírito. Em algumas ocasiões, enviou-me retratos dele, atendendo aos meus pedidos e

porque a moléstia lhe impusesse algumas alterações fisionômicas, costumava escrever-me com bom humor: “Irmão Chico, se você notar alguma diferença de uma fotografia para outra, isto é defeito da máquina, porque continuo sempre o mesmo.” De minha parte, respondia procurando encorajá-lo, se bem que reconhecesse que ele era um armazém de bom ânimo para mim. Acontece, porém, que em se desencarnando, se não me engano, em fevereiro de 1947, nosso caro poeta veio efetivamente ao nosso encontro como prometera.

19. — Conseguiria recordar-se das circunstâncias em que ele teria aparecido a você, pela primeira vez depois da morte do corpo?

R — Sim. Isso verificou-se da maneira, a mais comovente para mim. Antes de narrar o sucedido, devo dizer para melhor entendimento do que eu vou contar, que ele, na última carta que me enviou, dias antes da desencarnação, mandou-me um retrato — o derradeiro retrato que tive do inesquecível amigo —, no qual aparecia ele com algumas alterações na face e numa das pernas. Compreendi que a moléstia física progredia sempre e guardei a foto entre as minhas recordações mais queridas. Depois da carta com essa lembrança, algumas semanas passaram sem que eu recebesse novas notícias dele. Acontece que numa noite do mês de março de 1947 — não me recordo exatamente da data precisa —, chegaram a Pedro Leopoldo os nossos

amigos Sr. Francisco de Paula Cardoso, que residia em Santa Cruz do Rio Pardo, Estado de São Paulo, e Dr. Raul Soares, atualmente Diretor residente no Lar Anália Franco, da cidade de São Manoel, no mesmo Estado. Era uma terça-feira, em cuja noite não tínhamos qualquer tarefa no Centro Espírita Luiz Gonzaga, e por isso, os dois confrades citados e eu deliberamos ir à sede do grupo, que ainda se situava no lar de minha cunhada Geni, viúva do meu irmão José Cândido Xavier, a fim de orarmos juntos. Sentei-me entre os dois. Dr. Raul Soares fez a prece e, daí a minutos, Emmanuel se comunicava conosco. Terminada a mensagem do nosso querido orientador e quando me achava ainda em profunda concentração mental, vi a porta de entrada iluminar-se de suave clarão. Um homem-espírito apareceu aos meus olhos, mas em condições admiráveis. Além da aura de brilho pálido que o circundava, trazia luz não ofuscante mas clara e bela a envolver-lhe certa parte do rosto e da cabeça, ao mesmo tempo que uma das pernas surgia vestida igualmente de luz. Profunda simpatia me ligou o coração à entidade que nos buscava, assim de improviso, e indaguei mentalmente se eu podia saber de quem se tratava.

O visitante aproximou-se mais de mim e ouvi-lhe a voz calma e firme:

— Chico, eu sou Jésus Gonçalves! Cumpro a minha promessa... Vim ver você!

As lágrimas me subiram do coração aos

olhos. Percebi que o inolvidável amigo mostrava mais intensa luz nas regiões em que a moléstia mais o suplicara no corpo físico e quis dizer-lhe algo de minha admiração e de minha alegria, entretanto, não pude articular palavra alguma nem mesmo em pensamento.

Ele, porém, continuou:

— Se possível, Chico, quero escrever por você... dar minhas notícias aos irmãos que deixei à distância e agradecer a Deus as dádivas que tenho recebido...

A custo, perguntei a ele, ainda mentalmente, o que pretendia escrever, querendo, de minha parte, falar alguma coisa porque eu ignorava que ele houvesse desencarnado e não conseguia esconder o meu jubiloso espanto.

Ele abraçou-me. Em seguida, colocando-se no meio da pequena sala, recitou um poema que eu ouvia, mas não guardava na memória... Ao terminar, pareceu-me mais belo, mais brilhante...

Notando que o Sr. Francisco de Paula Cardoso e Dr. Raul Soares começavam a se preocupar com o pranto que eu não podia conter, rompi a expectativa, perguntando a Dr. Raul se ele tivera conhecimento da desencarnação do amigo que ali se nos apresentava. Ele e o Sr. Cardoso responderam negativamente. E como eu dissesse que ele, Jésus Gonçalves, queria escrever, Dr. Raul Soares ponderou que seria justo eu tomar o lápis e obedecer, prometendo que ele seguiria com o Sr. Cardoso, de Pedro

Leopoldo, para Pirapitingui, a fim de averiguar o que havia de autêntico no assunto, mesmo porque o grande poeta estava muito espiritualizado pelas provações de que se via acometido e talvez se achasse ali conosco fora do corpo físico, num fenômeno natural de desdobramento.

Segui o parecer muito justo de Dr. Raul Soares e tomei o lápis... Jésus Gonçalves debruçou-se sobre o meu braço e escreveu em lágrimas os versos que ele recitara para mim, momentos antes, em voz alta, os dois primeiros sonetos que recebi dele e que constam do seu livro póstumo, intitulado “Flores de Outono”,^N versos esses que peço licença para ler, de modo a que fiquem, como de inolvidável recordação do nosso amado amigo, hoje na Vida Espiritual.

.Francisco Cândido Xavier

.Emmanuel

PALAVRAS DO COMPANHEIRO

(Aos meus irmãos de Pirapitingui)

I



Irmãos, cheguei contente ao Novo
Dia
E ainda em pleno assombro de
estrangeiro,

Jubiloso, saltei de meu veleiro
No porto da Verdade e da
Harmonia.

Bendizei, com Jesus, a dor sombria,
Na romagem de pranto e cativoiro,
Nele achareis o Doce Companheiro
Para as rudes tormentas da agonia...

Não desdenheis a chaga que depura,
Nossas horas de amarga desventura
São dádivas da Lei que nos
governa!...

As escuras feridas torturantes
São adornos nas vestes
deslumbrantes
Que envergamos ao sol da Vida
Eterna!

II

Ave, maravilhosa madrugada
Que desdobras a luz no céu aberto
Além das trevas, longe do deserto
Onde a esperança geme
incontentada!

Salve, resplandecente e excelsa
estrada
Sobre o mundo brumoso, estranho e
incerto,
Que acolhe, em paz, o espírito
liberto
Na vastidão da abóbada estrelada!

Oh! meu Jesus, que fiz na noite
densa,
Por merecer tamanha recompensa
Se confundido e fraco me demoro?!

Recebe, ante a visão do Espaço
Eleito,
A alegria que vasa de meu peito
Nas venturosas lágrimas que
choro...

.Jésus Gonçalves

Quando a pequena reunião terminou, a emoção não me permitiu a leitura. Dr. Raul Soares, vivamente sensibilizado, leu os versos e, no dia seguinte, seguiu com o Sr. Paula Cardoso, levando a mensagem para a cidade de Pirapitingui, de onde me escreveu, imediatamente, comunicando que Jésus havia desencarnado, alguns dias antes de nossas preces.

Notei que Chico se comovera demasiado ao recordar a sessão descrita e, como já registrara notas suficientes para refletir nos escritores que haviam regressado da Vida Maior, conforme eles próprios haviam anunciado, encerrei a nossa conversação.

.Elias Barbosa

[2] “Falando à Terra”, edição da FEB.

[3] “Falando à Terra”, 1.^a edição, págs. 76-87.

[4] Dentre as páginas de Cornélio Pires, recebidas na noite referida, salientamos as trovas aqui transcritas que o médium conservou em seu arquivo, de vez que as demais mensagens se destinaram a amigos do poeta de Tietê.

[5] “**Flores de Outono**”, edição LAKE 1948, páginas 82 e 83.



5

Encontro com Chico Xavier



Intenção nossa, há tempos, auscultar nosso caro Chico Xavier, devotado médium que, há quarenta anos, vem oferecendo o melhor de si à Causa Espírita, através da mediunidade psicográfica, com respeito às suas tarefas medianímicas, mais intimamente consideradas, e daí surgiu a presente entrevista.

Nós, que temos a felicidade de conhecê-lo e de ser-lhe coetâneos, tendo-o, na atualidade, tão perto de nós, não sopitamos o desejo de endereçar-lhe diretamente algumas perguntas. Como nos esclareceria sobre o desenvolvimento mediúnico? Teria alguma vez lavrado outro campo de serviço, que não o da psicografia? Como se iniciou na obra do livro? Como se sente aos quarenta anos ininterruptos de trabalho?

Aventuramo-nos a fazer-lhe essas e outras interrogações e com as respostas originais que nos forneceu, passamos, sem mais delonga, nosso desprezioso estudo aos estimados leitores, na certeza de que estamos servindo à difusão de nossa Renovadora Doutrina, porquanto, depois de nosso encontro nas vinte e duas questões que se seguem, reconheci que não temos aí tão somente material informativo, mas também recursos outros tocados de profunda experiência humana, que nos leva a redescobrir, em nossas atividades espíritas-cristãs, os caminhos do coração para o acesso às fontes da fé pura e do entendimento, de que se derramam sobre nossas almas as águas vivas da esperança, verdade, amor e luz.

1. — Chico, aos quarenta anos de serviço mediúnico, pode você explicar o que seja desenvolvimento de mediunidade?

— Do ponto de vista técnico, não sei responder. Pela prática da vida, creio, porém, que desenvolvimento mediúnico é o aumento da intimidade do médium com as entidades espirituais ou a penetração gradativa da pessoa humana na esfera de atividades da alma, habitualmente invisível para os olhos comuns.

2. — Você tem estado sempre, de 1927 até agora, mais acentuadamente na psicografia. Isso quer dizer que você somente desdobrou as suas forças psíquicas, nesse setor?

— Não. À medida que fui trabalhando na psicografia, os Benfeitores Espirituais, a

pouco e pouco, me abriram outras possibilidades de observação, como sejam as que se relacionam com a clarividência, a clariaudiência, a psicofonia, as faculdades curativas e o serviço espiritual à distância, conquanto Emmanuel, o instrutor que nos orienta desde 1931, considere que a psicografia é o meu setor particular de trabalho, do qual não devo desviar a atenção.

3. — Nunca foram as suas faculdades experimentadas em efeitos físicos?

— Sim. Recordo-me que nos anos de 1952 e 1953 cooperei com os Amigos Espirituais em diversas reuniões de efeitos físicos, carinhosamente acompanhadas por alguns amigos íntimos, notadamente de Pedro Leopoldo, Belo Horizonte, Rio e São Paulo, entretanto, após dois anos de experiências com bons resultados, Emmanuel solicitou encerrássemos essa fase de meus pobres recursos psíquicos, para não interromper os serviços do livro mediúnico.

4. — Por que teria Emmanuel formulado semelhante solicitação?

— Alegou o nosso caro mentor que o nosso entusiasmo crescente pelos fenômenos, estava a ponto de descambar para a curiosidade improdutiva e que isso ameaçava o trabalho já instalado por ele e outros benfeitores espirituais para a formação do livro psicográfico. Além disso, acrescentou que outros medianeiros se incumbiriam das tarefas de

materialização e que não me cabia forçar situações ou alterar os planos de trabalho da Esfera Superior.

5. — Em mediunidade, você tem recebido somente Espíritos generosos e elevados, como, por exemplo, Emmanuel, André Luiz, Irmão X, Casimiro Cunha e outros?

— Devo explicar que sou também médium para serviço de doutrinação a entidades perturbadas e sofredoras. Desde 1928, frequento sessões de desobsessão e, há muitos anos, esse meu esforço é semanal. Em Pedro Leopoldo, participei das reuniões dessa modalidade que se realizavam no “Centro Espírita Luiz Gonzaga” e, depois, no “Grupo Espírita Meimei”. Atualmente, nas noites de quarta feiras, partilho as sessões para desobsessão que se efetuam na “Comunhão Espírita Cristã”, aqui de Uberaba.

6. — Esse trabalho em desobsessão, na sua vida, é aprovado por Emmanuel?

— Sim, ele afirma que tenho necessidade disso, ensinando-me que o meu concurso em reuniões de desobsessão é para mim o melhor meio de harmonizar-me com irmãos recentemente desencarnados que não simpatizam comigo e de obter a tolerância daqueles Espíritos a quem ofendi em minhas existências passadas e que naturalmente me observam ou seguem do Mundo Espiritual, na posição de adversários aparentemente gratuitos.

7. – Quem no Mundo Espiritual falou com você, a primeira vez, sobre a tarefa dos livros mediúnicos?

— O Espírito de Emmanuel.

8. – Podemos saber quando?

— Quando começou a visitar-me em 1931.

9. – Antes de Emmanuel, algum companheiro encarnado teria anunciado a você o serviço das obras mediúnicas?

— A única pessoa, entre os nossos irmãos encarnados, que me avisou sobre isso foi a nossa irmã D. Carmen Pena Perácio, a médium abnegada que me orientou os passos iniciais na Doutrina Espírita. Lembro-me de que na reunião da noite de 18 de janeiro de 1929, numa Sexta-feira, no “Centro Espírita Luiz Gonzaga”, em Pedro Leopoldo, findas as atividades da sessão evangélica, ela me disse ter visto um quadro espiritual, mentalizado por um Espírito benfeitor até nossa casa. Afirmou nossa irmã que vira muitos livros em torno de mim, trazidos por amigos desencarnados. Eu não tinha qualquer pensamento a respeito do assunto e, não tendo ouvido bem a palavra “livros”, protestei alegando que eu não merecia, de modo nenhum, que os Espíritos protetores me trouxessem “lírios”. Julguei que ela se referia a essas flores. Os presentes riram-se fraternalmente, diante de minha surpresa e ela explicou que se tratava de “livros”. O incidente de minha incompreensão marcou o aviso, a tal ponto, que D. Ornélia Gomes de Paula,

nossa companheira de ideal espírita em Pedro Leopoldo, então presente à reunião, anotou a data do aviso de nossa irmã D. Carmen e me deu essa nota, por escrito, quando saiu o “Parnaso de Além-Túmulo”, em 1932.

10. – Você acredita que o Espírito de Emmanuel preparou as suas faculdades para a tarefa do livro?

— Sei que a tarefa do livro mediúnico pertence sobretudo a ele com outros mentores da Vida Maior, mas guardo a convicção de que Emmanuel, com muita caridade e paciência, tenta adaptar-me para a colaboração com ele, desde 1931 até agora, assim como um viajante muito educado procura domar um animal freado e irrequieto, a fim de realizar uma longa excursão.

11. – Acha que ele tem sido para você o amparo que o professor representa, em si, para o aluno?

— Muito mais que isso. Ele tem sido para mim um verdadeiro pai na Vida Espiritual, pelo carinho com que me tolera as falhas, e pela bondade com que repete as lições que devo aprender.

12. – Admite que ele ensinou a você matérias de que você tinha conhecimento, antes da vinda dele até você?

— Sim. Em trinta e seis anos de convívio estreito, quase diário, ele me traçou programas e horários de estudo, nos quais a princípio incluiu até datilografia e gramática, procurando desenvolver os meus singelos conhecimentos de curso

primário, em Pedro Leopoldo, o único que fiz até agora, no terreno da instrução oficial.

13. — Poderíamos dizer que você é um autodidata?

— Penso que não, porque diariamente recebo lições de Emmanuel e, às vezes, de outros Espíritos Amigos. Em trinta e seis anos de escola disciplinada com eles, creio que eu deveria mostrar o proveito, de que me vejo muito longe.

14. — Conseguiria você dizer em que matéria Emmanuel é mais exigente com você, na qualidade de educador?

— No trato com os outros, porque diz ele que no trato com o próximo a luz do Evangelho de Jesus deve ser comunicada de quem fala para quem ouve. Quando converso com qualquer pessoa em voz áspera, com impaciência, com agressividade, com anotações de maledicência ou com azedume, ele deixa passar os meus momentos infelizes e, depois, principalmente quando entro em meditações e preces da noite, ele me repreende severamente, lamentando as minhas faltas.

15. — Pode você lembrar algum fato curioso em torno dessa preocupação de Emmanuel com a palavra?

— Recordarei um dos muitos casos nesse sentido, que trago em minha experiência pessoal. Na manhã de 3 de novembro de 1958, viajava eu num avião de Uberaba para Belo Horizonte. Até Araxá, tudo

correu bem, mas entre Araxá e a capital mineira, o aparelho foi tomado de grande excitação. Parecia descontrolado e inseguro. Os passageiros começaram a reclamar. O comandante muito sereno veio até nós e disse que não havia motivo para alarme, que a nave seguia para o objetivo em excelentes condições e explicou que os movimentos desordenados do aparelho eram devidos a um fenômeno atmosférico que ele denominou por “vento de cauda”. O pessoal acalmou-se, mas como os movimentos bruscos ficaram mais fortes por alguns instantes, muitas pessoas começaram a orar em voz alta e quatro crianças passaram a chorar assustadas. A inquietação geral tomou meu espírito e comecei também a orar, quase gritando: “Oh! meu Deus! oh! meu Deus, tende piedade de nós!”. Nisso, quando eu estava nessas exclamações em ponto alto, vi Emmanuel entrar no avião. Veio a mim e perguntou por que motivo eu clamava daquele jeito. Eu respondi: “Estamos em perigo”... E acrescentei, suplicando: “Será esta a hora em que vou morrer?” Ele, muito calmo, apenas me disse: Não posso saber se o Senhor resolveu determinar a sua desencarnação, agora, mas se você julga que vai morrer, procure morrer com educação, sem aumentar a aflição dos outros. “Desde esse momento, me refiz na poltrona, enquanto que, pouco a pouco, o avião retomava os movimentos normais. Tudo não passara de um

acontecimento regular em viagem.

16. – Qual o método que Emmanuel tem seguido em seu desenvolvimento mediúnico?

— Estudo e trabalho, com disciplina e dever cumprido.

17. – Em matéria de estudo, quais os livros que ele adota com você?

— Emmanuel me deixa livre para escolher os livros que eu deseje e dedica muito apreço a todas as obras que analisam seriamente a mediunidade, mas, desde 1931, me aconselha a estudar constantemente o **NOVO TESTAMENTO** e a **CODIFICAÇÃO DE ALLAN KARDEC**. Desde esse tempo, não passei um dia sequer sem ler algum trecho ou página dos Evangelhos e dos livros de Allan Kardec, principalmente, o “**O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO**” e “**O LIVRO DOS ESPÍRITOS**”, pelo menos quinze a vinte minutos diariamente.

18. – Emmanuel já fez para você alguma referência especial sobre Allan Kardec?

— Lembro-me de que num dos primeiros contatos comigo, ele me preveniu que pretendia trabalhar ao meu lado, por tempo longo, mas que eu deveria, acima de tudo, procurar os ensinamentos de Jesus e as lições de Allan Kardec e disse mais que, se um dia, ele, Emmanuel, algo me aconselhasse que não estivesse de acordo com as palavras de Jesus e Kardec, que eu devia permanecer com Jesus e Kardec, procurando esquecê-lo.

19. – Chico, temos somente um total de vinte e duas perguntas para não nos alongarmos em demasia. Assim, aproximemo-nos da parte final de nossa entrevista, com novos assuntos. Você conheceu pessoalmente muitos médiuns brasileiros? e quais deles ficaram mais nítidos em sua memória?

— Tenho a honra de haver conhecido muitos companheiros da mediunidade em nosso País, mas peço licença para não declinar nomes porque a lista seria grande e não devo recordar uns e omitir outros, numa entrevista improvisada como a nossa.

20. – Você sente fadiga aos quarenta anos de serviço mediúnico?

— Não tenho cansaço algum. A mediunidade sempre foi para mim uma bênção de Deus.

21. – Está entusiasmado com o movimento de homenagem iniciado pela União Espírita Mineira, ao seu quadragésimo aniversário na psicografia?

— Reconhecido sim, mas não entusiasmado, porque nada fiz que me dê o privilégio de receber qualquer consideração especial. Na condição de criatura humana, conheço as minhas deficiências e falhas e na condição mediúnica sou um animal em serviço. Agradeço a todos os amigos queridos da União Espírita Mineira, o carinho da lembrança, mas não podemos esquecer os demais companheiros que realizam pela Causa Espírita, o que estou muito longe

de fazer em minha indignação total. Nesse sentido, peço permissão para recordar aqui dois exemplos, quais sejam nossa irmã Dona Carmen Pena Perácio, em Belo Horizonte, e nossa irmã Antuza Ferreira Martins, aqui mesmo em Uberaba, missionárias fiéis da mediunidade, em serviço ininterrupto, há mais de quarenta anos consecutivos. Cabe-me dizer que devo à Dona Carmen Pena Perácio a felicidade de minha iniciação mediúnica, guardando para com ela uma dívida de gratidão e de amor que jamais conseguirei resgatar.

22. – Tem alguma recomendação a fazer aos irmãos de ideal nesta hora em que recordamos seu quadragésimo aniversário de serviço medianímico?

— Recomendação não e sim rogativa. Peço aos nossos companheiros de ideal e trabalho uma prece, em meu favor, a fim de que eu venha a errar menos no cumprimento de minhas obrigações.

.Francisco Cândido Xavier

.Emmanuel



6

Diálogo com Chico Xavier

(BALANÇO MEDIÚNICO DE 40 ANOS DE SERVIÇO)

Ao ensejo dos quarenta anos de exercício constante da mediunidade do nosso amigo Francisco Cândido Xavier, junto aos amigos desencarnados e junto do povo, ocorreu-nos uma entrevista diferente.

Encontrando-se Xavier, em Uberaba, há quase dez anos, e, por isso mesmo, achando-se conosco praticamente quase a quarta parte de seu tempo de mediunidade ativa e, com suficientes recursos de observação para avaliar-lhe a longa quadra de serviço em Pedro Leopoldo, sua terra natal, pensamos que seria interessante anotar, pessoalmente, em companhia dele, alguns dados estatísticos, no intuito de demonstrar que

qualquer de nós pode claramente viver a existência comum concomitantemente com a prática da mediunidade, sem prejuízo da profissão e da experiência em família.

Para isso, a nosso ver, seria importante enfileirar números, tanto quanto possível, e fazer qualquer coisa à guisa de balanço rápido dos seus quatro decênios de trabalho incessante. Quantas reuniões em quarenta anos? quantas horas de ação? quantos contatos pessoais? quantas páginas publicadas de todo o material psicografado até agora? Claro que somente por estimativa semelhante exame poderia ser feito, de vez que em quase dez anos de convivência, ser-nos-ia possível ajuizar em cálculo aproximado o balanço referido e, como a estimativa é base sólida para raciocínios lógicos, rumamos para a residência de Chico Xavier na Vila Silva Campos, e, cordialmente acolhidos, demos início à nossa conversação de que surgiram apontamentos com pretensão à contabilidade, apontamentos que passamos, sem maiores comentários, aos caros companheiros de nossa Causa que, porventura, nos venham a ler os despreziosos estudos e anotações.

1. — Chico, no seu entender, a quantas reuniões espíritas, você compareceu, no curso de quarenta anos consecutivos?

— Exatamente, seria difícil responder...

2. — Sabemos que você tem viajado e, principalmente viajou muito em Minas, a

serviço das exposições pecuárias orientadas pelo Ministério da Agricultura. Compreendendo isso e sabendo que você desde Janeiro de 1959 comparece em Uberaba, a quatro reuniões semanais, sem considerarmos as reuniões extras realizadas em companhia de amigos, muitas vezes, por exemplo, nas manhãs dos sábados, e considerando ainda que você esteve em Pedro Leopoldo, em reuniões públicas e íntimas, de 1927 a 1958, poderá avaliar por estimativa, em quantas reuniões esteve por semana, desde 1927 até agora?

— Bem, creio que se colocarmos todas as reuniões em conjunto para extrairmos a média, admito que terei tido três reuniões por semana, em todo o meu período de contato com irmãos espíritas e não espíritas.

3. — E pode dizer o montante de suas reuniões íntimas com os Benfeitores Espirituais, já que quase todos os livros psicografados por você são recebidos fora das reuniões?

— Impossível dizer...

4. — Então diga-nos: quantas horas por dia você terá trabalhado com os assuntos da mediunidade e do Espiritismo, no total das reuniões com os nossos irmãos encarnados e desencarnados?

— Considerando o total de todas as reuniões que tive até hoje, com os nossos irmãos da Terra e com os do Plano Espiritual, e observando que Emmanuel e André Luiz preferem trabalhar comigo, nos livros, principalmente à noite, sem horário para terminar, admito que, incluindo igualmente os estudos espíritas que tenho de fazer, por determinação de nosso abnegado Emmanuel, tenho tido a

média de cinco horas diariamente de contato com a mediunidade e com as tarefas gerais de nossa Doutrina, sem prejuízo de minhas obrigações familiares e profissionais.

Depois destes informes, tomei o
lápiz e
40 anos — 2.080 semanas de
reuniões,
2.080 semanas a 3 reuniões cada
uma — 6.240 reuniões.

Imaginemos, em cálculo tomado abaixo da realidade dos serviços mediúnicos em Uberaba, que Chico Xavier tivesse estado com apenas 160 pessoas, em cada reunião, examinando o total de umas pelas outras, e devemos admitir que o médium de “Parnaso”, além da tarefa dos livros e das páginas de orientações individuais, dadas pelos Bons Espíritos, às centenas por semana, propriamente considerada, terá tido mais de 1.000.000 de contatos pessoais, nos últimos quarenta anos.

Ampliando os nossos cálculos, e observando a quota integral do tempo de serviço, na média de cinco horas de atenção e ação mediúnicas por dia, devemos atribuir ao médium Xavier (a nosso ver no mínimo), um montante de 73.000 horas de trabalho doutrinário de 8 de julho de 1927 a 8 de julho de 1967. Esse tempo equivale a 8 anos, 12 dias e 10 horas de tempo integral, contados dia e noite sem pausa.

Sem relacionar as orientações pessoais, as tarefas de colaboração em serviços curativos, os serviços de desobsessão e as mensagens mediúnicas de caráter particular (incluindo as mensagens em línguas estrangeiras), de que Chico se responsabiliza semanalmente, temos 92 livros, dos quais 75 de sua exclusiva lavra mediúnica e 17 de parceria com o médium Waldo Vieira, com o total de 17.119 páginas. Nesse total estão incluídos 21.772 versos. ^N

Desses livros temos 5 traduzidos em Esperanto, 9 em Castelhana e uma em inglês, afora as numerosas mensagens isoladas traduzidas para o Esperanto, Castelhana, Grego, Inglês, Árabe e Japonês.

Organizamos esses cálculos à pressa e voltamos à entrevista:

5. — Chico, em toda a sua existência atual quantos empregos teve?

— Quatro.

6. — Quais?

— Em Pedro Leopoldo, onde nasci, fui operário da Fábrica de Tecidos da atual Cia. Industrial Belo Horizonte, em Pedro Leopoldo, onde trabalhei como servente de fiação, em meus tempos de menino; em seguida, fui servente de cozinha no Bar do Dove, que pertencia ao Sr. Claudovino Rocha, hoje comerciante em Belo Horizonte; depois, fui caixeiro no pequeno armazém do Sr. José Felizardo Sobrinho, já desencarnado; e, por último

trabalhei como auxiliar de serviço na antiga Inspetoria Regional do Serviço de Fomento da Produção Animal, em Minas Gerais, onde servi por trinta anos e aposentei-me na categoria de Escriurário.

7. – Alguma vez, o exercício da mediunidade impediu o cumprimento do seu dever?

— Não. Aliás, devo dizer que através do exercício da mediunidade, os Amigos Espirituais sempre me auxiliaram para que eu fosse fiel às minhas obrigações.

8. – Pelos cálculos que fizemos agora, além dos seus trabalhos naturais na vida comum, você tem 73.000 horas de atenção e ação na mediunidade. Você já sabia disso?

— Não. Nunca fiz essa conta e creio que qualquer pessoa tem milhares e milhares de horas em seus trabalhos na vida.

9. – Não ignoramos isso. A nossa estatística é unicamente em suas atividades mediúnicas, porque desejamos, em nossa conversação, provar que o exercício da mediunidade não colide com as obrigações justas. Qualquer pessoa pode ser fiel à sua profissão e fiel ao mandato mediúnico. Que diz você a isso?

— Realmente, a mediunidade nunca me impediu o desempenho de minhas obrigações, mas já que você fala nas horas de serviço mediúnico, é necessário que eu diga que me sinto uma criatura tão imperfeita e tão necessitada de socorro espiritual, neste ano de 1967 quanto em 1927.

10. – Mas você está de boa saúde?

— Estou, graças a Deus, muito bem.

11. – Como se vê, espiritualmente, após quatro decênios de trabalho mediúnico?

— Bem, quanto mais o nosso caro Emmanuel faz luz no caminho de minha vida, chamando-me ao exato desempenho de meus deveres, mais reconheço as minhas deficiências. Em vista disso, creio que não exagero e nem procuro falsa modéstia, quando digo que sou um animal em serviço... Uma besta, por exemplo, carregando livros e documentos...

Concluimos a palestra, ponderando:

12. – Bem, admitamos que você seja essa besta em serviço, mas, mesmo assim, você provou, em quarenta anos de atividade mediúnica incessante, que o exercício da mediunidade não prejudica a saúde ou o equilíbrio de ninguém e que se pode viver à própria custa, cooperando com os Bons Espíritos, “dando de graça o que de graça ou por graça foi recebido”, conforme os ensinamentos de Jesus.

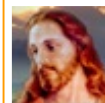
Nosso tempo de conversação terminara e, talvez por isso, chegados que fomos a esse ponto, Chico Xavier rematou, antes de despedir-se:

— Bem, se você julga que isso é assim, eu, como besta, dou graças a Deus.

.Francisco Cândido Xavier

.Emmanuel

[6] No total faltam ainda alguns livros de edições atualmente esgotadas, incluindo as obras no prelo ou ainda em formação.



7

Chico Xavier em vários temas



Cientes de que entrevistaríamos Chico Xavier sobre vários assuntos, na passagem do quadragésimo aniversário de suas atividades mediúnicas, alguns confrades nos trouxeram pequena lista de perguntas que julgam de interesse para os estudos que realizam, à face da experiência haurida por Xavier, em contato incessante com o abnegado Espírito de Emmanuel. Desse modo; mais uma vez, procurei o médium amigo para um diálogo fraternal, de que resultaram as páginas seguintes, nas quais guardamos absoluto respeito à simplicidade original da conversação havida.

- 1. – Chico, ainda sobre o princípio de suas atividades mediúnicas, vários amigos desejariam mais amplos detalhes, em torno de**

suas informações sobre o assunto. Como você recebia a atitude dos companheiros que, por volta de 1928 a 1931, enviaram de Pedro Leopoldo a diversos setores da imprensa, as produções psicografadas que você recebia do Plano Espiritual?

R — Eu não tinha experiência mediúnica suficiente para determinar sobre o assunto e vendo os amigos e irmãos de ideal tão entusiasmados com as páginas saídas de minhas mãos, não via qualquer mal em que eles as publicassem. Assim agia, procedendo também de acordo com as vozes dos amigos espirituais que me diziam não haver qualquer inconveniência nisso, porque me diziam naquele tempo que as páginas em formação eram ensaios psicográficos.

2. — Acredita que os amigos teriam tido o desejo de fazer de você um literato de renome?

R — Talvez. Estimavam-me com um carinho que nunca mereci e chegavam a escrever para diversos jornais, às vezes, em meu próprio nome, solicitando a publicação dessa ou daquela produção que lhes despertasse maior interesse.

3. — Lembra-se das primeiras pessoas a quem tivessem escrito, solicitando as referidas publicações?

R — Sim. Na imprensa espírita recorreram primeiramente ao nosso confrade Ignácio Bittencourt que dirigia o jornal “Aurora”, do Rio, e, na imprensa não espírita, solicitaram a cooperação do nosso amigo José Machado Tosta, que se responsabilizava pela coluna “Vários

Cultos”, na Gazeta de Notícias, igualmente do Rio. Ambos esses caros companheiros, Ignácio Bittencourt e José Machado Tosta, se fizeram generosos amigos meus, incentivando-me, em abençoadas cartas, ao trabalho mediúnico que começava.

4. — Admite você que os confrades da primeira hora de sua mediunidade psicográfica poderiam ter transformado você num literato, se você se acreditasse como tal?

R — Creio que não. A tarefa mediúnica principiou para meu entendimento como se eu estivesse saindo, muito pouco a pouco, de uma névoa... À medida que o tempo correu, a minha tela íntima se renovou totalmente e passei a compreender com clareza que as produções literárias não eram minhas e sim dos Amigos Espirituais. Dissipadas todas as minhas dúvidas, desde que o nosso abnegado Emmanuel começou a orientar-me em sentido direto, eu não teria coragem de aparecer, em campo, com mensagens que absolutamente não me pertenciam. E hoje creio que se eu insistisse agindo com mais vaidade do que aquela que possuo, afirmando que as produções eram minhas e não dos Espíritos Benfeitores, eles, nossos Amigos do Alto, teriam meios de me afastar caridosamente da obra deles, situando-me na minha absoluta insignificância, que, graças a Deus, reconheço.

5. — Você se reconhece pessoa inteligente, talvez

genial como entendem muitos adversários da Doutrina Espírita, sempre interessados em desacreditar o fenômeno mediúnico?

R — Não. Nunca me senti assim. Basta lembrar que fui aluno repetente do quarto ano primário no Grupo Escolar São José, em Pedro Leopoldo, nos anos de 1922 e 1923.

6. — Mas, você se reconhece atualmente dispo de mais facilidade para falar ou escrever?

R — Sim, não posso esquecer que debaixo da disciplina de Emmanuel que, por misericórdia de Jesus, me dispensa atenções constantes de um professor (não por mim mas pela obra do Mundo Espiritual), estou numa escola constante, desde 1931, portanto, há trinta e seis anos consecutivos. Algum proveito de tantas bênçãos recebidas devo demonstrar.

7. — É você mesmo quem datilografa as produções psicografadas por suas faculdades?

R — Sim.

8. — Isso decerto lhe dá motivo a muita aprendizagem?

R — Realmente. A mediunidade para mim tem sido quase que um sistema de aulas diárias.

9. — Você, em seus quatro decênios de trabalho medianímico, veio a conhecer muitos médiums de efeitos físicos? Qual deles mais o impressionou?

R — Sim, alguns. Guardo excelentes lembranças de todos os companheiros da mediunidade de efeitos físicos, mas um

deles ficou de maneira especial em minha lembrança, o nosso irmão Francisco Peixoto Lins, mais conhecido pelo nome afetivo de Peixotinho, desencarnado em 1966. Nas reuniões a que assisti em companhia dele, presenciei não somente admiráveis fenômenos de materialização, mas também muitas curas de doentes através do processo de socorro que os Amigos Espirituais nomeavam como sendo “transusão de células”.

10. – Qual a opinião de Emmanuel sobre os fenômenos de materialização?

R — Diz nosso benfeitor espiritual que eles são sempre respeitáveis onde quer que apareçam e que não somente servem como elementos de base à convicção na imortalidade da alma, como também e, principalmente nisso, nos trabalhos de auxílio à saúde humana.

11. – Sabendo nós que Emmanuel não permitiu a você o desenvolvimento mais amplo de suas faculdades mediúnicas de efeitos físicos, queria isso dizer que ele, o nosso amigo espiritual, é menos favorável ao serviço de materializações?

R — Não. O raciocínio não é claramente este. Emmanuel considerou quando eu me achava no desenvolvimento da mediunidade de efeitos físicos que não convinha o meu afastamento, mesmo parcial da psicografia, e que, por isso, aconselhava o encerramento de minha experiência nesse sentido. Acrescentou, ainda, que o serviço do livro mediúnico, em que me encontro, é também tarefa de

materialização — a materialização dos pensamentos do Mundo Espiritual.

12. — Você, pessoalmente, que opinião formula? Qual o serviço medianímico que lhe proporciona mais alegria?

R — Para mim, pessoalmente, o trabalho psicográfico é motivo de mais contentamento, porque convivo na intimidade com os Espíritos amigos que se servem de minha mão para escrever. Enquanto trabalham por meu intermédio, fazem-me viver num mundo à parte, onde recebo ensinamentos constantes.

13. — Na sua experiência mediúnica, você acredita que nós, os espíritas, podemos provocar os fenômenos de materialização?

R — Provocar, não, mas devemos estudá-los onde surjam e, se possível, orientá-los nos serviços de cura, em favor dos nossos irmãos doentes, porque, assim, eles auxiliarão, de uma só vez, aos enfermos do corpo e aos enfermos do Espírito, que ainda se vejam órfãos de fé na vida além da morte.

14. — Você quer dizer que os Bons Espíritos se empenham em conduzir-nos, tanto quanto possível, para as obras de assistência social?

R — Perfeitamente. Emmanuel, Dr. Bezerra de Menezes, Batuíra, André Luiz e outros instrutores da Espiritualidade nos dizem sempre que o Espiritismo sem trabalho de auxílio aos semelhantes, com base em nossa própria reforma íntima, deixa de ser o Cristianismo redivivo que é e deve ser, para ficar isolado em teorias e afirmações

estanques.

15. — E quanto ao estudo? que dizem nossos Benfeitores Espirituais?

R — A pergunta é muito própria, porque, concomitantemente com a assistência social, os Benfeitores da vida Maior nos recomendam estudar atenciosamente e sempre, porque sem estudo não saberemos raciocinar e sem raciocinar com segurança não saberemos discernir. Emmanuel reafirma sempre que devemos estudar e servir em qualquer idade ou situação.

16. — Como é que os Bons Espíritos definem a parapsicologia?

R — Por movimento de investigação científica digno de todo o nosso acatamento.

17. — Nossos Benfeitores Espirituais, porém, acreditam que nós, os espíritas, devemos abraçar os estudos parapsicológicos?

R — Emmanuel é de opinião que alguma das autoridades espíritas, principalmente os nossos irmãos que se encontram mais ligados ao campo científico e filosófico, necessitam sem dúvida, cooperar com a parapsicologia, para que haja alguma representação da Doutrina Espírita, junto aos investigadores da imortalidade, entretanto, isso se concebe apenas para que façam colaboração espírita, junto aos movimentos de indagação, porque, de modo geral, nós, os espíritas, somos chamados a responsabilidades já

determinadas perante a Vida Superior e, trilhando a estrada do serviço e da realização, do burilamento moral e da fé positiva, não seria justo largar as nossas obrigações para abraçar tarefas diferentes, que são, de fato, muito respeitáveis, mas situadas à margem do caminho claro e definido de quem já encontrou a certeza na própria sobrevivência além da morte.

18. — Que pensa Emmanuel do espírita diante do sincretismo religioso?

R — Nosso amigo espiritual nos aconselha a respeitar crenças, preconceitos, pontos de vista e normas de quaisquer criaturas que não pensem como nós, mas adverte-nos que temos deveres intransferíveis para com a Doutrina Espírita e que precisamos guardar-lhe a limpidez e a simplicidade com dedicação sem intransigência e zelo sem fanatismo. Emmanuel costuma dizer-me sempre que se nós, os espíritas evangélicos, estivermos atentos ao volume enorme das obrigações que carregamos, seja no aprimoramento de nós mesmos; no devotamento ao trabalho que nos é próprio, seja na família ou no grupo social a que pertencemos; no estudo constante; na execução de nossos deveres para com o próximo e no desempenho das funções espíritas nas instituições que frequentamos e que nos beneficiam, não encontraremos tempo, nem disposição para comentar as atividades de outros agrupamentos religiosos. Assevera nosso benfeitor da Vida Maior que já possuímos

área suficiente de interesses, aspirações, tarefas, lutas, dificuldades e alegrias para viver, aprendendo a conviver e a servir nos moldes que Jesus nos ensinou.

19. — Cabe-nos, assim, defender a obra de Allan Kardec, em qualquer tempo?

R — Sim. Os Espíritos Amigos nos dizem que nos compete a obrigação de defender os ensinamentos de Allan Kardec, sobretudo, na vivência dessas benditas lições, através de nossas próprias vidas. Compreendendo assim, reconheceremos que é necessário sermos fiéis a Kardec em todas as nossas atividades, mas não podemos esquecer que Allan Kardec nos trouxe a Doutrina Espírita, na condição de Cristianismo Restaurado, em nome de Nosso Senhor Jesus-Cristo, e, por isso mesmo, não seria justo, de nossa parte, repelir os irmãos que desejem estudar Allan Kardec conosco, tão só porque não demonstrem, de imediato, uma visão tão ampla da Missão Kardequiana, como seria de desejar.

20. — Como julga Emmanuel poderemos fazer isso?

R — Afirma ele que podemos e devemos ser fiéis a Allan Kardec, com o nosso exemplo e verbo claro, onde estivermos, e que isso não invalida o dever de abençoar ou auxiliar os que não conseguem ver o caminho ou a vida com os nossos olhos. Nesse sentido, respondendo, há tempos, a uma consulta desse teor, nosso amigo espiritual replicou alegando que um

médico pode e deve auxiliar ao doente, sem que, para isso, seja obrigado a compartilhar-lhe o leito enfermiço.

21. — Chico, entendemos que o nosso diálogo está longo, mas pode dizer-nos o que pensa Emmanuel quanto ao problema de doenças e obsessões?

R — Muitas vezes, adverte-nos que doenças e obsessões são testes que nos põem à prova a capacidade de resistência moral, ensinando-nos a valorizar a saúde do corpo e o equilíbrio da alma.

22. — Qual a melhor profilaxia contra as obsessões?

R — Nossos Benfeitores Espirituais são unânimes em declarar que o estudo das obras de Allan Kardec para que venhamos a adquirir o conhecimento e a educação de nós mesmos é o passo inicial indispensável, porque precisamos sanar as obsessões que nos flagelem, sem herdar qualquer cativeiro à superstição e ao medo negativo, de que vemos muitos irmãos prejudicados, quando conseguem a suspirada melhoria psíquica em outros setores religiosos. Explicada a necessidade de Allan Kardec para o afastamento do processo obsessivo, temos na profilaxia respectiva, a oração e o serviço ao próximo na base de toda ação restaurativa. Quem quiser estudar, orar, cumprir com os próprios deveres e trabalhar em auxílio dos outros, principalmente daqueles que atravessam dificuldades e provações maiores que as

nossas, alcança libertação e tranquilidade, com toda certeza, porque os nossos adversários desencarnados são sensíveis às nossas palavras, mas só se transformam para o bem com apoio em nossas próprias ações.

23. — Desejará você contar-nos alguma coisa de sua experiência ao contato de Emmanuel, com respeito à atitude que devemos assumir perante as nossas próprias doenças?

R — Nosso amigo espiritual é de opinião que precisamos guardar calma e paciência perante quaisquer enfermidades de que sejamos acometidos procurando, ao mesmo tempo, atenuá-las ou afastá-las por tratamento adequado. A esse respeito, narrarei um dos primeiros diálogos que tive com ele, Emmanuel, em 1931. Achava-me sob o domínio da doença complexa que trago até hoje em meu olho esquerdo, quando o nosso mentor espiritual me apareceu pela primeira vez. Depois de ouvi-lo em diversas reuniões sobre planos de trabalho que ele nos trazia, certa noite, em dezembro de 1931, roguei a ele orientação para o meu caso. Estava sofrendo muito e queria curar-me.

— Tenha serenidade — falou ele, bondosamente, — você está sob o cuidado de benfeitores espirituais dedicados e sob a assistência de médicos atenciosos e amigos.

— Então, devo prosseguir sob a orientação da medicina? perguntei.

— Sim, como não? A medicina está no mundo em nome da Divina Providência.

- Quer dizer que preciso tratar-me?
- Com o máximo cuidado. O corpo é comparável à enxada e o Espírito reencarnado lembra o lavrador. Todo zelo do lavrador é necessário para conservar a enxada em condições de trabalhar com acerto e segurança.
- O senhor quer dizer que embora eu seja médium e veja o senhor ao meu lado com tanta bondade e cultura, não posso esperar a intervenção do Plano Espiritual, em meu benefício para curar-me?
- Por que você receberia privilégios por ser médium? A intervenção do Plano Espiritual está operando, em seu favor, sustentando as suas forças, através do magnetismo curativo, e secundando a ação dos oculistas que nos amparam. A condição de médium não exonera você da necessidade de lutar e sofrer, em seu próprio benefício, como acontece às outras criaturas que estão no Plano Físico.
- O senhor tem dito que pretende escrever por meu intermédio e que, se Deus permitir, fará livros, mas o senhor acredita que posso desempenhar a tarefa mediúnica, assim doente dos olhos como estou?
- Sem dúvida nenhuma. Se formos esperar pela saúde perfeita a fim de trabalhar, quando aprenderemos a cumprir os nossos deveres? Se você estivesse na Terra com todas as facilidades em mão, no estado de evolução deficitária em que ainda nos achamos, talvez que as dificuldades no serviço espiritual para

você fossem muito maiores.

— Então, como é que o senhor considera a doença do olhos, em meu caso, quando tanto preciso de me esforçar para a tarefa em início?

— Observamos a sua enfermidade como sendo um abençoado apoio que o Senhor concedeu caridosamente a você para que venhamos a caminhar com menos riscos e perigos, em sua atual romagem na Terra. Confie no Senhor, pois sua doença é arrimo que ele enviou em seu auxílio...

Ao ouvir estas últimas palavras, indaguei alegremente:

— Então Jesus vai curar-me?

Emmanuel me fitou com bondade e mandou que eu abrisse “O Evangelho segundo o Espiritismo” no capítulo VI, intitulado “**O CRISTO CONSOLADOR**” e recomendou que eu começasse a leitura do texto. Então comecei a ler em voz alta, as palavras do Cristo: “Vinde a mim todos vós que estais aflitos e sobrecarregados, que eu vos aliviarei...” Quando atingi a palavra “aliviarei”, nosso Amigo Espiritual sustou a leitura e disse-me: Compreendeu bem? Jesus não nos promete curar-nos, isto é, retirar-nos da bênção das obrigações que nos cabe cumprir, perante as leis de Deus, mas sim promete aliviar-nos e auxiliar-nos. Confiemos no Mestre Divino e trabalhemos.”

Entendi a lição que me era dada e resignei-me.

Hoje, depois de transcorridos trinta e seis anos sobre este diálogo, agradeço ao

Senhor a bendita doença que carrego nos olhos, sempre tratada por médicos amigos e por amigos espirituais, pois, ela tem sido em todo esse tempo um agente providencial, induzindo-me à reflexão e ensinando-me a respeitar o sofrimento dos outros.

.Francisco Cândido Xavier

.Emmanuel

A nossa conversação se mantinha em elevado nível de interesse e entusiasmo, entretanto, o horário tanto chamava Chico Xavier quanto eu mesmo a deveres inadiáveis e, à vista disto, resolvemos terminar.

.Elias Barbosa



8

Seis questões com Chico Xavier



Palavras de Chico a Isidoro Duarte Santos, sobre assuntos de maledicência, em torno da mediunidade:

— Estávamos, certa vez, sob chuvas de observações e eu pedi ao Espírito de Emmanuel: “que fazer! dizem tanto mal...” e ele respondeu: “Olha, a boca do mal na Terra é como a boca da noite. Ninguém consegue fechá-la. Vamos trabalhar, trabalhar...”

Pergunta de J. Martins Peralva a Chico Xavier: ^N

1. – Chico, a que espírita do Brasil devemos o lançamento do seu primeiro livro mediúnico?

Resposta: Tivemos em Manoel Quintão, o nosso inesquecível amigo da Federação Espírita Brasileira, o apoio decisivo para o lançamento de “Parnaso de Além-

Túmulo”, o primeiro livro de nossas modestas faculdades mediúnicas, em 1932. Desde o início de nossas atividades na seara espírita, encontrei nele um orientador, cuja dedicação não posso esquecer. De uma bondade infatigável e de uma paciência sem limites para comigo, Manoel Quintão foi para mim, desde o nosso primeiro contato, um mentor amigo e um guia paternal, que vive constantemente em meu culto pessoal de carinho e gratidão.

Quatro perguntas do Autor: ^N

2. – Chico, quando se verificou, exatamente, a sua entrada para o Ministério da Agricultura?

— Entrei para os serviços do Ministério da Agricultura, precisamente em 1933, conquanto trabalhasse nas horas que me sobravam do expediente na repartição, no armazém do Sr. José Felizardo Sobrinho, com quem servi na condição de caixeiro. Acontece que em 1932, ele fora acometido de uma trombose cerebral, que o deixou praticamente incapaz de atender às atividades comerciais. O armazém dele era muito pequeno e eu era o empregado único. Doente, não conseguiu o Sr. Felizardo Sobrinho movimentar os negócios que lhe diziam respeito e, em 1933, não mais pôde pagar-me os salários a que eu tinha direito e que eram, então, de sessenta mil réis por mês (seis centavos na moeda brasileira de hoje) e, em vista disso, conhecendo a minha

situação, um generoso amigo, Fausto Joviano, conseguiu um lugar de serviço, em meu favor na ex Inspetoria Regional do Serviço de Fomento da Produção Animal, em Pedro Leopoldo. Quando a reportagem de “O Globo” esteve por algum tempo, em Pedro Leopoldo, em 1935, reportagem essa da qual nasceu o livro “Palavras do Infinito”, eu recebia o Sr. Clementino de Alencar, representante do grande vespertino carioca, no armazém do Sr. José Felizardo Sobrinho, a quem continuei prestando serviço gratuitamente nas horas vagas. O armazém teve as suas atividades encerradas, a 30 de junho de 1935, pela impossibilidade em que se via o proprietário de pagar os impostos do segundo semestre daquele ano, motivo pelo qual somente a 1.º de junho de 1935, me fixei de maneira definitiva nos serviços da repartição que mencionei.

3. — Pode você confirmar suas lembranças sobre o dia e lugar exatos em que você viu o Espírito de Emmanuel pela primeira vez?

— Não me recordo a data precisa. Lembrome de que foi numa tarde de domingo, em 1931, durante uma pequena reunião de preces, ao ar livre, que eu costumava fazer, em companhia de duas senhoras, irmãs da seara espírita, D. Joanhina Gomes e D. Ornélia Gomes de Paula, num local de nome “Açude”, ao lado da linha da Estrada de Ferro Central do Brasil, em Pedro Leopoldo.

4. – Compreendendo que você tem servido de médium para os nossos Benfeitores Espirituais em algumas dezenas de livros, lançados pela Federação Espírita Brasileira, pode dizer-nos com qual dos Presidentes da venerável Casa de Ismael trabalhou você mais tempo?

— Sempre encontrei entusiasmo e apoio na obra do livro mediúnico, em todas as autoridades da Casa de Ismael e dos Presidentes da Federação Espírita Brasileira, posso dizer que me relacionei profundamente com o Dr. Guillon Ribeira e Manoel Quintão, tendo conhecido igualmente Leopoldo Cirne, com quem mantive confortadora correspondência. Dos Presidentes da FEB., porém, com quem tenho tido maior, mais intenso e mais prolongado intercâmbio é o nosso caro Dr. Antônio Wantuil de Freitas, em cujo dinamismo e abnegação reconheço haver encontrado um verdadeiro apóstolo na Causa do Livro Espírita, não apenas desde 1943, quando foi eleito para a Presidência da FEB., mas desde 1932, quando nos conhecemos, através de correspondência. Lembro-me de que foi ele, Dr. Wantuil de Freitas que em 1932, depois do lançamento de “Parnaso de Além-Túmulo”, me escreveu, em nome de Vovó Virgínia, nobre entidade que o auxiliava em seu jornal “A Verdade”, que então era por ele editado no Rio, oferecendo-me dez livros espíritas que foram para mim um tesouro de conhecimentos novos, de vez que em 1932, a aquisição de livros, pelo menos para mim, era muito difícil e, às vezes,

quase impossível ante as dificuldades da vida material.

5. — Chico, sabendo nós todos que ninguém pode trabalhar sozinho, que instrução tem dado Emmanuel a você para vencer o que podemos chamar por “crises de cooperação”? em seus quarenta anos consecutivos de trabalho mediúnico, de que modo se comporta você quando companheiros militantes arrefecem no ardor ou se afastam do trabalho ao seu lado para atenderem a obrigações ou atividades outras?

— Emmanuel ensina-me que cada um de nós tem o seu próprio tipo de felicidade. Devemos, assim, acatar os caminhos uns dos outros. Quando nos capacitamos de que é preciso respeitar os companheiros e amigos como são, no que escolhem, naquilo que fazem, com quem passam a viver e onde estão, os problemas da inquietude por causa deles desaparecem, porque, em qualquer parte e como estejam, são sempre criaturas a quem estimamos, ainda mesmo quando a nossa convivência se faça transitoriamente difícil. Quanto ao mais, mesmo em nos referindo àqueles que se afastam de nós, descontentes conosco, em razão de pontos de vista desarmônicos, muito naturais nos que trabalham nas causas do espírito, por que aborrecer-nos, se temos a consciência tranquila? Emmanuel costuma afirmar-me que cada coração é um mundo por si e que se o próprio Senhor respeita o livre arbítrio de cada criatura, como agastar-nos com os amigos que se ausentam de nós, livres como todos somos perante

Deus?

.Francisco Cândido Xavier

.Emmanuel

[7] Da revista “Estudos Psíquicos”, de Setembro de 1965.

[8] De “O Espírita Mineiro”, de Julho de 1967.



9

Entrevista de Chico Xavier em “Anuário Espírita 1967”



Há cerca de dois anos, repórteres de conhecida revista mensal brasileira, atualmente fora de circulação, procuraram Xavier com uma série de indagações que foram por ele respondidas. O citado mensário não publicou esse curioso inquérito que foi conservado em nosso arquivo, por gentileza do médium, razão pela qual cedemos a peça ao “Anuário Espírita” de 1967, publicado em Araras, Estado de São Paulo, e agora, situamo-lo neste livro, em virtude de considerar os esclarecimentos prestados por Xavier, profundamente significativos para a elucidação dos assuntos que o seu quadragésimo ano de mediunidade ativa nos sugere.

Com esta explicação preliminar, passamos à interessante documentação:

1. – A situação do Espiritismo no momento, no Brasil e no mundo.

R — O Espiritismo no Brasil é o Cristianismo redivivo. Religião e ação do Nosso Senhor Jesus-Cristo, através das explicações de Allan Kardec, junto do povo e com o povo, ensinando-nos com os princípios da evolução e da reencarnação, da fraternidade e da justiça, que todos somos responsáveis pelos próprios atos e que as Leis divinas funcionam na Terra ou em outros mundos nos mecanismos da consciência de cada um. Os benfeitores desencarnados esperam que essa noção fundamental do Espiritismo no Brasil alcance as múltiplas escolas do Espiritismo existentes em outros Países.

2. – Relacione nomes dos médiuns que considera como os que mais trabalham.

R — Admiramos profundamente todos os companheiros da mediunidade, que respeitam as funções em que foram situados pelas exigências da construção espírita-cristã.

3. – Qual a sua missão pessoal?

R — Sinto-me na maravilhosa máquina do serviço espírita à feição de insignificante peça de emergência, precisando repelões e consertos constantes pelas imperfeições que traz.

4. – Qual a sua obrigação para com a sociedade?

R — O dever comum de servir na medida de nossas possibilidades.

5. – E para com o Espiritismo?

R — Corrigir meus defeitos e fazer aos outros o que desejo para mim mesmo.

6. – Acredita na regeneração?

R — Sim.

7. – E no arrependimento?

R — Também.

8. – A velhice o preocupa?

R — Não.

9. – Seu ritmo de trabalho diminuiu ou aumentou em relação aos anos anteriores?

R — Nem mais nem menos.

10. – Considera-se cansado?

R — Não.

11. – O tempo o modificou?

R — cremos que, em matéria de compreensão e experiência, todos nos assemelhamos aos frutos que o tempo vai amadurecendo a pouco e pouco.

12. – Acha-se mais lúcido?

R — Quanto mais os Bons Espíritos escrevem por nosso intermédio fazendo luz, mais reconheço a extensão de minha ignorância pessoal.

13. – Está mais triste ou desiludido?

R — Depois de meio século em minha atual

reencarnação, sinto-me mais alegre e otimista.

14. — Ama a vida?

R — Como não? A vida é a Presença Divina em toda parte.

15. — Como encara a morte?

R — Mudança completa de casa sem mudança essencial da pessoa.

16. — Seus últimos trabalhos de psicografia são mais importantes do que os anteriores?

R — Os livros produzidos mediunicamente por nosso intermédio pertencem aos autores desencarnados e o julgamento em torno deles, a meu ver, é função do público e não minha.

17. — Defina, por favor, o que é um médium, o que é psicografia, e como explica a existência de Deus.

R — Acreditamos que para melhores esclarecimentos sobre médiuns e mediunidades, as obras de Allan Kardec devem ser consultadas e estudadas. Com todo o nosso respeito aos entrevistadores, devemos dizer que solicitar de nós uma explicação sobre Deus é o mesmo que pedir a um verme para que se pronuncie quanto à glória e a natureza do Sol, embora o verme, se pudesse falar, diria com toda certeza da veneração e do amor que consagra ao Sol que lhe garante a vida.

18. — A cultura é essencial para uma pessoa ser médium?

R — A mediunidade pode manifestar-se através da pessoa absolutamente inculta, mas os Bons Espíritos são de parecer que todos os médiuns são chamados a estudar a fim de servirem com mais segurança.

19. — Pretende atingir novos objetivos? Quais seriam eles?

R — Grande misericórdia me fará a Providência Divina permitindo-me a possibilidade de continuar trabalhando e aprendendo.

20. — Por que mudou-se de Pedro Leopoldo?

R — Motivo de saúde.

21. — Por que escolheu Uberaba para residir?

R — Os benfeitores espirituais me auxiliaram a escolher o clima e o ambiente de Uberaba, como sendo, até agora, os mais adequados à minha saúde física e trabalho espiritual.

22. — Acha que o povo de Uberaba o recebeu bem?

R — Tenho recebido da generosidade uberabense demonstrações de estima e apreço que nunca mereci.

23. — Pretende mudar-se outra vez?

R — Subordino o futuro aos Desígnios da Vida Superior.

24. — Quanto ganha atualmente? Tem um emprego? Onde? Teve promoções neste emprego? O que acha de seus colegas de trabalho? Quais são suas funções exatas neste trabalho?

R — Aposentei-me no Serviço Público Federal, na condição de escriturário, nível 8, em janeiro de 1961, por incapacidade física, depois de haver completado a quota de trinta anos de serviço.

25. — Tem carro?

R — Não.

26. — Quantos empregados?

R — Nunca os tive.

27. — Como está seu estado de saúde?

R — Sempre relativamente bem, de acordo com a bênção de Deus, exceção natural dos olhos, que os tenho enfermos, há muito tempo.

28. — Sente-se forte?

R — Às vezes.

29. — Com o mesmo entusiasmo de sempre?

R — Sim.

30. — Com quem faz tratamento dos olhos?

R — Médicos distintos e humanitários, tanto quanto benfeitores espirituais incansáveis, há mais de vinte anos, auxiliam-me a conservar o resto de visão física que possuo.

31. — Já esteve em hospitais?

R — Não para tratamento dos olhos.

32. — Fez operações?

R — Não.

33. — Sente dores?

R — Comumente.

34. — Enxerga com dificuldade?

R — Sim.

35. — Espera curar-se?

R — Do ponto de vista orgânico, recebo minha antiga enfermidade do corpo como sendo débito de outras reencarnações que devo pagar com paciência.

36. — O tratamento é rigoroso?

R — Rigoroso e constante.

37. — Quais os remédios que toma?

R — Diversos, para a sustentação dos olhos.

38. — A cegueira seria uma tragédia?

R — Seria uma provação sem ser uma tragédia.

39. — Diga um exemplo de algo que o faça sofrer.

R — Ofender ou prejudicar alguém.

40. — Chora habitualmente?

R — Não sei de alguém na Terra que não tenha chorado alguma vez.

41. — Prefere a solidão?

R — A solidão é boa somente para refletir, porque, sem dúvida, fomos criados para viver uns com os outros.

42. — Gosta de animais?

R — Sim.

43. — Como cidadão, o que acha da situação

social do Brasil?

R — Creio profundamente na segurança e na felicidade do nosso País.

44. — Diga o nome dos políticos em quem confia.

R — Estou convencido de que todos os políticos, sejam eles quais forem, merecem o nosso respeito e a nossa cooperação para serem por nós aquilo que nós esperamos deles.

45. — Dos candidatos à Presidência da República que se apresentaram, qual o que prefere?

R — Roguemos a Jesus nos conceda governantes sempre progressistas e leis ao bem de todos.

46. — É preciso acabar com a pobreza?

R — Sim, pela riqueza do trabalho honesto que devemos cultivar indistintamente.

47. — As reformas devem ser urgentes?

R — Em matéria de reformas, os benfeitores espirituais me ensinam que não devo esquecer primeiramente a que se refere à melhoria de mim mesmo.

48. — A revolução pode ser evitada?

R — A revolução em que acredito é aquela ensinada por Nosso Senhor Jesus-Cristo que começa pela corrigenda de cada um, na base do “façamos aos outros aquilo que desejamos que os outros nos façam”. (MT)

49. — Condena o racismo?

R — Todos somos irmãos perante Deus,

guardadas as posições que o merecimento real em serviço e cultura conferem a cada um.

50. — O socialismo traz benefícios?

R — Creio nos benefícios da fraternidade sentida, admitida e praticada que Jesus nos ensinou e exemplificou.

51. — É a favor da promoção da classe operária?

R — Todos somos operários da vida e creio que a Bondade de Deus faz diariamente a promoção do trabalho para quem o procura, coroando de bênçãos o esforço honesto de toda pessoa, sem distinção de credos ou de atribuições, quem busque realmente servir.

52. — Qual a contribuição do marxismo para a civilização?

R — Faltam-me quaisquer estudos sobre o marxismo.

53. — Onde passa as férias?

R — Dizem que os aposentados estão em férias permanentes, mas prossigo trabalhando nas tarefas espíritas com o entusiasmo de sempre.

54. — Gosta de fazendas?

R — Sim.

55. — E de praias?

R — Sim.

56. — Viaja de quê?

R — Preferentemente de ônibus.

57. – Sozinho?

R — Sim, quando não tenho a felicidade de viajar com os amigos.

58. – Quando tem férias?

R — De raro em raro, consigo uns dias de relativo repouso físico para refazimento.

59. – Durante quanto tempo?

R — Nunca mais de uns vinte dias por ano.

60. – Pratica algum esporte?

R — Sim, exercícios a pé.

61. – Como recebe os ataques que lhe são feitos?

R — Como avisos preciosos contra as imperfeições que carrego.

62. – Acredita que tenha inimigos?

R — Acredito que tenho amigos que ficaram diferentes quando reconheceram que não sou a pessoa ideal que eles julgavam que eu fosse.

63. – Gosta de literatura?

R — Sim.

64. – Quais seus escritores preferidos?

R — Admiro todos os escritores bastante corajosos para esquecerem as conveniências pessoais, procurando escrever em auxílio real dos seus leitores.

65. – Gosta de pintura?

R — Sim.

66. – Quais seus pintores preferidos?

R — Minha deficiência ocular nunca me

permitiu qualquer estudo especial, acerca de pintura, embora tenha o prazer de respeitar os bons quadros e admirá-los.

67. — Gosta de cinema?

R — Sim.

68. — Qual o gênero de filmes?

R — Filmes que nos façam sentir melhores.

69. — Acha que o cinema tem o direito de alterar a realidade?

R — Sim, quando se trata da educação do sentimento popular, pois não acredito que Deus nos induza a conhecer a realidade para rebaixar-nos.

70. — Cite artistas de que gosta.

R — Respeito todos os artistas que auxiliam o povo a pensar e a agir para o bem comum.

71. — O cinema orienta a juventude ou é prejudicial a ela?

R — O cinema é instrumento da educação, dependendo das diretrizes daqueles que o manejam.

72. — Ouve música?

R — Tanto quanto possível.

73. — Quais os compositores que prefere?

R — Dos antigos, admiramos profundamente Beethoven e Mendelssohn, sem esquecer o amor que consagramos aos compositores nossos, como sejam Vila Lobos e, na música popular, o nosso inesquecível Noel Rosa.

74. — E jornais?

R — Procuo os jornais que me ajudem a equilibrar o espírito e melhorar o sentimento.

75. — Lê as colunas políticas?

R — Somente para efeito de informação.

76. — Descreva, por favor, como passa o dia.

R — Meu dia é demasiadamente vulgar para ser descrito.

77. — Que horas levanta?

R — Sete.

78. — O que faz de manhã?

R — Trabalho com os amigos espirituais, seja psicografando ou revendo com eles as páginas de autoria deles mesmos sempre com a assistência de Emmanuel, o instrutor espiritual que nos orienta as faculdades mediúnicas, desde 1931.

79. — Que horas almoça?

R — Meio-dia.

80. — O que come habitualmente?

R — Refeição comum do interior brasileiro.

81. — Quais os seus pratos preferidos?

R — Não tenho predileções.

82. — O que bebe?

R — Água.

83. — Dorme depois do almoço?

R — Não.

84. — Gosta de doces?

R — Sim.

85. — E de café?

R — Sim.

86. — Fuma?

R — Não.

87. — O que faz à tarde?

R — Nas horas da tarde, além do tratamento ocular, atualmente ocupo-me de correspondência usual, de datilografia das páginas escritas pelos benfeitores espirituais por nosso intermédio, sob a orientação deles, a exceção dos domingos que dedico aos trabalhos de correspondência mais íntima.

88. — Toma lanche?

R — Raramente.

89. — Que horas é o seu jantar?

R — Depois dos quarenta, deixei o hábito de jantar.

90. — Faz algum regime?

R — Os amigos espirituais ensinam que devemos comer só para viver, entretanto, estou aprendendo a lição vagarosamente.

91. — Com quem faz refeições?

R — Com as pessoas amigas, de cuja companhia possa dispor.

92. — O que faz à noite?

R — Nas noites de segundas, sextas-feiras e sábados, estou em contato com o público, nas reuniões da Comunhão Espírita Cristã, em Uberaba, habitualmente das dezenove horas até à madrugada; nas noites de quartas feiras, coopero nas reuniões íntimas de desobsessão, na mesma organização espírita a que me referi; nas noites de terças e quintas feiras, trabalho com Emmanuel e outros orientadores espirituais na formação de livros mediúnicos, e nas noites de domingos faço uma pausa para estudar os assuntos gerais da semana ou descansar os olhos da atividade intensiva.

93. — Que hora se deita?

R — Nunca me deito antes das duas da madrugada.

94. — Dorme tranquilo?

R — Sim.

95. — Tem sonhos?

R — Graças a Deus que todos temos neste mundo a felicidade de sonhar. Creio que Deus, da sua infinita bondade, nos reservou o sonho como sendo um direito de toda criatura, no qual nenhuma outra criatura consegue interferir.

.Francisco Cândido Xavier

.Emmanuel



10

Chico Xavier e o Dr. Jarbas Leone Varanda



Do Dr. Jarbas Leone Varanda, respeitado causídico no Foro de Uberaba e denodado espírita militante; salientamos o entendimento que levou a efeito com o médium Xavier, em torno dos seus quarenta anos de mediunidade ativa, entendimento esse que o prezado confrade nos deu a conhecer no mensário “O Triângulo Espírita”, de Uberaba, lançado no mês de julho de 1967 e que transcrevemos na íntegra.

ENTREVISTANDO CHICO XAVIER AOS
QUARENTA ANOS DE MEDIUNIDADE
EXPERIÊNCIA MEDIÚNICA EM 40 ANOS

- 1. – Meu caro Chico, que gostaria você de dizer, como experiência mediúnica, nesses quarenta anos no campo da mediunidade?**

— Creio que a melhor afirmação que posso fazer, nesse sentido, é que a prática da mediunidade em quarenta anos consecutivos me demonstrou que a existência na Terra é apenas um pedaço de vida, oferecendo-me ao mesmo tempo uma alegria e uma tranquilidade que não sofreu abalo em meu coração — a certeza de que a morte é apenas mudança ou retorno de nós mesmos à vida espiritual, a vida verdadeira.

CHICO EM FACE DAS ADVERSIDADES DA VIDA

2. — Nesses anos todos, como você tem recebido as críticas, os ataques, os elogios e os sofrimentos de toda espécie que sabemos ter sido uma constante em sua vida de médium?

— Desde muito tempo, Emmanuel, o nosso caro orientador espiritual, me ensinou que a crítica é necessária a qualquer trabalho sério e, à vista disso, admito que todos aqueles que ainda não se afinam comigo estão em melhores condições para verem os meus defeitos, de vez que os nossos amigos em nos estimulando para o cumprimento de nossas obrigações se detêm muito mais nos bons desejos que apresentamos, interpretando, às vezes, os nossos votos de melhoria moral, como realidades concretas, quando estamos apenas no capítulo das aspirações elevadas. Diz Emmanuel que precisamos dos amigos para acertar com os nossos deveres e dos adversários para corrigir as deficiências de que sejamos portadores.

Entre uns e outros, estamos com a nossa realidade individual, porque somos o que somos, a caminho do que devemos ser, conforme os padrões de Jesus. Sofremos por nossos amigos por não sermos a criatura ideal ou o tipo de perfeição que eles esperam de nós e sofremos com nossos adversários, porque, nem sempre, carregamos todas as imperfeições e perversidades que eles nos atribuem. Mas, os Espíritos Benfeitores asseveram que devemos todos ter paciência uns com os outros, porque, um dia, chegaremos à Vida Maior, na qual nos amaremos mutuamente como verdadeiros irmãos perante Deus.

A SUA MAIOR ALEGRIA E A PRIMEIRA MENSAGEM DO ALTO

3. — Qual foi o acontecimento que mais o alegrou na seara espírita até o dia de hoje?

— Tenho tido sempre muitas alegrias em minha vida mediúnica, principalmente na recepção dos livros de nossos Instrutores do Alto, no entanto, assinalo, como sendo uma das mais belas surpresas da minha vida de médium, a saída de meu corpo físico, durante algumas horas, em julho de 1943, na companhia do nosso amigo desencarnado, André Luiz, a fim de conhecer uma faixa suburbana de “Nosso Lar”, a cidade que ele descreve no primeiro livro que ele escreveu, por meu intermédio, providência essa que Emmanuel permitiu fosse tomada para que eu não prejudicasse a psicografia de

André Luiz, cujas narrações eram para mim inteiramente novas.

4. – Qual foi a primeira mensagem recebida, e qual o seu autor espiritual?

— A primeira mensagem psicográfica que recebi era um apelo ao cumprimento de nossos deveres espíritas, perante Jesus, e veio assinada simplesmente por “um amigo espiritual”.

AS DUAS FASES — PEDRO LEOPOLDO E
UBERABA

5. – Qual das duas fases — Pedro Leopoldo — Uberaba, foi a mais produtiva, mediunicamente?

— Não posso esquecer que em Pedro Leopoldo, Emmanuel e outros Espíritos Amigos trabalharam, através de minhas pobres faculdades, durante trinta e um anos sucessivos, procurando vencer os meus defeitos e adaptar-me para ser o instrumento que eles desejam que eu seja, e não posso olvidar que Uberaba me hospeda, carinhosamente, desde janeiro de 1959, dando-me, por intermédio de companheiros queridos, o ambiente necessário para que eu aproveite das lições recolhidas na terra em que renasci para as tarefas da presente reencarnação. Creio que a produtividade mediúnica nas duas cidades se equivalem, porque precisamos descontar o tempo e as dificuldades de minha preparação, que tem exigido muito esforço e tolerância dos Bons Espíritos. Creio não ser ingrato afirmando que Pedro Leopoldo é meu

Berço e que Uberaba é minha Benção.

6. – De sua bibliografia mediúnica, quais as obras que você mais prazer teve em receber?

— Pessoalmente, dedico imensa estima ao livro “Cartas de Uma Morta”, por serem palavras de minha mãe Maria João de Deus, a quem devo uma abnegação sem limites, e o livro “Paulo e Estêvão”, na psicografia do qual o nosso Emmanuel me trouxe lições e observações inesquecíveis.

PERSPECTIVAS MEDIÚNICAS

7. – Existe alguma obra em perspectiva de André Luiz ou Emmanuel, programada através de sua mediunidade?

— Sim, tanto Emmanuel quanto André Luiz planejam novos livros para o futuro, entretanto, ambos quando se referem a isso não se esquecem de acrescentar que os projetos serão realizados “se Jesus permitir”.

8. – Chico, você pretende continuar na mediunidade receitista enquanto puder exercê-la, ou se fixará apenas na mensagem?

— Emmanuel, ultimamente, tem considerado que a tarefa mediúnica, por meu intermédio, está caminhando para maior fixação na mensagem psicografada ou, melhor, na produção do livro mediúnico, mas, acentua que isso dependerá de determinação do Plano Superior. De minha parte, digo no coração: “seja feita a Vontade do Senhor”.

MEDIUNIDADE GRATUITA

9. – Sabendo que a maioria de suas obras foi publicada pela Federação Espírita Brasileira, qual a compensação monetária recebida?

— Todos os livros recebidos de 1931 até hoje, por nossas pequenas faculdades, foram entregues à Federação Espírita Brasileira e a outras instituições espíritas do nosso País, incluindo a nossa Comunhão Espírita Cristã, de Uberaba, sem qualquer remuneração, no que, aliás, não vejo qualquer virtude de minha parte, por estar cumprindo tão somente um dever, já que os livros não são escritos por mim e sim pelos Amigos Espirituais que os assinam.

UBERABA E “COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ” EM SUA VIDA

10. – Você gosta de Uberaba?

— Tenho motivos especiais para amar sempre e cada vez mais esta cidade que me acolheu com tanta bondade humana. Em minhas preces, rogo a Deus a engrandea constantemente e sempre mais.

11. – Como interpreta a sua permanência na Comunhão Espírita Cristã?

— Tenho na Comunhão Espírita Cristã uma verdadeira família pelo coração.

12. – Qual o traço mais característico da Comunhão Espírita Cristã que você mais admira, afora, é claro, as atividades doutrinárias e assistenciais dessa grande

instituição do Espiritismo em Uberaba?

— A publicação dos livros mediúnicos, recebidos de Espíritos Benfeitores, por meu intermédio, me criou um campo muito extenso de relações pessoais em muitas cidades brasileiras e, atualmente, fora de nosso País. Isso me obriga a responsabilizar-me isoladamente ou apenas sob a orientação de Emmanuel pela maioria dos meus atos na vida mediúnica. Aproveito, assim, a pergunta para render minha homenagem de apreço e reconhecimento à Diretoria de nossa Instituição, representada em nossos admiráveis amigos Senhorita Dalva Borges, Dr. José da Silva Madeira e Sr. Lázaro Gonçalves, extensivamente a todos os companheiros da nossa casa de fraternidade e serviço com Jesus, não só pelo carinho constante que me dispensam, mas também pelo respeito à minha liberdade de ação, permitindo que eu seja o companheiro médium na Comunhão Espírita Cristã e o médium companheiro dos espíritas e de instituições outras, aos quais estou vinculado por traços de confiança e de afeto, desde muitos anos.

13. — Você vinha habitualmente a Uberaba, antes de estabelecer residência aqui? É verdade que trabalhou muitas vezes nos certames pecuários?

— Sim, trabalhei por alguns anos sucessivos, na condição de funcionário do Ministério da Agricultura, sempre no mês de maio, nas exposições pecuárias que Uberaba realiza. Tive a honra de acompanhar o Dr. Rômulo Joviano,

conquanto as minhas atribuições de auxiliar muito pequenino, quando ele, meu chefe de serviço e então Inspetor Chefe do Antigo Serviço de Fomento da Produção Animal, em Minas Gerais, veio trazer às autoridades da digna Sociedade Rural do Triângulo Mineiro vários planos alusivos à construção do Parque Fernando Costa, em 1937, planos esses que foram autorizados pelo Dr. Fernando Costa, então Ministro da Agricultura.

14. — Emmanuel predisse a sua mudança para Uberaba, quando você morava ainda em Pedro Leopoldo?

— Não. Apenas aprovou o meu propósito de transferir-me para cá, em 1958, quando a minha saúde física aconselhava mudança de clima.

15. — Conheceu muitos companheiros espíritas em Uberaba quando vinha até aqui, a serviço das Exposições? Pode mencionar alguns?

— Perfeitamente. Não posso esquecer amigos que conheci de perto como sejam o Professor João Augusto Chaves, D. Maria Modesto Cravo, Dr. Henrique Krugger e Manoel Roberto, referindo-me aos desencarnados, sem que me seja possível falar dos companheiros valorosos que se encontram conosco, na Terra, porque correria o risco de esquecer algum nome, quando a todos consagro extremada afeição.

16. — Dentre os nossos confrades, pode você salientar algum deles a que deva apoio decisivo para o lançamento do primeiro livro de sua mediunidade?

— Sim, considerando embora o reconhecimento que devo a numerosos companheiros de nossas atividades doutrinárias, sempre solícitos em estender-me os braços fraternos, não posso esquecer a figura inolvidável de Manoel Quintão, o evangelizador e escritor espírita, que, na Diretoria da Federação Espírita Brasileira, recebeu com extremado carinho, as cartas que enderecei a ele encaminhando-lhe as poesias que passei a psicografar. Leu todo o material com atenção e começou a escrever-me, encorajando-me para o serviço mediúnico. Apresentou-me, para minha felicidade, a respeitáveis autoridades da Doutrina Espírita, no Brasil, como sejam Dr. Guillon Ribeiro, Frederico Figner, Manoel Jorge Gaio, dentre os muitos apóstolos da nossa Causa já desencarnados, lembrando-me, ainda, de que foi ele quem me apresentou pessoalmente ao nosso caro amigo Dr. Wantuil de Freitas, o digno e abnegado atual Presidente da Casa de Ismael, com quem já mantinha ativa correspondência desde 1932, quando começaram a surgir, na imprensa espírita, as primeiras mensagens psicografadas através de nossas pequenas faculdades mediúnicas. Não exagero afirmando que, dentre os amigos encarnados, devemos a Manoel Quintão o lançamento do “Parnaso de

Além-Túmulo”, em 1932.

CAUSAS DA PERSEVERANÇA NO SERVIÇO
MEDIÚNICO

17. – Dentre os companheiros da vida cotidiana, pode citar algum que mais tenha contribuído para a sua permanência em serviço mediúnico, nestes quarenta anos?

— Depois dos nossos irmãos José Hermínio Perácio e de sua esposa D. Carmen que me abriram as portas do conhecimento espírita-cristão, tenho em minha vida medianímica um amigo, cuja lembrança nunca me sai da memória: Dr. Rômulo Joviano. Durante vinte anos sucessivos convivi com ele, pois em todo esse tempo, foi meu chefe na repartição do Ministério da Agricultura, em Pedro Leopoldo. Dedicado amigo do Espírito de Emmanuel, muitas vezes ouvi do próprio Emmanuel a recomendação de segui-lo nos exemplos de dever cumprido que a todos sempre nos dava. Dr. Rômulo ensinou me que nada se consegue na vida sem disciplina e trabalho e me auxiliou a compreender que um médium deve ser fiel aos Bons Espíritos sem vacilação. Com ele, a esposa e os filhos, tive a honra de reunir-me no culto do Evangelho no lar, todas as noites de quartas feiras em Pedro Leopoldo, de 1935 a 1952. Ainda hoje, Dr. Rômulo Joviano que reside e trabalha, no Rio, vive incessantemente em minha lembrança, envolvido no respeito e na gratidão que a ele consagro e consagrarei sempre.

CONTATOS E EXPERIÊNCIAS COM CONFRADES UBERABENSES

18. — Lembra-se de alguma nota particular de suas relações com os espíritas uberabenses mais antigos?

— Recordo-me com o maior enternecimento das atenções que sempre recebi da parte de Dona Maria Modesto Cravo, que sempre se desvelou para que não faltasse recurso algum, durante a minha permanência em Uberaba, fosse na Exposição a que servia ou no Hotel do Comércio onde me hospedava. Diariamente, o nosso amigo Omar Prata, distinto companheiro da família espírita uberabense, me procurava, para saber, da parte de Dona Maria Modesto, quais as providências que ela podia dar para que eu estivesse satisfeito, além do lanche que me enviava, por saber que o trabalho nas exposições, nos dias de movimentação mais intensa, me constrangia a grande atraso nas refeições.

A PROJEÇÃO DO DR. INÁCIO FERREIRA NO EXTERIOR

19. — Chico, tendo você, viajado no exterior, em 1965 e 1966, pode dizer se você encontrou entre os espíritas do Brasil projetados em outros Países, o nome de algum espírita uberabense?

— Sim, o nome do nosso abnegado Dr. Inácio Ferreira é profundamente respeitado fora do Brasil. Em Londres, quando lá estivemos em agosto de 1965, Mr. Maurice Barbanell, diretor do jornal

“Psychic News”, perguntou-nos, pessoalmente, pela saúde e pelo trabalho de nosso caro Dr. Inácio. Em 1965, ouvi as melhores referências à obra dele, da parte do nosso confrade Mr. Victor Buttler, em Nova Iorque, e em 1966, tive a satisfação de registrar apontamentos de muita admiração e carinho, em torno dele, na palavra de amigos residentes na Carolina do Norte.

SESSÕES DE MATERIALIZAÇÕES NO CENTRO ESPÍRITA UBERABENSE

20. — Pode citar algum fato que tenha causado a você inesquecível impressão nas reuniões espíritas a que assistiu antigamente em Uberaba?

— Das sessões mediúnicas a que assisti em Uberaba, guardo inolvidável recordação de uma noite de maio de 1945, no Centro Espírita Uberabense. A convite de D. Maria Modesto Cravo, Dr. Rômulo Joviano e eu, comparecemos naquele templo para uma reunião de materialização com o médium de efeitos físicos, Garibaldi Cavalcanti. A assembleia em reduzida. Poucas pessoas. Dos presentes recordo-me de D. Maria Modesto, do Sr. Mário de Almeida Franco, do cantor Sílvio Vieira e dos irmãos do médium Srs. Mário e Guilherme Cavalcanti, além de outros amigos. Dentre as entidades que se materializaram, estava um amigo espiritual a quem chamávamos pelo nome de Quincas. Garibaldi repousava em

poltrona perto de nós e Quincas materializado, à nossa frente, nos reconfortava com a sua alegria característica. Em dado instante, me falou aos ouvidos que alguém do Mundo Espiritual desejava abraçar o cantor Sílvio Vieira. Transmiti o recado e, quase ao mesmo tempo, Sílvio declarou-se chamado pela voz e pelas mãos materializadas de Quincas para o meio do salão. Todos os presentes viram os dois juntos, mas pela vidência mediúnica, D. Maria Modesto e eu, vimos aproximar-se deles mais alguém. Era uma entidade não materializada que se encostou ao Espírito materializado de Quincas, como a buscar força para demorar-se no ambiente. De imediato, espalmou uma das mãos, no peito do cantor, e Sílvio Vieira, de modo inexplicável para os nossos companheiros presentes, mas de maneira muito compreensível para D. Maria Modesto e eu, entoou em voz alta e lacrimosa uma canção de saudade e de afeto, que não mais me saiu da memória, conquanto não lhe pudesse reter as palavras. Terminada a canção, diante da pequena assembleia comovida, o Espírito de Quincas guiou Sílvio para que ele retomasse o lugar que lhe era próprio, enquanto o formoso Espírito que lhe tocara o coração se afastava, soluçando... Quem era essa entidade que Dona Maria Modesto e eu observávamos, e que me fez derramar lágrimas de emotividade, eu nunca soube. Perguntei a Emmanuel algo a respeito,

entretanto, ele me disse apenas que se tratava de alguém das existências passadas do mencionado cantor que, até agora, não mais tornei pessoalmente a encontrar.

PALAVRAS FINAIS

21. – Que desejaria você de especial agora que está completando quarenta anos de serviço mediúnico?

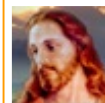
— Se Jesus puder me atender, estimarei continuar trabalhando com Emmanuel e outros Amigos Espirituais, na obra do livro mediúnico, embora as minhas imperfeições.

22. – Poderá você dizer como é que os Bons Espíritos interpretam o Espiritismo no Brasil atual?

— Nosso abnegado Emmanuel afirma sempre que o Espiritismo no Brasil é o Evangelho de Nosso Senhor Jesus-Cristo, redivivo para o Mundo inteiro. Peçamos, pois, a Deus nos inspire e abençoe para que possamos servir à divulgação da Doutrina Espírita, com Jesus patrocinando Kardec e com Kardec explicando Jesus, cada vez mais.

.Francisco Cândido Xavier

.Emmanuel



11

Chico Xavier e o Professor Wallace Leal V. Rodrigues



Dentre os questionários respondidos por Chico Xavier, não seria lícito esquecer aquele que lhe foi apresentado, com muita inteligência, pelo Professor Wallace Leal V. Rodrigues, emérito educador do quadro de professores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, Estado de S. Paulo, publicado pela Revista Internacional de Espiritismo, de Matão, Estado de São Paulo (Ano XLIII, n.º 6, julho de 1967), que transcrevemos aqui, incluindo o intróito que reflete a opinião do primoroso educador sobre o médium.

UMA ENTREVISTA ESPECIAL ^N
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER — 40 ANOS DE
MEDIUNIDADE

Ao completar quatro décadas de mediunidade, Francisco Xavier concede esta entrevista especial à nossa Revista. Em 20 respostas singelas e sinceras, o querido sensitivo confessa-nos suas alegrias, trabalhos e esperanças. Chico psicografou, até hoje, 92 livros, 75 deles sozinho e 17 em parceria com o médico Dr. Waldo Vieira, totalizando 17.119 páginas impressas. Neste cômputo ficam postas de lado mensagens (aos milhares!) em português, inglês, espanhol, grego, árabe e japonês, e, ainda, várias de suas obras traduzidas para o espanhol, esperanto e inglês. Isso quer dizer que temos entre nós, no Brasil, talvez o mais notável caso mediúnico da história das ciências psíquicas. E, embora célebre mundialmente, Francisco Cândido Xavier realizou o milagre de continuar sendo, hoje, o que era há 40 anos: a mesma alma simples e boa, desataviada e serena que, defendendo a mediunidade como a Fonte de Jacó do Espiritismo, da qual é retirada a água que dessedenta para sempre, proclama no Evangelho o grande padrão vivencial para si e para todos os seus irmãos de humanidade.

Neste ensejo abraçamos o querido irmão e companheiro, por cujas mãos nosso inesquecível fundador, Cairbar Schutel, tantas vezes tem feito sentir sua permanente atuação, e rogamos a Jesus o envolva em suas bênçãos para que chegue à vitória final, em anos longos de alegria e paz, enriquecidos pelo donativo de sua

sublime missão, em favor da família humana, hoje e amanhã.

1. – Chico, como foi, em 1927, que se iniciou o fenômeno mediúnico com você?

— Achava-me na reunião pública do “Centro Espírita Luiz Gonzaga”, na noite de 8 de julho de 1927, em Pedro Leopoldo, quando a médium Dona Carmen Pena Perácio avisou que um Espírito amigo me recomendava tomar o lápis junto ao papel que se achava sobre a mesa, a fim de tentar a psicografia por meu intermédio. Obedeci ao conselho recebido e, de imediato, um amigo espiritual escreveu dezessete páginas, usando a minha mão, com grande surpresa de minha parte, conquanto registrasse fenômenos mediúnicos em minha experiência pessoal desde a infância.

2. – Pode nos descrever sua emoção diante do “Parnaso” publicado?

— Muito grande foi a minha alegria ao ver publicado o primeiro livro de nossos Amigos Espirituais, o que ocorreu em 1932.

3. – Qual foi o segundo livro publicado, “Cartas de Uma Morta”?

— Sim.

4. – Pode dizer algo do seu encontro com Emmanuel?

— Preliminarmente devo afirmar que, a meu ver, tive três períodos distintos em

minha vida mediúnica. O primeiro, de completa incompreensão para mim, é aquele, dos cinco anos de idade, quando via minha mãe desencarnada, a proteger-me, até os dezessete anos, época em que me via sob a influência de entidades felizes e infelizes, até que a Doutrina Espírita, por misericórdia do Senhor, penetrou nossa casa, em maio de 1927; o segundo período foi, sem dúvida, de aprendizagem e ensaios, de 1927 a 1931, no qual psicografei centenas de mensagens que os Benfeitores Espirituais, mais tarde, determinaram fossem inutilizadas porque, na opinião deles, essas mensagens eram esboços e exercícios de entidades diversas que, caridosamente, me adestravam para as tarefas em perspectiva; o terceiro período começou com a presença de nosso abnegado Emmanuel, que, em 1931, assumiu o encargo de orientar todas as atividades mediúnicas, em que me encontro de 1931 até agora. Quero admitir que, desse tempo, até hoje, vivo num período de mediunidade dirigida. Emmanuel somente apareceu em minha experiência mediúnica, em 1931, quando atingi a maioridade física.

5. — Qual foi a sua maior alegria em sua vida mediúnica?

— Por acréscimo de misericórdia do Alto, tenho tido muitas alegrias em minha vida mediúnica. Não posso, no entanto, esquecer que uma das maiores, se verificou no término da psicografia do

livro “Paulo e Estêvão”, de Emmanuel, em julho de 1941, quando os benfeitores desencarnados me permitiram contemplar quadros do Mundo Espiritual que ficaram para mim inesquecíveis. Outra grande emoção que experimentei foi a ida, em Espírito, em companhia de Emmanuel e André Luiz até a região suburbana de “Nosso Lar”, em agosto de 1943, acontecimento esse que se deu, não por merecimento de minha parte, mas para que, em minha ignorância, eu não entrasse o trabalho de André Luiz, por meu intermédio, de vez que eu estava sentindo muita perplexidade, no início da psicografia do primeiro livro dele, através de minhas pobres faculdades.

6. — E sua maior tristeza?

— As minhas tristezas são aquelas que assinalam a existência de qualquer criatura terrestre, principalmente as separações pela desencarnação dos entes queridos e as incompreensões de que todos nós partilhamos sobre a Terra. Devo, porém, acrescentar que o amparo dos Bons Espíritos tem sido sempre tão grande em meu caminho, que a falar verdade, nunca sofri uma tristeza que pudesse admitir fosse maior que a dos outros. Isso porque, quando chega o momento das provações que mereço, para resgate de minhas existências do passado ou para correção das minhas faltas do presente, os Amigos Espirituais me aconselham a olhar para a retaguarda e

sinto acanhamento de achar que estou sofrendo, quando vejo tantos irmãos em dificuldades muito maiores do que as minhas.

7. – Qual seria sua disposição de espírito se tivesse de começar tudo de novo?

— Se tiver de reencarnar-me, para atender a deveres mediúnicos, rogo ao Senhor para que eu possa tudo recomençar com obstáculos iguais aos da presente reencarnação, porque, na esfera das imperfeições que ainda carrego, creio que não seja fácil ter vantagens na Terra e obedecer ao Mundo Espiritual, ao mesmo tempo. As lutas e conflitos que tenho experimentado provam para mim próprio que os livros mediúnicos produzidos, por meu intermédio, pertencem aos Benfeitores Espirituais que os escrevem ou ditam e não a mim.

8. – Até hoje quantos livros você psicografou? Num total de quantos mil volumes? De todos eles qual o que guarda sua predileção pessoal?

— Ao todo, 92 volumes, dos quais 75 exclusivamente por meu intermédio e 17 de parceria com o nosso amigo Waldo Vieira.

9. – Como você gostaria de ver o ocaso de seus dias?

— Se Jesus me permitir essa felicidade, gostaria de terminar os meus dias na atual existência, trabalhando com os Amigos Espirituais, no desenvolvimento do livro mediúnico.

10. — Como você define a mediunidade psicográfica?

— Tecnicamente, não sei definir. Sei apenas que os Espíritos Amigos tomam meu braço e escrevem o que desejam e, de 1931 para cá, sempre sob a supervisão de Emmanuel. Certo dia, há muitos anos, eu quis estudar o fenômeno da psicografia em mim mesmo e, no meu entusiasmo pelo assunto, perguntei a Emmanuel, o que pensava ele a respeito. Ele me respondeu: “Se a laranjeira quisesse estudar pormenorizadamente o que se passa com ela, na produção das laranjas, com certeza não produziria fruto algum. Não queremos dizer, com isso, que o estudo para assuntos de classificação em mediunidade deva ser desprezado. Desejamos tão só afirmar que assim como as laranjeiras contam com pomicultores e botânicos que as definem, assim também os médiuns contam com autoridades humanas que os analisam pelo tipo de serviço que oferecem. Vamos trabalhar! Para nós, o que interessa agora é trabalhar.”

11. — Conscientemente, como registra o fenômeno da psicografia?

— Quando escrevo psicograficamente, vejo, ouço e sinto o Espírito desencarnado que está trabalhando, por meu braço, e, muitas vezes, registro a presença do comunicante sem tomar qualquer conhecimento da matéria sobre a qual está ele escrevendo.

12. – Como se sente ao ver transcorridos 40 anos de atividade mediúnica?

— Aos 40 anos de mediunidade, reconheço que não tenho trabalhado tanto quanto deveria, ao mesmo tempo que me vejo, cada vez mais longe, do tipo de médium ideal que os Benfeitores Espirituais desejariam que eu fosse.

13. – Nesses 40 anos, qual a modificação mais substancial que assistiu no Espiritismo no Brasil?

— Em minha reduzida capacidade de observação, creio que a vivência da Doutrina Espírita, principalmente no testemunho das obras assistenciais, é o traço mais belo da obra dos nossos dedicados irmãos do Brasil, nos últimos trinta anos.

14. – Qual foi a experiência mais valiosa que o exercício da mediunidade lhe trouxe?

— O reconhecimento de minha inferioridade e o encontro constante com as minhas imperfeições. Quanto mais os Instrutores Espirituais escrevem, por meu intermédio, mais claramente observo a distância espiritual que me separa deles. Quanto mais corre o tempo sobre o trabalho dos Mentores do Além através de minhas pobres forças, mais me vejo na condição da laranjeira de má qualidade providencialmente cortada para serviços de enxertia. Os frutos no galho são substanciosos e doces porque pertencem à laranjeira nobre que não desdenhou

produzir sobre o pé da laranja azeda.

15. – Você se sente fatigado findos estes 40 anos de lutas incessantes?

— Não sinto cansaço algum.

16. – Como foi que você tomou conhecimento da existência de Cairbar Schutel? Ele ainda se encontrava encarnado quando você iniciou seu trabalho mediúnico. Vocês se cartearam?

— Depois da publicação do “Parnaso de Além-Túmulo”, em 1932, um amigo de São Paulo que não cheguei a conhecer, pessoalmente, nesta encarnação, de nome Umberto Brússulo, me enviou alguns números de “O Clarim”. Através de “O Clarim “ passei a admirar profundamente a obra de Cairbar Schutel. Carreamo-nos, algumas vezes, e tive a honra de abraçá-lo, em pessoa, na tarde do 31 de março de 1937, em São Paulo, onde fui, pela primeira vez, participar das atividades da Semana de Espiritismo e Metapsíquica, que se realizava, naquela cidade. Achava-me hospedado na residência do nosso confrade, hoje desencarnado, Dr. João Batista Pereira, à rua Júpiter, no bairro da Aclimação, quando Cairbar, com muita gentileza, apareceu para um abraço. Conversamos, ele, Dr. Batista Pereira e eu sobre nossos ideais doutrinários, notadamente sobre a divulgação do Espiritismo através do rádio, por mais de uma hora. Em seguida, saímos para uma visita ao Dr. Militão Pacheco que se achava retido no lar para tratamento de um braço. Depois dessa visita,

despedimo-nos. Lembro-me que Dr. Batista Pereira pediu a ele, Cairbar, velar pela própria saúde, afirmando que o achava fisicamente muito abatido. “Seu” Schutel sorriu e prometeu cuidar-se. Desde então, em corpo físico, não mais o vi.

17. – “Seu” Schutel costuma usar o seu veículo mediúnico. Como você o registra?

— Vejo o nosso amigo Cairbar Schutel, na mesma forma com que se apresentou, em 1937, no encontro pessoal em São Paulo, porém, mais moço, mais sorridente e mais lépido.

18. – Que planos faz para o futuro?

— Se Jesus me permitir, estimaria, de futuro, poder dar mais tempo ao trabalho dos Amigos e Benfeitores da Vida Maior, na formação do livro mediúnico.

19. – Podemos ter a esperança de possuir mais um dos belos romances de Emmanuel?

— Quem sabe? Rogo ao Senhor para que isso aconteça.

20. – Admite você que o Espiritismo pode servir ao bem comum sem vincular-se à religião?

— Não creio. Tenho aprendido com os Mensageiros da Vida Superior que qualquer trabalho de melhoria, burilamento, corrigenda ou elevação da alma, sem apoio religioso, fracassa na certa. Compreendo, pois, que para nós, os cristãos, servir sem Jesus é impossível.

.Francisco Cândido Xavier

N. da R. — Cairbar Schutel, noticiando em “O Clarim” de 10 de Abril de 1937, a “Semana Metapsíquica” realizada em São Paulo, em Março daquele ano, assim se referiu ao médium Francisco Cândido Xavier: ...“Após a conferência do Dr. Scholders, o médium Francisco Cândido Xavier transmitiu uma comunicação de seu guia Emmanuel, em inglês e com escrita invertida da direita para a esquerda. Depois disso transmitiu ainda dois sonetos, um de **JOÃO DE DEUS** e outro de **AUGUSTO DOS ANJOS**, e em seguida uma mensagem de Humberto de Campos, verdadeira peça literária.”

[9] Exclusivo para a Revista Internacional de Espiritismo.



12

Chico Xavier e o Dr. Luiz Carlos Pásqua



Representando o brilhante periódico espírita, “O Caminho”, da cidade de Guaxupé, o nosso amigo e jornalista Dr. Luiz Carlos Pásqua, de passagem por Uberaba, ouviu Xavier, com respeito a vários problemas de ordem doutrinária, e desse encontro surgiram preciosas anotações que o prezado cronista lançou em “O Caminho”, na sua edição de 4 de dezembro de 1966.

Considerando o valor de semelhante entendimento, tomamos a liberdade de transportá-lo para o nosso volume, atentos ao objetivo de colecionar as respostas de Francisco Cândido Xavier nos dois anos últimos, sobre temas espíritas, de modo a formarmos um pequeno tomo de informações, tão

amplas quanto possível, sobre a experiência do estimado médium, ao atingir quatro decênios de serviço medianímico ininterrupto.

ENTREVISTA COM CHICO XAVIER UNIFICAÇÃO

1. Estimado Chico, como vê a atual expansão do Espiritismo no Brasil?

R — Qual ocorre a todos os estudiosos do Espiritismo no Brasil, vemos a expansão dos nossos princípios como sendo o retorno do Cristianismo para a Terra, através da experiência espírita-evangélica que está sendo consolidada em nosso País.

2. O movimento da Unificação tem acompanhado essa expansão?

R — Creio que sim, porque não podemos desconhecer o esforço constante mantido para esse fim pelas organizações espíritas, responsáveis pela orientação de nossa Doutrina, no País, notadamente a Federação Espírita Brasileira e o Conselho Federativo Nacional.

3. Há alguma sugestão, em favor da concretização do movimento de Unificação no Brasil?

R — Considero, de acordo com as instruções dos Benfeitores Espirituais, que é nossa obrigação trabalhar, quanto nos seja possível, pela nossa própria união em torno dos programas de trabalho traçados pelas entidades que nos dirigem, a fim de que elas, por seus diretores e representantes, possam tratar da

unificação na cúpula de nossa construção doutrinária.

4. Há, realmente, necessidade do intercâmbio direto entre os espíritas brasileiros e os de outros países?

R — Guardamos a certeza de que os espíritas cristãos do Brasil podem e devem fazer o máximo pela divulgação do Espiritismo Evangélico em outros países, desenvolvendo o serviço que lhes cabe sobre os alicerces da Codificação Kardequiana.

5. No seu contato com os espíritas de outros países, evidenciou-se que o Brasil espírita pode dar, ou necessita receber ajuda?

R — Com exceção da Inglaterra, onde as atividades espíritas nos parecem profundamente semelhantes às nossas, pelas características de elevada compreensão dos nossos irmãos ingleses, diante da vida e da imortalidade da alma, deduzimos, quanto aos demais países que visitamos em nossas duas viagens ao exterior, que o Brasil está em condições de dar e pode dar amplo auxílio espírita às outras nações.

Quanto ao assunto, estamos convencidos de que os espíritas brasileiros devem estudar o Esperanto e, tanto quanto possível, os idiomas de outros povos, de maneira a servirem com segurança e eficiência na divulgação de nossos princípios.

IDA DE WALDO VIEIRA PARA O RIO

6. Qual a razão da ida do companheiro Dr. Waldo

Vieira para o Rio de Janeiro? Terá caráter permanente? Continuará ele seu trabalho na Doutrina?

R — Especializando conhecimentos médicos no Japão, nosso caro Waldo, muito compreensivelmente, desejou experimentar a sua competência profissional em mais ampla área de serviço e escolheu a Guanabara para a sua nova moradia. Todos nós, os seus companheiros de tarefa na Comunhão Espírita Cristã, aqui em Uberaba, lamentamos, como é justo, a ausência dele, mas, ao mesmo tempo, nos reconfortamos com a certeza de que o nosso estimado amigo se encontra satisfeito e feliz em suas novas atividades. Além do mais, guardamos a convicção de que tanto no Rio, quanto em qualquer parte, será ele invariavelmente o médico humanitário e o abnegado missionário da Doutrina Espírita que todos nós conhecemos.

UMBANDA, RAMATIS E PIETRO UBALDI

7. Seriam espíritas os núcleos onde se pratica a Umbanda, ou em que se acatem as deduções de Ramatis ou de Pietro Ubaldi?

R — Antes de tudo, pedimos licença para dizer que temos aprendido com os Bons Espíritos que as titulações exteriores não nos afastam das obrigações de amparo mútuo, em nome do Cristo de Deus. Emmanuel, o instrutor desencarnado que me assiste, por misericórdia, sempre nos reafirma que a Doutrina Espírita é a presença de Jesus com a Luz do

Evangelho entre nós. Partindo desse princípio, ele sempre nos ensina a proceder sem qualquer indução ao que poderíamos chamar de “segregação doutrinária”. Na condição de médium espírita, não posso acolher com reprovação os irmãos de Humanidade que estejam ligados a outras convicções, sejam eles católicos, budistas, maometanos, ou até mesmo inimigos gratuitos de nossa fé, reconhecendo que se eles ainda possuem erros de interpretação, perante a verdade, tenho igualmente os meus, porque na condição de ser humano, sou uma criatura falível, com necessidades prementes de melhoria e de estudo.

A todos devemos receber — diz-nos Emmanuel — por nossos irmãos e filhos de Deus como nós.

Se qualquer um deles nos procura, decerto que muito nos honram pelo interesse que demonstram em torno de nossa Doutrina, porquanto, em nos falando das ideias que abraçam, nos concedem a oportunidade de oferecer-lhes as nossas, principalmente no tocante aos ensinamentos claros e simples de Allan Kardec. Por outro lado, espíritas evangélicos que somos, não nos seria lícito contrariar a simpatia desse ou daquele irmão nosso por esse ou aquele escritor encarnado ou desencarnado. Nossa Doutrina é de livre exame, sem o que não alcançaremos a fé raciocinada. Nesse aspecto da questão, creio que a Codificação Kardequiana é uma luz que o

Cristo colocou em nossas mãos para que possamos estudar acerca de tudo e retirar, em nosso proveito, a melhor parte que nos sirva à edificação e ao progresso.

Segundo os Bons Espíritos, devemos procurar sempre os caminhos de nossa integração no Evangelho de Jesus, para o levantamento do Reino de Deus nos corações humanos, a começar pela caridade e pelo serviço uns aos outros.

Esse impositivo de trabalho e fraternidade não nos impede, porém, a necessidade das nossas declarações de princípios. Somos espíritas e devemos fixar as nossas responsabilidades e convicções espíritas.

Emmanuel costuma afirmar que “a cultura é de todos, entretanto cada escola se caracteriza por determinado programa de ação educativa a executar.”

Semelhantes definições, entretanto, devem emanar das instituições espíritas que nos dirigem. Elas são as autoridades que precisamos ouvir, porque elas respondem por nós, no trato com o mundo. Relativamente a isto, temos recebido e devemos esperar sempre a melhor orientação da Federação Espírita Brasileira e do Conselho Federativo Nacional.

8. Qual uma das razões por que permanecem no Umbandismo pessoas que já se tomaram conhecedoras dos princípios e das obras básicas da Doutrina Espírita?

R — Sinceramente, não tenho recursos para considerar essas razões, de vez que há problemas de foro íntimo cuja solução

pertence ao livre arbítrio de cada um. Não seria lícito, porém, de minha parte, desconhecer a alegação, aliás, muito nobre, de muitos dos companheiros que colaboram nas tarefas umbandistas, os quais me afirmam estarem junto delas, no intuito de cooperar na sementeira dos princípios de Allan Kardec, em favor dos nossos irmãos vinculados a práticas diferentes das nossas, com bases, porém, no fenômeno mediúnico.

PALAVRAS FINAIS DE CHICO XAVIER

Agradecemos aos distintos amigos e confrades de “O Caminho” a honrosa oportunidade que nos concederam para conversar em torno de nossos ideais e tarefas no Espiritismo Evangélico, e aos que nos lerem solicitamos o apoio da prece em meu benefício, esmola que sempre pedi e sempre rogarei a todos os companheiros da seara espírita cristã, a fim de que não me falem esclarecimentos e forças para acertar mais e errar menos no cumprimento dos meus deveres para com a nossa Doutrina de Amor e Luz.

.Francisco Cândido Xavier

.Emmanuel



13

Chico Xavier e o Dr. José Thomaz da Silva Sobrinho



Ao nosso prezado confrade Dr. José Thomaz da Silva Sobrinho, fervoroso jornalista e companheiro da Seara Espírita, em Uberaba, devemos o conjunto de interessantes perguntas e respostas havidas entre ele e Xavier, constando das impressões e considerações do autor, no trabalho que ele, Dr. José Thomaz, publicou em “A Flama Espírita”, de 8 de julho de 1967, e no diário “Lavoura e Comércio” do mesmo dia, ambos de Uberaba.

Tratando-se de documentário alusivo aos oito lustros da mediunidade de Chico Xavier, com a devida vênia, tomamos a liberdade de incluir o valioso diálogo em nosso despretensioso volume.

DE MEDIUNIDADE

1. – Como você se sente depois de 40 anos de exercício na mediunidade?

— Realmente, não sinto cansaço algum. Quarenta anos de trabalho decorreram com tantas bênçãos de Deus e com o amparo de tão dedicados companheiros de ideal que a data de 8 de julho de 1927 me parece ter sido ontem.

2. – Qual é o Espírito que manteve mais contato com você, através desse tempo?

— De todos os Espíritos benfeitores que, por misericórdia de Jesus, têm mantido contato comigo, aquele que, por mais tempo, tem suportado as minhas imperfeições é o Espírito de Emmanuel, que, desde 1931 orienta, revê, aprova ou desaprova todas as minhas pequenas tarefas medianímicas.

3. – Você acha que um médium se demora tanto tempo em serviço por merecimento?

— Não creio que semelhante trabalho, pelo menos em meu caso, provenha de merecimento. Quanto mais os Instrutores Espirituais escrevem por meu intermédio, mais flagrantemente vejo os meus erros e as minhas deficiências. Na obra de Emmanuel, acredito que posso situar-me, na condição de um animal, que, por injunções de serviço, deve conduzir o seu dono professor a uma festa de cultura. Terminada a festa, continuo a ser o animal que sou, enquanto o educador vai crescendo sempre nos benefícios que faz.

4. — Você notou diferença na prática medianímica quando se transferiu de Pedro Leopoldo para Uberaba?

— Precisamente, não. Uberaba é para mim a continuação, em ponto muito maior, do carinho e do entendimento, do apoio e da cooperação da terra generosa que Deus me concedeu para renascer na presente reencarnação.

5. — Como se processou o início da sua mudança de Pedro Leopoldo para Uberaba?

— Em princípios de 1958, comecei a sofrer de uma labirintite que me incomodava bastante. Muito barulho nos ouvidos, muitas dores de cabeça. Bezerra de Menezes, o nosso benfeitor espiritual, tratou-me com a dedicação que lhe conhecemos e pediu, ainda, em meu caso, a consideração de um especialista, tendo eu recorrido ao Dr. Costa Chiabi, distinto otorrinolaringologista em Belo Horizonte. Dr. Costa Chiabi dispensou-me grande atenção. Mediquei-me. Fui a Angra dos Reis, no Estado do Rio, por duas vezes, buscando mudança de clima e refazimento na praia. Melhorei, mas não positivamente como precisava. Em face das recidivas, nossos Amigos Espirituais aconselharam minha transferência para clima temperado, já que Pedro Leopoldo é bastante fria na maior parte do ano. Chegado o assunto a esse ponto, nosso amigo Waldo Vieira convidou-me a experimentar Uberaba. Vim para cá e, graças a Deus, me refiz.

6. – Como você foi recebido pela comunidade espírita e não espírita de Uberaba?

— Devo dizer que fui recebido, em 1959, pela comunidade uberabense, espírita e não espírita, com a generosidade que caracteriza esta abençoada cidade do Triângulo Mineiro, onde tenho hoje a honra de possuir amigos queridos, não só na família espírita, mas em todas as confissões religiosas e classes sociais. Louvado seja Deus!

7. – Você acha que a prática da mediunidade encontra obstáculos por parte das forças espirituais inferiores que nos cercam?

— Sim. Acredito que isso acontece não só na prática mediúnica, mas em todo lugar da Terra onde aparece a luz de Nosso Senhor Jesus-Cristo. Basta que o Evangelho surja aqui ou ali, derramando as suas claridades eternas, para que a sombra do mal se destaque em desafio. Compete a nós todos confiar em Jesus e trabalhar sempre em Sua Seara de amor e de redenção.

8. – Você se sente satisfeito no trabalho de cooperação na Comunhão Espírita Cristã?

— Perfeitamente. A Comunhão Espírita Cristã é um lar de corações acolhedores e abnegados, ante os quais tenho assumido os maiores débitos de amizade e gratidão.

9. – Como ficou seu trabalho mediúnico sem a colaboração do médium Waldo Vieira?

— Sem dúvida, a transferência do nosso caro amigo Waldo Vieira para o Rio, nos

impôs a falta de um companheiro eficiente e admirável no serviço espiritual, entretanto, mudou-se nosso amigo, atendendo a motivos tão respeitáveis, como seja a necessidade de progresso na Medicina, que estamos tentando honrar-lhe a confiança na ausência, cumprindo os nossos deveres mediúnicos na Comunhão Espírita Cristã e na obra dos livros de nossos Amigos Espirituais, tarefas essas nas quais o nosso caro Waldo foi e com o amparo do Senhor será sempre um padrão de nobreza e trabalho constantes.

10. — Cite um dos fatos que mais o impressionaram em sua vida social de Uberaba.

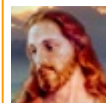
— De todos os gestos de solidariedade cristã a que assistimos diariamente em Uberaba, um deles está para sempre guardado em meu coração. Explicar-me-ei em poucas palavras. Em 1965, uma senhora enferma veio pela manhã ao Ambulatório da Comunhão Espírita Cristã, trazendo a carta de um médico em serviço na zona rural, endereçada a distinto cardiologista da cidade, pedindo-lhe amparo em favor dela. A doente, porém, mal informada, veio às portas de nossa instituição, acreditando-se no endereço seguro. Acontece, no entanto, que atingindo a entrada de nosso templo, foi acometida de súbito mal-estar. O coração pulsava descompassado, a palidez cobria-lhe o rosto. Neste justo momento, o médico da casa saíra a socorrer um doente grave. Procurei reanimar a enferma, uma velhinha

simpática, e assim que melhorou, convidei-a a seguir-me até o consultório do cardiologista indicado, compreendendo que o socorro médico era assunto de urgência máxima. Caminhamos, vagarosamente, de nossa casa até a Avenida Belo Horizonte em procura de um telefone, à busca de um táxi, no entanto, chegados que fomos ao asfalto, ela entrou novamente em crise agravada de vômitos. Nisso, estacou perto de nós um carro elegante com duas senhoras primorosamente trajadas. Indagaram de mim o que acontecia e contei o que se passava. Ficaríamos felizes se elas nos mandassem um táxi, entretanto, as duas desceram, oferecendo-se para ajudar-nos. Não consideraram as peças valiosas que lhes forravam o automóvel e nem a roupa de alto preço na qual se vestiam. Carregaram comigo a velhinha, cujo estado físico se fizera então lastimável, e instalaram-na, ao meu lado, na poltrona, como se estivessem tratando de uma parenta querida. Logo após, uma delas acionou o motor e o carro avançou devagar... Paramos em telefone próximo e a companheira daquela que se fizera condutora paciente e amiga, conversou pelo fio com o cardiologista citado que optou pela internação imediata da enferma no Hospital das Clínicas. Em poucos minutos, a doente achara o leito e o repouso de que tanto necessitava. Comovidamente, disse às damas: “Rogo perdão às senhoras pelo incômodo que

lhes dei”. Ambas sorriram e uma delas falou com bondade: “Não diga isso. Todos somos irmãos perante Jesus.” Até hoje não sei como se chamam e ignoro a que facção religiosa possam pertencer. Sei apenas que elas foram para nós — para a doente e para mim —, duas emissárias do Evangelho, fazendo-me lembrar o samaritano da parábola. ^(LC) E quando, na rua, as vejo de novo, no carro que ficou para mim inesquecível, meu pensamento de respeito e gratidão se volta para essas mensageiras de caridade e de ternura humana, rogando a Deus que as abençoe.

.Francisco Cândido Xavier

.Emmanuel



14

Chico Xavier e o Cronista Valentim Lorenzetti



A Valentim Lorenzetti, valoroso jornalista de São Paulo, devemos, nós, os espíritas, brilhante e fiel reportagem no grande diário “Folha de S. Paulo”, em sua edição de 10 de julho de 1967, em torno dos quatro decênios de serviço mediúnico de Chico Xavier. Mas a cooperação do notável cronista na divulgação do trabalho realizado pelo médium amigo não ficou apenas nisso. Valentim Lorenzetti quis ouvir Xavier pessoalmente, na sua residência de Uberaba e, desse encontro, surgiu a curiosa entrevista, que ele deu a lume, na folha espírita “O Despertador”, de São Paulo, em seu número de julho de 1967, e que temos a honra de trasladar para o conjunto de nossas páginas, como peça indispensável de nosso livro.

PERGUNTAS E RESPOSTAS EM UBERABA

O Jornalista Valentim Lorenzetti entrevista o médium Chico Xavier:

1. – O que é ser espírita?

R — Ser espírita, segundo Allan Kardec, o Codificador da Doutrina Espírita, é ser o cristão genuíno, com a obrigação de pautar a vida pelos ensinamentos de Nosso Senhor Jesus-Cristo, dentro da liberdade de raciocinar e discernir no campo da própria fé.

2. – Como você ingressou no Espiritismo?

R — Desde criança sentia necessidade de conhecimento em torno dos fenômenos mediúnicos de que me via objeto e, acompanhando o tratamento espiritual de uma irmã doente, em 1927, tive a felicidade de encontrar, pelas mãos de um amigo, os princípios codificados por Allan Kardec.

3. – Para quem ficam os direitos autorais de seus livros?

R — Todos os direitos autorais dos livros por mim recebidos de nossos benfeitores Espirituais, pertencem às instituições espíritas que os editam para fins de divulgação da Doutrina Espírita e para a sustentação de obras assistenciais.

4. – Você recebe alguma coisa com a venda deles?

R — Nunca recebi coisa alguma pela venda das livros de nossos Amigos Espirituais, por intermédio de minhas faculdades mediúnicas, de vez que esses livros são de

autoria deles, cabendo-me tão somente a alegria de cooperar com eles, os amigos da Vida Maior, na função de intermediário, durante as horas de cada dia, que posso dar ao serviço mediúnico.

5. – Conte alguma coisa de sua experiência nos Estados Unidos.

R — Uma das experiências que mais me comoveram nos Estados Unidos foi a que colhemos, em nosso primeiro contato com o movimento espiritualista da grande nação amiga. Tendo chegado pela primeira vez a Washington, na tarde de 22 de maio de 1965, um sábado, resolvemos visitar um templo de nossa fé, no dia imediato, para começar as nossas tarefas, entre os nossos irmãos norte-americanos, com uma prece de silencioso agradecimento ao Plano Espiritual que com tanta generosidade nos facultara a viagem. Para isso, sem qualquer aviso prévio, fomos nós, um grupo de quatro brasileiros, senhorita Maria Aparecida Pimentel Gonçalves (hoje Mrs. Ventton Harrison, residente na capital norte-americana), Dr. Waldo Vieira; Dr. Irineu Alves e eu, ao “Templo Espiritualista dos Dois Mundos” (The Church of Two Worlds), sediado em 3038 Q Street, N.W. Georgetown, Washington D. C., templo esse dirigido pelo médium Ministro Gordon Burroughs. Quinze horas de domingo, 23 de maio de 1965. O “service” começava. Sentamo-nos os quatro, em lugares do último banco, à retaguarda. Ninguém ali nos conhecia.

Acompanhávamos as preces, cânticos e comentários de doutrina, com as nossas orações de reconhecimento a Jesus.

Na parte final da reunião, uma senhora, a médium encarregada de transmitir mensagens ao público, em se dirigindo da tribuna do templo às pessoas presentes, de modo particular, indicou nós quatro à assembleia ali reunida e comunicou, em voz alta, que, nós, os irmãos de outro País, ali presentes, levávamos aos Estados Unidos uma tarefa de renovação espiritual e de aproximação fraterna, acrescentando que o trabalho iniciado reclamava tempo e sacrifício, entretanto, cabia-nos prosseguir, porquanto não nos faltaria o amparo de Jesus e de seus enviados.

Logo após, a médium, em transe, anunciou a presença junto de nós, no recinto, de um professor e de um médico (*a teacher and a doctor*) que para logo identificamos. Eram nossos benfeitores desencarnados Emmanuel e André Luiz, cuja presença conosco, no momento, o médium Waldo Vieira e eu já havíamos registrado, benfeitores esses geralmente conhecidos em nossas atividades espíritas no Brasil.

Essa mensagem, assim, de público, pelo caráter de espontaneidade com que foi transmitida, nos trouxe imenso estímulo ao trabalho e profundo reconforto aos corações.

Profundamente sensibilizados, ao término da reunião, recebemos o abraço do Ministro Burroughs. Na emoção que me tomara de assalto, quis guardar algum traço daquele inolvidável momento em minha

lembrança. Instintivamente contemplei as belas gladiólas róseas que enfeitavam a sala. Perguntei à senhora encarregada da livraria do templo de onde tinham chegado aquelas flores tão lindas. A dama simpática não compreendeu o Inglês paupérrimo de que eu dispunha e julgou que eu perguntava de quem eram as flores e me respondeu que as bonitas gladiólas eram oferecidas às orações daquele dia por Mrs. Fannye M. Wright, em memória de sua mãe Mrs. Ella Debane Johnson.

Tomei nota desses dois nomes e cito-os aqui, não só em homenagem de gratidão aos nossos amigos norte-americanos, mas também como elementos comprobatórios que me autenticuem as informações.

6. — Por que você foi aos Estados Unidos?

R — Os nossos amigos espirituais Emmanuel e André Luiz, através do médium Waldo Vieira e igualmente por mim, programaram a nossa viagem aos Estados Unidos, de conformidade com os planos de trabalho, formados por alguns confrades brasileiros, lá residentes, no sentido de algo realizarmos pela difusão do Espiritismo Cristão do Brasil, junto aos nossos irmãos norte-americanos.

7. — Encontrou Espiritismo nos Estados Unidos?

R — O Espiritismo evangélico, tal qual conhecemos e praticamos no Brasil, está começando agora a ser cultivado na América do Norte. Esta é a impressão que trouxemos de duas viagens consecutivas ao grande país de Lincoln.

8. – Qual o resultado de sua viagem aos Estados Unidos?

R — Por influência de nossos Amigos Espirituais, notadamente através dos nossos companheiros Dr. Waldo Vieira, hoje médico no Rio, e Dr. Irineu Alves, de São Paulo, ficou fundado, em Washington, o “Christian Spirit Center”, que mantém os serviços iniciais de difusão da Doutrina Espírita, como é vista e praticada no Brasil. Além disso, vão sendo regularmente distribuídos, na grande nação do norte, impressos com mensagens de nossos Benfeitores Espirituais, tendo sido lançado em 17 de maio de 1966, o primeiro deles, por nosso intermédio, o “The World of the Spirit”, pela Philosophical Library, de New York.

9. – Sabemos que você é vidente. Descreva algumas cenas do mundo invisível, que você vê com muita frequência.

R — A minha experiência mediúnica nada apresenta, em regime de exceção, comparativamente às observações de outros companheiros da mediunidade. De tudo o que eu poderia dizer, nesse sentido, é que o mundo espiritual próximo de nós reflete o Plano físico em que vivemos, impondo-nos, depois da experiência carnal, os resultados de nossas próprias ações.

10. – O que você tem a dizer sobre as outras religiões?

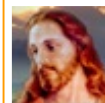
R — Os Espíritos Amigos nos advertem que todas as religiões são respeitáveis pelo

conteúdo de verdade que encerram. Todas elas são caminhos que conduzem a Deus e ao aprimoramento da alma. Acentuam, porém, que encontramos na Doutrina Espírita, o Consolador prometido por Nosso Senhor Jesus-Cristo à Humanidade, explicando-nos o verdadeiro e claro sentido de seus ensinamentos no Evangelho, de modo a sabermos que não há morte, que a vida continua para lá do túmulo, que a Justiça Eterna funciona na consciência de cada um de nós e que receberemos neste mundo ou nas outras estâncias da Vida Espiritual, os resultados de nossos próprios atos.

A maior diferença entre o Espiritismo e as outras religiões, a nosso ver, é que o Espiritismo nos faculta indagar e conhecer o que devemos aprender e saber, com respeito aos nossos Espíritos eternos, sem que a fé nos imponha barreiras nesse sentido, de vez que no campo espírita a fé precisa ser raciocinada. Temos no Espiritismo o cumprimento da promessa do Cristo: “conhecereis a Verdade e a Verdade vos fará livres”, ^(JO) ao que o nosso abnegado Emmanuel acrescenta: “e a Verdade nos fará livres para sermos servos felizes de nossas obrigações e para sermos mais responsáveis perante Deus”.

.Francisco Cândido Xavier

.Emmanuel



15

Chico Xavier e o Escritor Jorge Azevedo



O “Diário de Notícias”, do Rio de Janeiro, em sua edição de 21 de novembro de 1965, lançou valiosa entrevista, publicada sob a responsabilidade do eminente jornalista e escritor patricio Jorge Azevedo, e tomada em conjunto aos médiuns Waldo Vieira e Chico Xavier, versando impressões de ambos, quanto às tarefas de divulgação espírita nos Estados Unidos e na Europa, na primeira viagem que empreenderam juntos ao Velho Mundo e à Pátria de Lincoln.

Destacamos desse precioso documentário as informações de Xavier ao entrevistador, considerando-as não só como elemento histórico da presença do médium do “Parnaso de Além-Túmulo”, no exterior, como também por parte

integrante de nossas páginas ilustrativas da tarefa espírita-cristã, atribuída pelos Instrutores do Alto ao nosso companheiro que completou quatro decênios de serviço à Causa Espírita, em 8 de julho de 1967.

CHICO XAVIER FALA AO “DIÁRIO DE NOTÍCIAS” SOBRE VIAGEM DE ESTUDOS

1. Jorge Azevedo – Pareceu-lhe a mentalidade americana notoriamente materialista – sensível ao movimento espiritualista que se processa, inelutável, no mundo?

Chico Xavier — Sem dúvida. Não podemos negar o caráter eminentemente prático da mentalidade norte-americana, mas desejamos ser justos em afirmando que o espírito norte-americano é profundamente sensível ao movimento de renovação moral que se processa no mundo. Tendo convivido, de modo particular, nos círculos espíritas, lá denominados espiritualistas, tivemos a satisfação de observar, em todos os nossos contatos, o ideal operante da solidariedade humana e os movimentos de confraternização, em base do Evangelho de Jesus.

2. Azevedo – Como reage o norte-americano à Parapsicologia – fenômeno paranormal de que é, no Brasil, instrumento o médium José Arigó. Obtiveram, por acaso, lá, alguma ressonância as curas desse parapsicólogo preso no Brasil como vulgar curandeiro?

Chico — Vinculados à tarefa espírita-cristã que nos levava aos Estados Unidos, não nos foi possível desviar a atenção para o estudo das atividades parapsicológicas

que contam naquela grande Nação com o interesse de vultos eminentes da cultura científica. Podemos informar, porém, que tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra, fomos inquiridos muitas vezes sobre a mediunidade e a personalidade de José Arigó que é acompanhado, nesses países, por vastos movimentos de opinião, a se expressarem por muito apreço e grande simpatia.

3. Azevedo – Na Europa, que também visitaram, há já desenvolvido, como aqui, o fenômeno espiritualista através das manifestações – psicográficas, materializantes e parapsicológicas – que se verificam no Brasil?

Chico — Do que nos foi facultado conhecer nos países da Europa que visitamos, os fenômenos mediúnicos estão vivos em toda parte, verificando que notadamente na Inglaterra eles desfrutam imenso respeito com as notáveis atividades que lhes são consequentes.

4. Azevedo – Contem-nos o que viram de excepcional nos países europeus que visitaram, não somente sob o aspecto espiritista como em todos os aspectos que lhes pareçam merecedores de comentário.

Chico — Há muita coisa de excepcional em nossas observações do mundo europeu, principalmente no que condiz com a História e Desenvolvimento Cultural da Humanidade. Difícil especificar as nossas impressões sob vários aspectos, mas sob o ponto de vista espírita com que se realizou a nossa viagem, as nossas impressões se inclinam mais

profundamente para o lado espiritual dos povos que visitamos, e comentá-las seria alterar o sentido informativo desta entrevista.

5. Azevedo — Poderiam mencionar os médiuns de maior renome, nos Estados Unidos e na Europa, cujos trabalhos porventura presenciaram?

Chico — Dentre os médiuns distintos que ficamos conhecendo, podemos citar os nomes de Brookes, Burroughs, em Washington; Argo e Trusler, em Nova York; Ridav, em Ephrata; do casal Maurice Barbanell, em Londres; Madame Gisela Klecka, em Paris; senhora Maria Bacelar, em Lisboa, e Oliva, em algum lugar da Espanha.

6. Azevedo — Relatem-nos o que for possível a respeito da penetração da Codificação de Allan Kardec, inclusive e especialmente quanto à lei da palingenésia ou reencarnação, na América do Norte ou Europa.

Chico — Cremos que a penetração da obra de Allan Kardec nos países de língua inglesa é serviço que ainda não passou do começo, mas podemos asseverar que a doutrina da reencarnação, conquanto possua adversários, encontra aí inúmeros cultores, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa.

7. Azevedo — Falem-nos, por gentileza, porque o público brasileiro assim o quer saber, a respeito da atividade psicográfica que exerceram no exterior, mencionando o que ficou estabelecido relativamente à publicação, em inglês, de obras espíritas.

Chico — Como é do conhecimento público, tivemos o conforto de receber diversas páginas em inglês, da parte de nossos benfeitores Espirituais, interessados em divulgar o ideal e a vivência aos princípios espíritas evangélicos no Brasil, junto aos outros povos. Nos Estados Unidos, sob a inspiração deles, ficou instituído o “Christian Spirit Center”, atualmente em processo de adaptação e consolidação. E ainda lá, em Nova York, junto, à “Philosophical Library”, uma das mais respeitáveis editoras da cultura norte-americana, será lançado o livro mediúnico de nossos benfeitores espirituais, o “Ideal Espírita”, em primeira tradução de Wallace Leal e Russel Baldwin, o primeiro, distinto professor brasileiro, e o segundo, competente tradutor norte-americano, residente em Washington. Devemos acrescentar que o livro, cujas provas tipográficas já se encontram em revisão para lançamento em dezembro próximo, ^N será publicado sob o título de “The World of the Spirit”, mais adequado à psicologia do povo norte-americano, segundo a apreciação de nossos amigos de Nova York. Outros assuntos decorrentes de nossas atividades mediúnicas serão examinados oportunamente, de vez que, se Deus quiser, atenderemos ao compromisso de lá voltar, possivelmente, em fins do mês de abril do próximo ano de 1966.

.Francisco Cândido Xavier
.Emmanuel

[10] O livro só foi lançado em 17 de maio de 1966.



16

Chico Xavier e o Radialista Romeu Sérgio



Justamente por ocasião do seu aniversário em mediunidade, em 1967, Xavier foi ouvido pelo jovem radialista Romeu Sérgio, que lhe formulou algumas indagações, respondidas, para figurarem num programa de grande audiência na Rádio Cultura da cidade de Ribeirão Preto, Estado de São Paulo. Possuindo conosco o texto alusivo a esse encontro, que encerra apontamentos espíritas evangélicos, de alto valor, a nosso ver, damo-nos ao prazer de estampá-lo, em nosso livro, no desdobramento da tarefa esclarecedora e informativa que nos propomos realizar.

CHICO XAVIER — QUARENTA ANOS DE
MEDIUNIDADE

1. – Poderá dizer, Chico, que trabalhos o senhor vem desenvolvendo em Uberaba?

— Meu caro Romeu Sérgio, antes de tudo, sinto a satisfação de saudar aos ouvintes amigos da Rádio Cultura de Ribeirão Preto, agradecendo ainda a nossa estimada emissora pela oportunidade do presente encontro fraterno através do ar, que me honra sobremaneira. Devo dizer ao caro entrevistador, que não tenho tarefas especiais em Uberaba. Não passo de pequenino servidor da Comunhão Espírita Cristã que, em nossa cidade, é dirigida sabiamente pela nossa irmã Dalva Borges. A Comunhão Espírita Cristã, sim, desempenha preciosos encargos, seja na divulgação da Doutrina Espírita, seja na obra assistencial a que se dedica. Além de minhas modestas atribuições mediúnicas, em nossa casa, tenho compromissos com os Benfeitores Espirituais, dos quais temos à frente, o abnegado Espírito de Emmanuel, no sentido de trabalhar na recepção do livro mediúnico, serviço esse a que me consagro desde muitos anos.

2. – No seu modo de entender, como se situa o Espiritismo no Brasil?

— Desde muito, os instrutores desencarnados nos ensinam, por via mediúnica, que o Espiritismo no Brasil é realmente a Doutrina Codificada por Allan Kardec, restaurando os ensinamentos de Jesus, em sua simplicidade e clareza. Enquanto em muitos países diferentes do nosso, a

prática espírita se resume a observações puramente científicas e a técnicas mediúnicas, entre nós, brasileiros, o assunto assume características diversas, compreendendo-se que o reconhecimento da imortalidade da alma faz-se acompanhar de consequências morais a que não nos será lícito fugir. Aprendemos com Allan Kardec que a Doutrina Espírita é a presença espiritual de Nosso Senhor Jesus-Cristo na Terra, conclamando-nos à vivência real dos seus ensinamentos de luz e amor. Em razão disso, o Espiritismo no Brasil é a caridade em ação com a fé raciocinada baseando-lhe as iniciativas e movimentos. Consultemos o acervo das instituições assistenciais do Espiritismo Cristão, espalhadas no Brasil inteiro e observemos a difusão das obras de Allan Kardec, em todo o nosso País, com a supervisão e o devotamento da Federação Espírita Brasileira e ser-nos-á fácil reconhecer em nosso desenvolvimento coletivo a presença do Espiritismo em sua legítima expressão, a definir-se como sendo o retorno das criaturas ao Cristianismo simples e puro.

3. — Estimariamos colher a sua opinião a respeito dos últimos conflitos que colocaram em perigo a Paz Mundial...

— Atentos aos nossos deveres de ordem doutrinária, já que o Espiritismo é a religião de Jesus, endereçada ao burilamento e confraternização dos homens, não seria cabível viéssemos a analisar os conflitos atuais do mundo, sob

o ponto de vista político. Essa tarefa, na opinião de Emmanuel, o dedicado orientador espiritual que nos dirige as atividades, compete aos mentores encarnados da vida internacional. Todos nós, os religiosos de todos os climas, nos reconhecemos atualmente defrontados por crises de insatisfação em quase todos os domínios da Humanidade, e, por isso mesmo, segundo as instruções que recebemos dos benfeitores espirituais, a nossa melhor atitude é a da prece, em favor dos líderes das nações, rogando a Deus os ilumine e guie, a fim de que todos eles se unam, no respeito às leis que o progresso já nos confiou, evitando nova grande guerra, cujos efeitos calamitosos, não conseguimos prever, nem calcular.

4. — Como vê o futuro do Brasil?

— Na condição de espírita, conquanto a minha indigência de tudo, confio plenamente no futuro de nosso País, invariavelmente consagrado ao trabalho e ao direito, ao progresso e à paz. Peçamos a Deus nos conserve leais à fraternidade que Jesus nos ensinou, de vez que, na vivência do Evangelho, ser-nos-á possível cooperar na edificação do Brasil espiritual, destinado a ser, conforme as lições de nossos mentores da Vida Maior, o celeiro de luz e concórdia, justiça e aperfeiçoamento para a Humanidade inteira.

5. — Tem alguma sugestão a fazer sobre a obra espírita propriamente considerada?

— Creio que se o caro entrevistador está interessado, em conhecer, de mais perto, as nossas tarefas espíritas-cristãs, tomaria a liberdade de propor-lhe a realização de enquetes e encontros fraternais com os nossos companheiros espíritas de Ribeirão Preto, em cuja dedicação à nossa Causa, reconhecemos daqui de Uberaba os mais elevados padrões de cultura e bondade, experiência e prestígio moral. Acreditamos que de semelhantes contatos sobrevirão esclarecimentos e bênçãos de mais alta importância para reconforto e orientação de nosso povo. Com essa lembrança, queremos reafirmar à simpática Rádio Cultura de Ribeirão Preto os nossos melhores agradecimentos, rogando a Nosso Senhor Jesus-Cristo para que a todos nos inspire e nos abençoe.

6. — O senhor poderia fazer a leitura de uma das mensagens mediúnicas por si recebidas, dedicada aos nossos ouvintes de Ribeirão Preto?

— Romeu, agradecendo o seu convite, peço permissão para ler aqui a página “Ouve, Coração”, do Espírito de Maria Dolores, primorosa poetisa baiana, desencarnada em Salvador, poesia essa que foi por nós psicografada na reunião pública da Comunhão Espírita Cristã, realizada na noite de 20 de Novembro de 1965 e cuja leitura ofereço aos nossos companheiros espíritas de Ribeirão Preto, com o nosso abraço fraternal.

.Francisco Cândido Xavier

OUVE, CORAÇÃO



¹ Perguntas, coração,
Como sanar as dores sem medida,
De que modo enxugar a lágrima incontida
Sob nuvens de fel e de pesar!...
Recordemos o chão...
Quando o lodo ameaça uma estrada
indefesa,
Em cada canto roga a natureza:
Trabalhar, trabalhar.

² Fita o aguaceiro que se fez tormenta.
Ao granizo que estala, o vento insulta,
Seio de mágoas que se desoculta,
A terra, em torno, geme a desvairar...
Mas, finda a longa crise turbulenta,
Sobre teto quebrado, pedra e lama,
Renasce a paz no céu que vibra e chama:
Trabalhar, trabalhar.

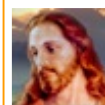
³ Ressurge, inalterado, o Sol risonho,
Não pergunta se o mal ganhou no mundo,
A tudo abraça em seu amor profundo,
A criar e a brilhar!
Recebe cada flor um novo sonho,
Cada tronco uma bênção, cada ninho
Canta para quem passa no caminho:
Trabalhar, trabalhar.

⁴ Assim também, nas horas de amargura,

Enquanto a sombra ruge ou desgoverna,
Pensa na glória da Bondade Eterna,
Acende a luz da prece tutelar!
E vencerás tristeza e desventura,
Obedecendo à voz de Deus na vida
Que te pede, em silêncio, à alma ferida:
Trabalhar, trabalhar!

.Maria Dolores

.Elias Barbosa



17

Chico Xavier e o Programa “Ondas de Luz”



Depois de regressar dos Estados Unidos, em Julho de 1966, Chico Xavier foi ouvido pelo programa radiofônico “Ondas de Luz”, de Uberaba, sobre assuntos doutrinários, respondendo a um questionário afetivo que se transformou, a nosso ver, em documento de muito interesse, na avaliação dos seus quarenta anos medianímicos. Em virtude disso, reproduzimos aqui essa conversação esclarecedora, que foi publicada pelo mensário “O Triângulo Espírita”, de 1.º de Outubro de 1966, para a devida complementação de nosso trabalho.

ENTREVISTANDO CHICO XAVIER

Como todos irmãos sabem, nossos confrades e médiuns Chico Xavier e

Waldo Vieira retomaram dos Estados Unidos, onde estiveram pela segunda vez. “Ondas de Luz” não poderia ficar alheio a esse acontecimento. Daí a presente entrevista que ora fazemos com nosso Irmão Chico Xavier, a propósito da citada viagem ao exterior.

Jarbas Varanda – Caro Chico, o microfone é seu para os seus cumprimentos e considerações iniciais.

Chico Xavier — Inicialmente, pedimos permissão para saudar a todos os nossos companheiros e ouvintes de “Ondas de Luz”, a todos desejando paz e alegria.

1. – Tendo você e o nosso caro Waldo retornado recentemente dos Estados Unidos da América do Norte, que impressões poderia nos dar dessa segunda viagem?

— Do ponto de vista espírita, nossas impressões foram as melhores. Sabemos que a edificação dos princípios kardequianos entre os nossos irmãos norte-americanos é obra ainda começante, embora reconheçamos que a mente popular dos Estados Unidos permanece arejada e aberta ao estudo de todas as grandes questões da Humanidade. Tivemos a satisfação de acompanhar o lançamento do primeiro livro psicográfico de nossos benfeitores espirituais, traduzido para o Inglês, pela “Philosophical Library”, em Nova Iorque e verificar o desenvolvimento promissor do “Christian Spirit Center”, fundado naquele país sob a inspiração de

Emmanuel e André Luiz, no ano passado, cujo núcleo mais importante agora está sediado no Estado da Carolina do Norte, em Elon College. Indiscutivelmente esses dois acontecimentos foram para nós dois fatos culminantes da nossa viagem deste ano, ao encontro de nossos amigos do norte, mas não será justo esquecer os contatos edificantes que tivemos ambos com os nossos irmãos espíritas do México, dos quais destaco os companheiros kardecistas da Central Espírita Mexicana, os professores João e Pedro Gasca e a nossa irmã professora Amparita Morgado; e ainda o conforto que recebemos com a honrosa reportagem que a revista “Cosmic Star”, de Hollywood, publicou em torno das nossas atividades na Comunhão Espírita Cristã, aqui em Uberaba. De minha parte, não posso deixar de me referir também à alegria com que acompanhei a fundação de dois cultos de Evangelho, em bases espíritas-cristãs, em Nova Iorque, por nosso caro amigo e distinto médico uberabense, Dr. Eurípedes Vieira, atualmente em especialização no “Memorial Hospital of Cancer and Allied Diseases”, daquela grande cidade.

2. — Quais foram as principais atividades doutrinárias desenvolvidas por vocês junto ao movimento espírita estadunidense?

— Detivemo-nos muito especialmente na obra de desenvolvimento e consolidação do “Christian Spirit Center” que se define como sendo uma das mais valiosas

esperanças do Espiritismo Evangélico do Brasil nos Estados Unidos. Para esse fim, foram realizadas diversas reuniões e publicadas várias mensagens de nossos Amigos Espirituais, psicografadas diretamente em Inglês.

3. — Quais as perspectivas doutrinárias para o Espiritismo nos Estados Unidos? Há necessidade ainda de visitas fraternais de outros companheiros nossos? Além dos E.E.U.U., entende você que o Espiritismo necessita ser dinamizado nos países latino-americanos?

— A esse respeito, cremos que o artigo do nosso digno companheiro Haddad, sob o título “Por que Estados Unidos?”, publicado pela Federação Espírita Brasileira, em “Reformador” de agosto deste ano (1966), responde perfeitamente ao problema [Vide o [ARTIGO CITADO](#) no final do capítulo]. A seara da Doutrina Espírita, qual é sentida, vista e praticada no Brasil, é um serviço de suma importância moral e está naturalmente aberta a quantos se proponham a colaborar na divulgação de nossos princípios, seja nos Estados Unidos, nos países irmãos da América Latina ou em outras nações do Mundo.

4. — Entende você que a difusão do livro espírita em Inglês, Francês ou Espanhol tem regime de urgência muito antes que o Esperanto?

— Guardo a certeza de que precisamos da divulgação do Espiritismo Evangélico do Brasil tanto em Esperanto, quanto em outras línguas da Humanidade.

Certamente que, considerando o presente e o futuro; o Esperanto é o idioma ideal, mas em se tratando dos problemas aflitivos do presente, em toda parte, o socorro espírita-cristão do Brasil é tão importante como água no incêndio... Simbolizemos o Esperanto como sendo o serviço de assistência legal. Por ele, será possível apagar-se o fogo mental da angústia que domina coletividades inteiras, mas até que ele chegue à eficiência total, é justo que se espalhe o socorro através de outras línguas... Penso que a imagem define o nosso respeito e carinho pelo Esperanto, sem desconsiderar o trabalho da divulgação dos princípios espíritas-evangélicos em outros idiomas, nos múltiplos setores da Humanidade Terrestre.

5. — Nas duas viagens, quais os companheiros e atividades espíritas que mais o impressionaram?

— Dentre os médiuns distintos que conhecemos, posso destacar Gordon Burroughs e Brooks, que atuam no “Templo Espírita dos Dois Mundos” e no “Templo Espírita de Cristo”, respectivamente, em Washington; Mrs. Argos e Mrs. Trussler, em New York; Mr. Maurice Barbanell e esposa Mrs. Sílvia Barbanell, em Londres; madame Gisele Klecka, em Paris, Dona Maria Bacelar, em Lisboa, em nos referindo às nossas tarefas espíritas-cristãs fora do Brasil, em 1965. Em matéria de mediunidade, porém, guardo no coração,

como sendo ponto mais alto para mim, em nossa visita aos Estados Unidos, este ano de 1966 o contato mais íntimo, em várias reuniões semanais com as notáveis faculdades de Mrs. Phyllis Haddad, abnegada médium do “Christian Spirit Center”, em Elon College, através de quem tive provas inequívocas da presença de minha mãe Maria João de Deus, que me falou através dela, sobre os meus problemas íntimos e tarefas espíritas no Brasil, sendo de salientar também as várias vezes em que o Espírito de Meimei, devotada amiga espiritual, se dirigiu a mim, por intermédio dela, com inesquecíveis mensagens de carinho e reconforto. Das atividades espíritas propriamente consideradas, várias foram as ocorrências marcantes que me trouxeram profunda alegria, nos países que visitamos em 1965, mas devo mencionar, por marcos indeléveis em minha vida mediúnica, acontecimentos inolvidáveis como sejam nossa primeira visita ao “Templo Espírita dos Dois Mundos”, em Washington, na tarde do penúltimo domingo de maio de 1965, quando um amigo espiritual, por médium que nos ficou inteiramente desconhecido, nos falou em Inglês da responsabilidade e significação da tarefa espírita-cristã que nos levava aos Estados Unidos, estimulando-nos a cumpri-la; a fundação do “Christian Spirit Center”, destinado a divulgar o Espiritismo Evangélico do Brasil, cuja primeira reunião se verificou

igualmente em Washington; o contato com os devotados médiuns ingleses Mr. Maurice Barbanell e sua digna Esposa, que nos trataram com inesquecível generosidade em sua residência de Londres; os encontros com vários grupos de companheiros espíritas, no Père Lachaise, junto do túmulo de Allan Kardec, em Paris, nas várias visitas que efetuamos a esse monumento; as visitas que realizamos à “Casa dos Espíritos” e à “Sociedade de Estudos Psíquicos Gabriel Delanne”, igualmente em Paris; o entendimento com os nossos amigos espíritas de Portugal, comandante Isidoro Duarte Santos e sua Esposa Dona Maria Raquel e o casal Sr. Mário e D. Maria Bacelar, em Lisboa; em 1966, saliento por fatos inesquecíveis para mim, o lançamento do primeiro livro de nossos Benfeitores Espirituais do Brasil, em Inglês, “The World of the Spirit”, no dia 17 de maio deste ano em New York; e o encontro com a mediunidade consoladora de Mrs. Phyllis Haddad, em Elon College, no Estado da Carolina do Norte.

6. — Tendo nosso querido Waldo Vieira transferido sua residência para o Rio de Janeiro, “Ondas de Luz”, que sempre os viu juntos em suas entrevistas, perguntaria: como você viu essa mudança?

— Vi a mudança do nosso caro Waldo para o Rio com o pesar de todos os companheiros e amigos de Uberaba, principalmente os da “Comunhão Espírita Cristã” que sempre encontramos nele um

apoio e um exemplo, inspirando-nos e sustentando-nos em serviço. Waldo não é tão somente o médico abnegado e o médium espírita que conhecemos e admiramos, mas igualmente o amigo e o condutor de quem não estimaríamos separar. Acontece, porém, que em se especializando no Japão, desejou ele ampliar horizontes e estudos no Rio e, de nossa parte, não podíamos transformar afeição e agradecimento em egoísmo e cativeiro. Conquanto sentindo imensamente a falta dele, vimo-lo partir reconfortados, todos nós, por vê-lo feliz, seguindo ao encontro de novas conquistas e experiências. Estamos, porém, convencidos de que ele continuará sendo o missionário da luz e do bem, tanto no Rio ou em outras cidades do Brasil ou do Mundo, como tem sido junto de nós em Uberaba, e desejamos reafirmar que ele prossegue, em qualquer parte, na condição de credor de nossa veneração, reconhecimento, apreço e carinho, para quem rogamos diariamente as bênçãos de Deus.

.Francisco Cândido Xavier

.Emmanuel

“POR QUE ESTADOS UNIDOS”^N

A propósito do assunto, [QUESTÃO 3] transcrevemos o texto do mencionado

artigo de S. J. Haddad, nosso digno confrade residente em Elon College, Estado da Carolina do Norte, nos Estados Unidos, para que nos compenetremos quanto à importância da divulgação do Espiritismo, como é praticado no Brasil, nos demais países do mundo:

“A História nos tem demonstrado que os grandes movimentos, que tinham por finalidade abrir novos horizontes do pensamento e do sentimento, ultrapassaram sempre as fronteiras dos países onde tiveram seu berço.

A isso não poderia escapar a Doutrina Espírita.

O caro leitor sem dúvida concordará conosco que a Doutrina dos Espíritos, no seu desdobramento evangélico, está indiscutivelmente enquadrada na categoria dos grandes movimentos da Terra. Em tempo algum da vida no Planeta existiu doutrina tão admiravelmente racional, simples e acessível e que, no dizer de distinto confrade, “tem uma resposta para todas as perguntas”.

As luzes e consolações que há um século vêm sendo derramadas sobre a bendita terra brasileira, aliadas às obras do bem, constituem fenômeno quiçá único na História da Humanidade.

Senão, vejamos se, em alguma época, houve na Terra um influxo, se houve, na História, algo que se pudesse comparar com a caridade e o amor fraterno e

desinteressado que o Espiritismo cristão tem produzido e distribuído na Terra de Santa Cruz, em semelhantes condições; ou se houve, no passado, uma eclosão de fenômenos mediúnicos, dos mais variados e maravilhosos, com objetivos essencialmente espirituais, no país inteiro. Tudo isso, caro Leitor, está indicando que, pela força mesma das coisas, esses acontecimentos no Brasil haveriam de repercutir para além das suas fronteiras. Podemos ir mais adiante, em supor que a Doutrina Espírita cristã, que teve como berço principal, na vivência do Evangelho, as terras brasílicas, sob a respeitável liderança da Federação Espírita Brasileira, fora ali como que providencialmente abrigada e nutrida, para fins universais.

Assim também o foi a missão do Evangelho de Nosso Senhor Jesus-Cristo, cuja mensagem ultrapassou as acanhadas fronteiras da Palestina, indo às mais longínquas partes do mundo, nos tempos ainda de navegação à vela.

Não estranhemos, pois, se, pelos conselhos de seus Guias Espirituais, dois muito conhecidos e queridos médiuns brasileiros seguiram de bom ânimo os apelos do Alto, fazendo a caridade de estender mãos fraternas a irmãos de outros países, tão necessitados de nossa confortadora Doutrina quanto os irmãos de sua terra natal. E, muito compreensivelmente, a sementeira dos princípios espíritas-evangélicos do Brasil

é, agora, iniciada nos Estados Unidos da América do Norte, aproveitando-se o veículo da língua inglesa, hoje a mais lida e falada no Planeta, de modo a difundir-se o Cristianismo redivivo na Doutrina Espírita, através do maior número de comunidades humanas, com a urgência desejada, embora aceitemos, em todas as nações, a excelência do Esperanto, destinado a ser a ponte de comunhão linguística de todos os povos do futuro.

Foi assim que Chico Xavier e Waldo Vieira nos vieram dar a mão aqui nos Estados Unidos da América, começando pelo lançamento do livro intitulado “The World of the Spirit”, seguido de traduções mediúnicas de mensagens, e de mensagens recebidas diretamente em Inglês.

As suas duas breves visitas tiveram repercussão de incalculável alcance, lançando as bases de uma obra que, embora ainda pequena, poderá com as bênçãos do Alto, atingir proporções respeitáveis.

Se as notícias das suas primeiras visitas causaram surpresas nos meios espíritas brasileiros, nós também, os domiciliados nesta terra generosa, as recebemos agradavelmente surpreendidos, agradecendo-lhes a cooperação fraternal, especialmente em relação ao nosso caro Chico Xavier, que sabemos pouco viajara, mesmo no seu próprio Estado de origem.

Em seguida, porém, foram-se clareando os panoramas, tanto para nós outros como

para muitos dos nossos bondosos confrades no Brasil. Princípios também a notar que, de parceria com as atividades de divulgação no Plano físico, houve também aproximações na Esfera invisível, conforme mensagens do Irmão X e outras comunicações recebidas, aqui, em Elon College no “Christian Spirit Center”.

As traduções psicográficas de mensagens se intensificaram, bem como a recepção de páginas em língua inglesa. Entretanto, os Guias Espirituais dos dois infatigáveis médiuns apontaram-lhes a necessidade de aprendizado da língua inglesa, a fim de que as recepções de mensagens neste idioma se tornem menos difíceis e mais rápidas. Daí também a necessidade de suas ausências do Brasil e do seu treinamento intensivo em estudos do inglês, o que vêm fazendo com admirável progresso, pontualidade e dedicação.

Não nos esqueçamos de que, nós outros, os cristãos de todas as correntes religiosas, nos achamos atualmente numa civilização fulgurante, sob o ponto de vista da inteligência, mas ameaçada, no cerne, pelo materialismo destruidor, a corromper-lhe as mais robustas energias do coração.

Auxiliemos, pois, e estimulemos tanto quanto nos seja possível, esses incansáveis obreiros na seara do Senhor, com as nossas preces e nosso apoio fraterno, para que eles possam vencer, com a sua parte, nesta nova e ingente

tarefa da mensagem espírita cristã do Brasil
ao mundo angustiado de hoje.
Ellon College, 6 de julho de 1966.”

.Elias Barbosa

[11] “**Reformador**” de agosto de 1966.



18

Chico Xavier, J. Martins Peralva e Dona Carmen Pena Perácio



“O Espírita Mineiro”, órgão da União Espírita Mineira, em Belo Horizonte, em sua edição extra de julho de 1967 estampa a valiosa entrevista, havida entre o nosso caro escritor espírita J. Martins Peralva e D. Carmen Pena Perácio, a abnegada médium que, em 1927, assistiu o desabrochar das faculdades mediúnicas do nosso estimado Xavier, em Pedro Leopoldo.

Lançando o seu diálogo com a médium Dona Carmen, começa Martins Peralva asseverando: “Uma palavra deveria se fazer ouvir neste 40.º aniversário da mediunidade de Francisco Cândido Xavier — a de D. Carmen Pena Perácio, veneranda senhora que orientou os primeiros passos do médium no seu

trabalho, juntamente com seu esposo, José Hermínio Perácio, recentemente desencarnado.”

Efetivamente, no exame do desenvolvimento das forças psíquicas do medianeiro de Emmanuel, as informações da senhora Perácio se revestem de tal valor para os nossos apontamentos, que não nos furtamos ao prazer de requisitar semelhante peça informativa para completar-nos estudos e observações.

À face disso, contando com a indulgência do entrevistador e da entrevistada, que agradecemos antecipadamente, permitimo-nos a honra de inscrever o mencionado entendimento em nosso desprezioso volume, de vez que os esclarecimentos de D. Carmen Pena Perácio clareiam, ainda mais, a história da iniciação medianímica de Chico Xavier, destinada a crescer e colaborar na difusão da Doutrina Espírita, sob a guarda de Sábios Orientadores da Vida Maior.

1. Peralva – Poderia dizer-nos alguma coisa, quanto aos motivos da aproximação do Chico da Doutrina dos Espíritos?

D. Carmen — Pois não. Em maio de 1927, adoeceu em Pedro Leopoldo uma irmã de Chico, atingida por violenta obsessão que, à época, foi considerada como loucura. Meu companheiro, José Hermínio Perácio, atendendo a pedido do Sr. João Cândido Xavier (pai do Chico), que desejava ver sua filha curada, foi a Pedro Leopoldo ver a enferma.

2. Peralva – Onde residia a senhora, na época?

D. Carmen — Morávamos na Fazenda de Maquiné, município de Curvelo, para onde a doente foi levada por meu marido, que era médium curador. Na Fazenda de Maquiné, com o auxílio de nossos protetores espirituais, sob a misericórdia do Infinito, ela obteve grandes melhoras, restabelecendo-se muito depressa.

3. Peralva – Estava presente à reunião em que Chico recebeu a primeira mensagem do Plano Espiritual? Como se iniciou Chico na mediunidade, no desdobrar dos acontecimentos a que a senhora se refere?

D. Carmen — Na segunda quinzena de junho de 1927, meu marido e eu acompanhamos a irmã de Chico a Pedro Leopoldo, com a alegria de restituí-la ao lar, curada da obsessão de que fora acometida, aí demorando-nos por alguns dias. Compreendemos então que os nossos irmãos em Pedro Leopoldo necessitavam de um grupo espírita evangélico. Meu esposo e eu, com alguns companheiros, fundamos o Centro Espírita Luiz Gonzaga, que ali funciona até hoje. Lembro-me de que na sessão pública de 8 de julho de 1927 (o Centro iniciante funcionava então numa residência particular), ouvi um amigo espiritual aconselhando para que o Chico tomasse o lápis, a fim de experimentar a psicografia; transmiti a recomendação e o Chico obedeceu imediatamente, recebendo de maneira muito rápida várias páginas que foram assinadas por um

benfeitor do Alto. Ficamos todos muito contentes com o fato, sendo que, daí a dois dias, voltávamos para a nossa casa de Maquiné. Chico acompanhou-nos para ficar em nossa companhia alguns dias na fazenda e, aí, na primeira reunião mediúnica que efetuamos, após a chegada, no momento das orações, com aquela humildade que sempre o acompanhou, perguntou-nos se “podia fazer parte em nossas preces”, o que, naturalmente, foi permitido com muita alegria para mim e para o meu companheiro.

4. Peralva – Que aconteceu, de novo, então?

D. Carmen — Durante a reunião, enquanto estávamos pedindo, em oração ao Senhor, pela conservação das melhoras de nossa irmã, que havíamos deixado em Pedro Leopoldo, ouvi uma voz suave, doce, tão cativante que logo reconheci não pertencer a qualquer criatura encarnada. A voz declarava ser “Emmanuel”, amigo espiritual do Chico. Depois de começar a ouvi-lo, surgiu à minha visão mediúnica uma bela entidade, com vestes sacerdotais e apresentando aura tão brilhante que, através da luz que irradiava, eu podia ver seu rosto calmo, tranquilo e sorridente. Depois de identificar-se como sendo Amigo Espiritual do jovem amigo ali presente conosco, recomendou-me: “Irmã, fale ao Chico para tomar papel e lápis”. Imediatamente, providenciamos a busca desse material sob forte emoção.

Alguns instantes depois, Chico passou a receber uma mensagem; terminada a psicografia, vimos que essa mensagem orientava a continuação do tratamento de nossa irmã e era assinada por sua mãe, Maria João de Deus, que tantas vezes lhe aparecera, através da vidência mediúnica e com ele conversado.

5. Peralva – Como receberam esse acontecimento?

D. Carmen — Com muita alegria, porque em seus dizeres maravilhosos essas páginas traziam sadios conselhos para todos nós, os necessitados de amparo espiritual, com instruções muito importantes para a doente que fora recuperada, para mim que também me achava no início do desenvolvimento mediúnico, para meu marido e para Chico, a quem a mensagem despertava para a grande missão que trazia; quanto a meu marido, a mensagem incentivava-o para as tarefas curativas, na aplicação dos fluidos magnéticos que ele possuía, em benefício dos sofredores.

6. Peralva – Quer dizer, dona Carmen, que a senhora identificou a presença de Emmanuel, junto de Chico, antes dele mesmo?

D. Carmen — Sim. Nosso caro Chico somente passou a percebê-lo, mediunicamente, quatro anos mais tarde, em 1931.

7. Peralva – A senhora pode explicar a razão disso?

D. Carmen — Amigos Espirituais me disseram, por várias vezes, que ele acompanhava Chico, de muito perto, desde a infância e que, ainda depois dos seus primeiros passos na mediunidade, ele, Emmanuel, o observava e protegia, deixando que outros amigos desencarnados lhe exercitassem as faculdades na mediunidade escrevente, antes que ele pudesse começar com ele a grande tarefa dos livros psicografados.

8. Peralva — Com respeito à tarefa dos livros mediúnicos, a senhora observou mais alguma coisa?

D. Carmen — Sim. Numa de nossas reuniões dos primeiros tempos do “Centro Espírita Luiz Gonzaga”, em Pedro Leopoldo, me foi mostrado um quadro fluídico que, na época, nenhum de nós entendeu; mediunicamente, vi que do teto estava “chovendo livros” sobre a cabeça de Chico e sobre todo o nosso grupo. Mais tarde, quando foi publicado o “Parnaso de Além-Túmulo”, vim a saber, através de um Espírito amigo, que a visão fora criada por Emmanuel que desejava avisar-nos, simbolicamente, quanto à missão que o Chico viria a desempenhar, recebendo livros do Plano Espiritual. Posso dizer que o quadro da “chuva de livros” foi maravilhoso. Decorridos quase quarenta anos, guardo ainda em minha visão como se tudo isso tivesse acontecido ontem.

9. Peralva — A senhora e seu esposo continuaram

na Fazenda de Maquiné?

D. Carmen — Pouco tempo depois de maio de 1927, recebemos conselhos dos Amigos Espirituais para transferirmos residência para Pedro Leopoldo, pois, com a presença do meu companheiro, o desenvolvimento de nosso estimado Chico se faria com maior facilidade. Sempre dedicamos ao Chico especial afeição e assim nos foi muito agradável a mudança da Fazenda de Maquiné para Pedro Leopoldo, onde continuamos sob as ordens de nossos Guias. Além de nossas sessões habituais no Centro, reuníamos-nos, meu marido, Chico e eu. Depois de algum tempo de muitas mensagens familiares e íntimas, começou Chico a receber poesias comoventes e lindas, assinadas por poetas que não conhecíamos, nem mesmo de nome. Havia noites em que até mesmo três poesias eram psicografadas. Já possuíamos bastante material, quando meu companheiro sugeriu ao Chico escrevesse ao Sr. Manoel Quintão, naquele tempo diretor da Federação Espírita Brasileira, sobre o assunto, explicando o que estava acontecendo e pedindo orientação.

10. Peralva – Quintão respondeu logo?

D. Carmen — Imediatamente. Disse-nos, em carta ao Chico, que havia lido as poesias que ele lhe enviara, pedia a remessa de outras mensagens que tivéssemos nas mãos e comunicava-nos que a Federação providenciaria a

publicação de um livro com elas, surgindo, então, o “Parnaso de Além-Túmulo”. O Sr. Quintão deu-nos grande estímulo.

11. Peralva – E depois?

D. Carmen — Depois vieram outras mensagens maravilhosas, de outros Espíritos. Vários companheiros encarnados; entre eles meu marido, o Juquinha, se devotaram então com mais ardor pela consolidação das tarefas do “Centro Espírita Luiz Gonzaga” que merecia, cada vez mais, as nossas atenções.

12. Peralva – Ficaram muito tempo, em Pedro Leopoldo?

D. Carmen — Seis anos, de 1928 a 1934. Premidos por necessidades materiais, mudamos para Belo Horizonte, onde continuamos até hoje, ficando como Presidente do Centro, naquela época, José Cândido Xavier, irmão do Chico.

13. Peralva – Conte-nos algo de que se lembre, relativamente à presença de Chico nas reuniões.

D. Carmen — Além das mensagens que nos instruía e confortavam tanto, inúmeras vezes éramos surpreendidos por fatos interessantes, como pétalas que caíam do teto, junto a nós; e perfume de rosas no ambiente.

14. Peralva – Como a irmã recorda aqueles dias que já se vão tão longe?

D. Carmen — Com muita emoção e saudade? São quarenta anos que se foram

e aqueles dias maravilhosos jamais poderão ser esquecidos. De joelhos, peço sempre ao Nosso Pai de Amor cada vez mais luzes e forças espirituais para o nosso bondoso Chico.

.Francisco Cândido Xavier

.Emmanuel